

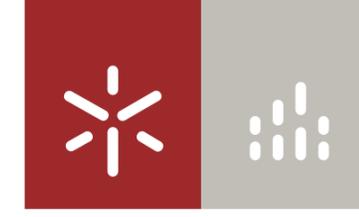


Volume I

De Campo de futebol a Campo de relações:
no difuso de Guimarães através de 54 Campos

António Miguel Portela Pires Fernandes

UMinho | 2017



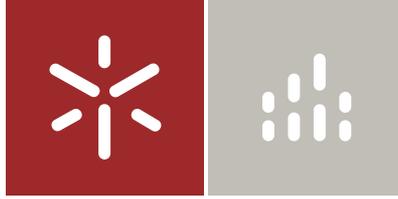
Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

António Miguel Portela Pires Fernandes

De Campo de futebol a Campo de relações:
no difuso de Guimarães através de 54 Campos

Volume I

janeiro de 2017



Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

António Miguel Portela Pires Fernandes

De Campo de futebol a Campo de relações:
no difuso de Guimarães através de 54 Campos

Volume I

Dissertação de Mestrado
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitectura
Cidade e Território

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Cidália Maria Ferreira Silva

"You don't have to like something to learn from it."

Robert Venturi

*Aos meus amigos, família e professores,
Obrigado.*

Esta investigação consiste num estudo sobre o papel do *Campo de futebol* no território difuso contemporâneo do Vale do Ave.

Neste trabalho, a dimensão popular do Campo de futebol é o pretexto para uma leitura despretensiosa das transformações socio-espaciais a que a amostra recolhida está sujeita, traduzindo-as em matéria de interpretação territorial.

“Os jogadores foram substituídos por uma vaca e mil quadrados” e *“O relvado foi transformado em pelado e a relva transferida para decorar rotundas”* são os dois capítulos que estruturam e refletem sobre o material recolhido. Enquanto, no primeiro, se identificam as múltiplas formas e usos do Campo – num registo cíclico – entre o futebol e o social; no segundo abordamos as relações e processos de transformação entre Campo e território numa temporalidade linear.

Como consequência da escala da amostra, o trabalho resulta ainda numa catalogação dos 54 Campos interpretados, que são reunidos e compilados num segundo volume onde se sistematizam as informações recolhidas durante o processo de investigação.

ABSTRACT

This work consists in an investigation about the role of the soccer Field in the contemporary diffuse territory of Vale do Ave.

In this work, the popular dimension of the Soccer field is a pretext to a unpretentious interpretation of the social and space transformations that the collected sample is subjected, translating them in territorial interpretation material.

“The players have been replaced by a cow and a thousand squares” and *“The Turf has been transformed into bare and the turf transferred to decorate roundabouts”* are the two chapters that structure and work on the collected information. In the first one, we report on the multiple forms and uses of the field – in a cyclical timeline – between football and social; in the second we discuss the relations and transformations between field and territory in a linear timeline.

As a result of the large scale of the chosen sample, the work presents a catalog of the 54 Soccer fields interpreted, that are compiled in a second volume where the information collected through the investigation process is systematized.

SUMÁRIO

v

NOTAS PRÉVIAS

1

FINITAR EQUÍVOCOS

6

ESTÁDIO *versus* CAMPO

MODELO COMPACTO *versus* MODELO DIFUSO

7

FUTEBOL POPULAR *versus* FUTEBOL AMADOR

8

FUTEBOL PROFISSIONAL *versus* FUTEBOL AMADOR

9

METODOLOGIA

12

DA VIAGEM

DA REPORTAGEM

14

DA TRIAGEM

16

AMOSTRA

20

OS 22 JOGADORES FORAM SUBSTITUIDOS POR UMA VACA E MIL QUADRADOS

25

A CULPA É DA GEOMETRIA

26

DO QUINTAL DO SR. SILVA

28

NÃO É FÁCIL... ANTES DO JOGO IR AQUECER, DESCER E DEPOIS

31

REGRESSAR

O SEGREDO É O ALEATÓRIO

32

ENTRE TREINOS DIÁRIOS, JOGOS SEMANAIS E FESTAS ANUAIS

36

MODALIDADES DE VERÃO

37

DEPOIS FICA NESTAS CONDIÇÕES QUE SE VIU AGORA

41

DOIS LAYERS

44

O RELVADO FOI TRANSFORMADO EM PELADO E A RELVA TRANSFERIDA PARA DECORAR ROTUNDAS

47

O NOSSO SONHO É ACABAR O COMPLEXO DESPORTIVO, MAS POR ENQUANTO APENAS INAUGURAMOS A SECRETARIA

48

RUA DO CAMPO DA BOLA I, RUA DO CAMPO DA BOLA II E RUA DO CAMPO DA BOLA III

57

UMA PARCERIA SAUDÁVEL

60

O CAMPO JÁ TEM DESTINO: PODERÁ SERVIR PARA AMPLIAR O CEMITÉRIO LOCAL

63

O PROBLEMA É DEMOGRÁFICO

64

NÃO TEMOS CONDIÇÕES, OS JOGADORES SENTEM-SE ABANDONADOS

66

MAPAS SÍNTESE

69

BIBLIOGRAFIA

111

SÍTIOS DA INTERNET

121

ANEXOS

125

Na presente investigação propõe-se refletir acerca do objeto de estudo *Campo de Futebol* no território difuso contemporâneo do Vale do Ave.

O trabalho começa por explicitar a aproximação realizada, estruturando-a em três *jogadas*: *Fintar equívocos*, *Metodologia* e *Amostra*. A primeira contextualiza o Campo no seu âmbito territorial e futebolístico recorrendo para tal a um *duelo com o seu rival direto (o Estádio)*. A *Metodologia* informa sobre o processo de aproximação, reconhecimento e catalogação repartindo-o por três etapas: *Viagem*, *Reportagem* e *Triagem*. Por fim, na *Amostra*, definem-se os contornos da mesma, situando-a dentro do território do Vale do Ave, percebendo, para isso, a importância das funções religiosa, industrial e administrativa na disseminação deste mapa territorial.

“Os jogadores foram substituídos por uma vaca e mil quadrados” e *“O Relvado foi transformado em pelado e a relva transferida para decorar rotundas”* são os dois capítulos sobre os quais, seguidamente, se organiza a interpretação do material recolhido. Se, no primeiro, se reporta às múltiplas formas e funções do Campo e se focam os usos que vão sendo substituídos – num tempo cíclico – entre o futebol e o social; no segundo são abordados os processos de transformação entre Campo e território numa temporalidade linear.

O primeiro capítulo desenvolve-se em três partes fundamentais, a saber: em *“a culpa é da geometria”*, abordam-se configurações e usos, partindo do programa desportivo até ao programa social; *“entre treinos diários, jogos semanais e festas anuais”*, explicita os usos cíclicos do Campo, dentro e fora do calendário futebolístico e da prática da modalidade; *“depois fica nestas condições que se viu agora”*, trata das relações entre essas mesmas apropriações e a materialidade da superfície de jogo.

O segundo capítulo, igualmente subdividido em três partes, começa com *“O nosso sonho é acabar o complexo desportivo, mas por enquanto apenas inauguramos a secretaria”*, onde se sublinha a importância dos objetivos desportivos e do sonho como catalisadores da mutabilidade destes espaços. O Campo como agente de transformação do território é entendido na *“Rua do Campo da Bola I, Rua do Campo da Bola II e Rua do Campo da Bola III”*, que nos levam da implantação do Campo à transformação do lugar. Por fim, ao ler *“O Campo (...) poderá servir para ampliar o cemitério local”* reconhece-se ainda o Campo como reagente e dispositivo de interpretação territorial.

Completamos este trabalho com a catalogação dos 54 Campos presentes na amostra, que reunimos e compilamos num segundo volume onde a informação relativa a cada Campo é agregada e ordenada alfabeticamente.

6 *FINTAR* EQUÍVOCOS

De modo a *fintar* possíveis equívocos no que refere à interpretação do tema em que se insere este estudo, importa tornar desde já explícita a delimitação da fronteira entre aquilo sobre o que se pretende incidir e aquilo que não.

Por esse motivo, o *confronto* entre os conceitos que se seguem procura evidenciar uma manifesta oposição entre o que, respetivamente, não interessa e interessa à investigação.

ESTÁDIO *versus* CAMPO

Embora as diferenças entre os dois dispositivos se aparentem claras, estas não se encontram traduzidas em definições oficiais que nos permitam compará-los ou classificá-los, rigorosamente.

Regulamentado através da primeira¹ das 17 Leis de Jogo instituídas pelo órgão máximo do futebol (*Fédération Internationale de Football Association*, vulgarmente conhecida pela sigla FIFA), o espaço por este intitulado “terreno de jogo” parece ser o único denominador comum entre ambos, repetindo-se a espacialidade mas não as suas dimensões, orientações ou tipos de superfície. Enquanto o retângulo de jogo do Estádio dispõe dos requisitos recomendados à prática futebolística, o Campo reúne as condições mínimas.

O Estádio é um objeto arquitetónico de grande complexidade programática mas de variação tipológica relativamente reduzida. Por sua vez, o Campo tem instalações mínimas ou inexistentes mas ao mesmo tempo infinitas variações tipológicas.

Um exemplo concreto de programa obrigatório num Estádio, mas opcional num Campo, é a bancada. O Estádio tem uma grande capacidade de lotação das bancadas, ao passo que o Campo, ou carece de uma, ou a que tem é de reduzida lotação. Se no primeiro os adeptos podem assistir ao jogo confortavelmente sentados e cobertos;

¹ ANEXO 1. Leis de Jogo FIFA. Lei 1 - O terreno de jogo, p. 126.

no segundo, o melhor dos cenários passa pela existência de degraus irregulares em cimento.

Estádio e Campo diferenciam-se ainda nas relações que cada um estabelece com o exterior. O Estádio é fechado em si próprio. O Campo vive da comunicação constante interior-exterior ou exterior-interior. Por outras palavras, o Estádio define-se pelos seus limites; o Campo, pelas suas relações.

O Estádio é um projeto acabado, devidamente regulamentado, de rigidez e rigor pré-estabelecidos. O Campo é um projeto em aberto, de grande versatilidade e improvisado, uma construção inacabada e permanentemente instável.

A própria sinalética da estrada também ajuda à separação dos conceitos. Havendo sempre consenso na designação do Estádio, o mesmo não acontece no que ao Campo diz respeito. *Campo da Bola, Campo de Jogos, Campo de Futebol, Complexo Desportivo, Recinto Desportivo, Parque Desportivo, Parque de Jogos, Zona Desportiva, etc.*, são nomes que resumem a indefinição destes lugares em oposição ao Estádio.

MODELO COMPACTO *versus* MODELO DIFUSO

Associados aos espaços referidos na jogada precedente estão dois modelos de ocupação territorial distintos. O Estádio pertence ao modelo de povoamento compacto – cidade –, o Campo ao modelo difuso – *território entre cidades*.²

Integrante e interveniente num meio densamente povoado e com alta concentração de espaços e equipamentos públicos, paradoxalmente, o Estádio trata-se de um espaço ao qual apenas é permitido aceder pagando bilhete em dia de jogo.

² SILVA, Cidália. *Dissipar equívocos: saber ver o território contemporâneo*, p. 38.

No modelo difuso, em que é reconhecida a carência ao nível do espaço público¹, o inverso acontece, com o Campo a poder ser muitas vezes reconhecido como tal. O difuso não *vive* dos lugares comuns da cidade compacta. *Não estamos perante tipologias habituais de espaço público em arquitectura e urbanismo. Não há praças, avenidas ou alamedas*², mas há largos de igrejas, parques de lazer e campos de jogos.

¹ DOMINGUES, Álvaro. *Formas e escalas da urbanização difusa: interpretação e intervenção no NO de Portugal*, p. 51.

² DOMINGUES, Álvaro. *A rua da Estrada*, p. 123.

FUTEBOL MEDIÁTICO *versus* FUTEBOL POPULAR

Remetendo aqueles que ao Estádio se deslocam, para apoiar as suas cores, a uma minoria, o futebol mediático é cada vez mais difundido e discutido através da televisão.

Seja da bancada, da esplanada do bar ou da janela da sala de estar (fazendo do vão ecrã), o futebol popular só é visto em Campo. Com centro no bar da sede do clube, expandindo-se até cafés próximos sem nunca ultrapassar os limites das freguesias fronteiriças, e por norma, rivais, a discussão à sua volta é unicamente gerada dentro deste raio de contaminação.

O Estádio é palco para acontecimentos de massas, *instalação para atos mediáticos*³, sejam eles jogos de futebol, festivais de música ou corridas de carros.

³ MUNTADAS, Antoni. *Stadium*, p. 63.

Do seu adversário pode depreender-se o oposto. O Campo é, antes de mais, um *suporte físico de sociabilidade*⁴, um lugar coletivo e de partilha onde *muitas vezes o jogo se torna num mero pretexto para o encontro*.⁵

⁴ DOMINGUES, Álvaro. op.cit., p. 124.

⁵ SCIFONI, Simone. *Parque do Povo: um património do futebol de várzea em São Paulo*, p. 136.

Nesta lógica, o bar emerge como programa dinamizador de outras práticas que, neste ambiente, se podem considerar complementares ao futebol.⁶ Jogos de cartas, o jogo da malha, ou outras tradições populares contribuem para perceber não só a variabilidade de ocupações deste espaço, mas também a sua construção identitária.

⁶ idem.

A forma de subsistência dos clubes é outro motivo distanciador.

Enquanto a relação do primeiro futebol com os *media* gera, praticamente de forma direta, patrocínios vantajosos de empresas de escala e poder globais; o segundo depende essencialmente dos apoios de pequenas *empresas locais quase desconhecidas*⁷ que em muitos casos apenas garantem os mínimos para a manutenção de clubes habituados a seguir em frente orientados pela linha-limite da bancarrota.

⁷ AMADO, Miguel. *Em torno das fotografias de «Uma cidade de futebol»*, p. 154.

No futebol popular, um fator crucial à sua manutenção será, indiretamente, a apropriação dos espaços pelas gentes da terra – monopolizando-os, dinamizando-os, conferindo-lhes significado(s), *dando-lhes vida*.

FUTEBOL PROFISSIONAL *versus* FUTEBOL AMADOR

O futebol profissional é comandado por entidades empresariais para as quais os jogadores trabalham, e pelas quais são pagos para jogar. Aos amadores *ninguém lhes paga para jogar*⁸, antes pelo contrário, são eles que investem no ofício comportando despesas tais como o seu próprio material desportivo⁹ ou até mesmo as deslocações aos redutos adversários. *O único bem material que recebem é uma bifana no fim do jogo, acompanhada de uma mini ou de um Sumol*¹⁰ financiados *por rifas ou dinheiro dos próprios dirigentes*.¹¹

⁸ COELHO, João Nuno. *O verdadeiro futebol*, p. 7.

⁹ idem.

¹⁰ idem.

¹¹ DEUSDADO, Daniel. *O princípio*, p. 9.

No que à organização diz respeito, o primeiro beneficia de uma estrutura devidamente consolidada e eficiente, com departamentos especializados em diferentes âmbitos de ação. O segundo prima pela falta de uma. Aqui, o destino dos clubes é liderado pelo povo e pela sua popular desorganização, que se traduz em associações frágeis e instáveis.¹²

¹² SCIFONI, Simone. op.cit., p. 132.

Os clubes profissionais são regulados com elevada exigência e rigor aos mais variados níveis, desde o desempenho da equipa ao

10 cumprimento das regras da FIFA. No contexto amador prevalece a flexibilidade ou até mesmo a ausência de regras.

Ficam, portanto, *fora-de-jogo* o objeto Estádio, o modelo de cidade compacto, o futebol mediático e profissional. A investigação convoca o outro lado, o outro território, o outro futebol. *O pequeno Futebol*¹ jogado em Campos do território difuso por intervenientes populares.

¹ SILVA, João Rosmaninho. *O pequeno Futebol*, p. 28.

Partindo da afirmação de que “*o contexto determina a metodologia a usar*” (Andreas Faludi)¹ – citada por Manuel Fernandes Sá a propósito da sua investigação intitulada “O Médio Ave: novas políticas municipais” – construímos uma metodologia de aproximação fundamentada na duplicidade (território/futebol) inerente ao objeto de estudo.

¹ SÁ, Manuel Fernandes. *O Médio Ave*, p. 8.

Com base neste enunciado, definimos *a viagem* e *a reportagem* como instrumentos de aproximação a aplicar no processo metodológico adotado. O primeiro, confinado ao território difuso, inicia um processo de descoberta e reconhecimento do Campo à extensão do Vale do Ave. O segundo, vinculado ao futebol popular, complementa e baliza esta fase da investigação, propondo o acompanhamento de partidas específicas, integradas no quadro competitivo concelhio de Guimarães.

Como ferramenta de registo transversal às aproximações utilizamos a fotografia. No primeiro caso por se tratar de uma ferramenta de registo rápido que traduz a experiência contínua daquilo que observamos no movimento das viagens e ainda por permitir uma sistematização transversal ao conjunto. No segundo, pela eficácia com que fixa um determinado instante ou ação do jogo, mas também por ser o meio privilegiado pelo qual estes grupos sociais se fazem representar.

DA VIAGEM

Entre as primeiras viagens, mais curtas e intuitivas, e as últimas, mais longas e planeadas, foram realizadas nove viagens – com durações entre, aproximadamente, duas [VI3] e cinco horas de duração – a partir das quais visitamos e registamos um número total de 105 Campos de futebol. Se nas primeiras partimos à descoberta dos lugares, nas últimas procuramos identificar a proliferação do fenómeno a distâncias mais significativas.

Ao estabelecer o Polo Universitário de Guimarães como ponto de partida das viagens e a distância de 20km como raio máximo até onde nos afastamos, a área aqui considerada insere-se no sector intermédio² da bacia hidrográfica do Rio Ave, área essa da qual o conjunto percorrido corresponde apenas a parte integrante de um universo superior a 250 Campos.³ Números verificados *à posteriori*, que não só conferem a intensidade da difusão do equipamento, como podem ser simultaneamente reveladores da própria condição dispersa deste território.

² Este sector, que Manuel Fernandes Sá designa por "Médio Ave", remete na sua constituição para os concelhos de Guimarães, Braga, Famalicão, Fafe, Vizela e Santo Tirso.

³ MAPA XVI. Das viagens, p. 107.

Este instrumento de aproximação foi, ainda, especificamente pensado a partir da utilização do carro, não só por ser o meio de transporte mais rápido e eficaz (na medida em que possibilita interagir com um grande número de lugares num curto intervalo de tempo ao reduzir a duração das viagens entre campos a, aproximadamente, 10 minutos), como também pelo facto de ser deste modo que o Campo é comumente acedido.

Independentemente da sua localização raramente nos perdemos. A recorrente sinalética na estrada faz do *Campo de Jogos* um lugar de referência à extensão do território, sendo provavelmente o equipamento mais vezes assinalado nas tabuletas ao longo da rede viária do Ave.

O Campo é o fim. Poucas vezes existe continuidade viária para além dele, a estrada ou se transforma em caminho secundário ou então remata numa grande superfície de asfalto que serve como parque de estacionamento em dia de jogo.

Efetuada ao longo de um período de tempo extenso – entre 21 de Outubro de 2014 [VI1] e 3 de Dezembro [VI3] ainda no âmbito da unidade curricular de Seminário em Espaço Público e de 11 de Fevereiro de 2015 [VI4] a 5 de Abril do mesmo ano [VI9] já enquadrada

no presente trabalho de investigação – estas viagens configuram, ainda assim, um ato de aproximação incompleto que procura validar a condição territorial e relacional do Campo. Nesse sentido, tanto o número de viagens quanto a extensão do território percorrido, não se constituem como resultado fechado, refletindo antes um processo de aprendizagem aberto que pode inclusivamente ser continuado, modificado ou aplicado a outros territórios.

Contudo, a questão do ato incompleto refere-se ainda ao próprio instrumento de aproximação em si, que não nos permite absorver toda a complexidade do lugar nem responder a todas as dúvidas que, sobre ele, iam surgindo no decorrer do processo. Procurou-se, então, outro instrumento de aproximação complementar, que proporcionasse novas leituras sobre o Campo.

DA REPORTAGEM

Como o próprio nome indica, a reportagem relata a aproximação ao Campo através do acompanhamento de partidas de futebol específicas, onde se contacta diretamente com os intervenientes do jogo. Para além da fotografia, esta aproximação é também feita através de entrevistas informais, que contribuíram para o entendimento das particularidades e dinâmicas de cada lugar. Ao contrário das viagens, que se desenrolavam sem uma calendarização ou demarcação de itinerário pré-estabelecida, esta aproximação parte de uma base alusiva ao calendário oficial de jogos da temporada 2014/2015 dos Campeonatos organizados pela *Associação de Futebol Popular de Guimarães* (AFPG)¹ a partir da qual foram agendados quatro jogos em diferentes jornadas do torneio – entre 14 de Março [J01] e 30 de Maio de 2015 [J04] – tendo exclusivamente como critério não ser repetido o mesmo Campo.

¹ ANEXO 6. Calendário Geral das Provas Oficiais AFPG. Época 2014/2015, p. 152-153.

O primeiro dos jogos [J01], entre o GD S. Cristóvão e a ACRD Nespereira – visitado e visitante – referente à 19ª jornada da 2ª Divisão dos Campeonatos Populares terminaria com a vitória para os forasteiros por 0-1. O segundo [J02] a contar para a 25ª jornada da mesma competição colocou frente a frente as Panteras de Matamá e, novamente, o Nespereira que voltaria a levar de vencida a equipa a jogar em casa mas desta vez por 1-3. No terceiro [J03] e único jogo da 1ª Divisão, à 21ª jornada, o Santiago de Cadoso recebeu e venceu o Pinheiro por três bolas a uma. Por fim, o quarto [J04] e último jogo da, também derradeira, 27ª jornada da liga secundária seria resolvido com um golo solitário a beneficiar a equipa de fora: União Desportiva de Polvoreira 0 – Grupo Desportivo de São Faustino 1.

Contudo, nesta reportagem, o que menos importa noticiar são precisamente os golos ou os resultados. Para além dos 90 minutos da disputa entre equipas, é sobretudo no tempo que a antecede, nos 15 minutos de intervalo e no que sucede ao apito final, que se concentram as atenções – nos acontecimentos que, dentro e fora do terreno de jogo, eram protagonizados pelos usuários que jogavam, viam ou por outros que ali se deslocavam sem nenhum destes propósitos. Aqui, deixamos, portanto, de encontrar o Campo vazio, como quase sempre acontecera nas viagens, e passamos ao momento da sua apropriação.

As diferenças e complementaridades entre as duas aproximações (viagem e reportagem) são, por sua vez, extensíveis ao tipo de registo efetuado. Do primeiro para o segundo passamos de cinco a dez minutos em Campo para as quase duas horas do jogo e, respetivamente, de um registo focado na caracterização físicas dos lugares e território das viagens, para um estudo das suas dinâmicas e ações enquanto espaço coletivo – o *Campo social*.

Outro fator que os separa é ainda evidenciado através dos planos e posicionamento da câmara, sendo, nas viagens, privilegiada a posição do jogador – isto é, do interior do retângulo circunscrito pelas linhas brancas – e, nas reportagens, a posição do espectador, não só fora do retângulo como também, geralmente, a uma cota superior à do plano em que decorre o jogo.

Sobre os registos fotográficos provenientes das viagens importa, por último, referir que, sempre que possível (já que, em muitos casos, a condição do terreno de jogo não nos permitiu posicionar corretamente) aplicamos uma metodologia rigorosa de representação do Campo.

Fazemo-lo através da representação sistemática de planos frontais a partir de três ângulos: de baliza a baliza, de uma a outra linha lateral ou, os mais aproximados, à textura da superfície.

Assim, procuramos não só estabelecer comparações tipológicas entre objetos que servem a mesma finalidade, como também, simultaneamente, enquadrar estas geometrias, mais ou menos repetíveis, com a diversidade dos lugares que as rodeiam.

DA TRIAGEM

No entanto, a amostra com que esta investigação trabalha não coincide com o resultado da soma das sucessivas aproximações ao Campo. Em vez disso, a metodologia aqui apresentada funciona quase como um processo de filtragem que nos conduz à referida amostra.

É, portanto, a partir do entendimento territorial mais amplo do Vale do Ave e da observação do mapa futebolístico específico do Campeonato Popular de Guimarães – ou seja, tendo, ao mesmo tempo, em conta a aprendizagem e o conhecimento adquiridos ao longo dos jogos e viagens – que se seleciona o concelho de Guimarães como amostra definitiva.

O estudo desta amostra, que até aqui é feito *in situ*, passa a incorporar os registos descobertos em investigação laboratorial – *fora do campo* – nomeadamente através da pesquisa bibliográfica. Nesta, os dados que recolhemos são encontrados dispersos, provenientes de fontes distintas, normalmente direcionadas exclusivamente ao tema do futebol ou do território.

Este processo, que sinteticamente denominamos de *triagem* incorpora, para além da recolha criteriosa de documentos das distintas áreas do conhecimento, a leitura sistemática, a análise e sucessiva interpretação de periódicos, mapas, imagens e vídeos, no sentido de fundamentar teoricamente o estudo.

De entre os periódicos, aquele que se mostrou mais próximo de representar esta realidade foi o *Desportivo de Guimarães*, semanário a partir do qual concentramos a pesquisa nos meses de Julho e Agosto entre 1995 e 2007 (arquivo disponível para consulta na Biblioteca Municipal de Guimarães). Pelo facto de este ser único período do ano em que não há competições oficiais, é essencialmente no Campo ou mais concretamente na sua manutenção, requalificação e ampliação (ou projetos para tal) que se concentram as publicações. Outro aspeto a considerar relativamente ao período de tempo que esta pesquisa encerra está ligado a uma espécie de síntese onde, por um lado, se apresenta um rescaldo da época findada e, por outro, se faz a antevisão da seguinte.

No que aos mapas diz respeito recolhemos, as cartas militares à escala 1:25 000 referentes às datas de 1948 e 1976; dois levantamentos cartográficos efetuados pela Câmara Municipal datados de 1976 e 1982; e por último, os ortofotomapas de 1990, 1995, 2002 e 2010 facultados pela mesma entidade aos quais somamos outros provenientes das plataformas digitais de informação geográfica Bing Maps e Google Earth, nomeadamente os anos de 2004, 2006, 2012 e 2014.

Para as imagens e vídeos, socorremo-nos do suporte às redes sociais (facebook, instagram e twitter), blogs e páginas oficiais dos clubes em questão, já que a disseminação da informação é, nestes casos, maioritariamente da responsabilidade dos próprios intervenientes do jogo.

O resultado da análise é sistematizado e catalogado no *Volume II*, onde se organiza toda informação Campo a Campo, numa base de dados que compreende os 54 exemplares integrantes na amostra. Em cada um, apresentamos sempre o seu estado atual fotograficamente, registo que complementamos com uma sequência cronológica dos mapas recolhidos e informações relativas tanto ao Campo como ao clube que o utiliza. Sempre que possível, acresce ainda a esta informação base, alguns registos fotográficos vários.

Ao longo do *Volume I* vão sendo solicitadas as referências a estes documentos a partir das siglas dos Campos [LOC] quando a estes nos referimos, ou a uma imagem em específico que ilustre o discurso, através do seu número em nota complementar.¹

¹ 000.

Assumindo a correspondência entre um objeto e um modelo de ocupação específicos e tendo o concelho de Guimarães como caso de estudo, selecionamos – a partir da localização dos 54 Campos descobertos – um território administrativamente estruturado em 36 freguesias que coincide simultaneamente com o modelo de ocupação difusa onde residem 102 174 habitantes, cerca de dois terços do total de 158 108 habitantes do concelho.¹

¹ INE - Censos 2011. disponível em: censos.ine.pt/

Através disto, não só é possível perceber a preponderância deste modelo de povoamento no território vimaranense, mas sobretudo o reconhecimento do Campo como um dos seus *traços específicos*.²

² SILVA, Cidália. *Saber ver o Difuso no Vale do Ave*, p. 4.

A localização deste equipamento está vinculada aos processos de construção e transformação do difuso, uma vez que é da sobreposição decorrente desses processos que, ao longo do tempo, resulta a estrutura associada ao seu surgimento. Existe, portanto, uma íntima relação entre as funções – religiosa e industrial – que estão na origem da consolidação deste território e o Campo, tanto nos motivos associados à sua posição como também nas iniciativas direcionadas à sua construção.

A função religiosa permite-nos perceber que o mapa da estrutura paroquial, já estabelecida no Século XI, é similar ao mapa atual de localização dos Campos.³ Das paróquias viria a formar-se, no Século XX, a estrutura administrativa por freguesias que agora subdivide o concelho e que àquela época já estava disseminada. No decorrer do Século XX destaca-se ainda a função industrial que, através de um modelo de ocupação igualmente disperso, vem consolidar uma matriz de povoamento que funde uma condição inicialmente rural a uma nova condição urbana.⁴

³ MAPA XV. Da subdivisão administrativa e paroquial concelhia, p. 105.

⁴ *ibid.*, p. 3.

Desde o primeiro registo⁵ que noticia a introdução do futebol em Guimarães, no ano de 1914, até ao final da primeira metade de século, permanece muito diminuto tanto o número de Campos construídos como também a base de clubes.⁶ Só no início da segunda metade do século – mais particularmente durante os anos 50 e 60, quando a indústria têxtil do Ave atinge o seu apogeu – é que empresas como a Coelima [JOR], Têxteis Tarf ou, fora do concelho mas no mesmo contexto, a Riopete, tomam a iniciativa precursora de criar os seus próprios clubes de futebol. A partir daí, não raras vezes acontecia o presidente do clube coincidir com o proprietário da fábrica⁷ e os operários com os jogadores.

Contudo, tão rápida foi a ascensão destes clubes como a queda e consequente extinção, provocada pela crise industrial que, logo em seguida, afetaria profundamente este tecido empresarial. Não obstante, a indústria do Ave permanece ainda hoje, com outras limitações, como um importante alicerce financeiro dos clubes continuando a cumprir-se a tradicional relação entre os donos das fábricas e os dirigentes do futebol. Do conjunto de equipas que teve como principal motor a função industrial resiste ainda o Clube Operários de Campelos [NOV] cuja denominação e respetivo símbolo comprovam a condição ligada à sua fundação.

No final dos anos 60 evidenciam-se, paralelamente aos anteriores, alguns clubes cuja génese reside na proximidade à função religiosa. Os Campos da Juventude de Ronfe [RO1] e da União Desportiva de Airão [AIR] são dois dos exemplos que por essa década foram implantados em terrenos de propriedade paroquial⁸, sendo este último inclusivamente designado *Campo Paroquial Santa Maria de Airão*.¹ A simbologia de muitos destes clubes inclui também representações alusivas aos Santos Padroeiros das freguesias ou à Igreja Paroquial da localidade a que pertencem.⁹

⁵ SIMÕES, J. Santos. *Futebol Vimaranesse: das origens aos estádios*, p. 13.

⁶ MAPA XIV. Cronologia das relações entre Clubes e Campos, p. 104.

⁷ MORRIS, Desmond. *A tribo do futebol*, p. 25.

⁸ “Esta área aqui pertence toda à paroquia.” FERREIRA, Eduardo [pres. do Airão]. Airão vs Briteiros. disponível em: [videos.sapo.cv/ZZTKvinwlnTqe0yOqm9U](https://www.youtube.com/watch?v=ZZTKvinwlnTqe) (01’20”)

¹ 044.

⁹ Simbologia catalogada no Volume II.

O acontecimento que marca definitivamente uma forte expansão na generalidade da prática desportiva no concelho¹ é a Revolução de Abril de 1974. A criação de novas infraestruturas, principalmente campos de futebol², que se sucede nos anos seguintes à instauração da democracia passa a dever-se, em grande medida, às mais diversas intervenções político-partidárias.³

No decorrer das décadas seguintes, todas as freguesias foram reivindicando a construção do seu próprio Campo, sendo aliás recorrente a inclusão da iniciativa para a sua construção no programa eleitoral dos diferentes partidos políticos. No limite, por se tratar de uma construção que requer apenas uma máquina retroescavadora e pouco tempo de trabalho, alguns Campos terão sido inaugurados em plena campanha eleitoral mesmo antes de concluídos todos os procedimentos necessários à prática do jogo.

¹ *Desporto em Guimarães: dos primórdios à atualidade*, p. 2.

² *idem*.

³ COSTA, A. Silva. *Portugal, país de futebol*, pag. 32; ou a origem do São Faustino, clube nascido a pedido do pres. da Junta de Freguesia, que adianta: “*ia para as reuniões da câmara e lá eles diziam que aqui não havia nenhuma ação em termos de cultura e então pediu-me. Nós fundamos o clube, Grupo Desportivo de São Faustino, e então a partir daí isto desenvolveu-se...*” S.Faustino vs Castelões. disponível em: [videos.sapo.cv/E8bhLqKGfVdo](https://www.youtube.com/watch?v=E8bhLqKGfVdo) (04'40")

*OS 22 JOGADORES FORAM **SUBSTITUIDOS POR**
UMA VACA E MIL QUADRADOS*

A CULPA É DA GEOMETRIA

O Campo metaforiza um território de paradoxos e contradições. Havendo sempre um retângulo, o elemento fixo, tudo o resto muda. Assim, ao contrário do que seria espectável, nem o próprio terreno de jogo ajuda à uniformização. A começar nas medidas e orientações que variam de Campo em Campo, a existência ou não de bancada, balneário ou bar confere um sem-fim de morfologias e tipologias ao equipamento.

Apesar de altamente recomendado que o Campo meça 105m x 68m¹, não existe, nesta amostra, um único exemplar que satisfaça esta condição. Aliás, nem sequer há dois Campos com o mesmo comprimento e largura. As medidas de que mais se aproximam são as dos requisitos mínimos: 90 metros de comprimento por 45 metros de largura [ALD].²

Se, na teoria, este é um dos fatores que faz do jogar em casa uma vantagem, porque a equipa da casa pode avaliar as distâncias com maior precisão que os visitantes;³ na prática, os maus resultados domésticos das Águias Negras [TAB]⁴ são-nos justificados numa perspetiva divergente – apontando as culpas à geometria: “O nosso campo é de pequenas dimensões. Geralmente as pessoas vem para aqui, ou os clubes vem para aqui um bocado fechados... nós tentamos ganhar porque jogamos geralmente ao ataque, mas eles no contra-ataque têm-nos ganho quase sempre.”⁵ Quem o diz é o próprio presidente do clube, Paulo Oliveira.

Simultaneamente à dimensão, a própria disposição da forma nos lugares é, também ela, paradigmática das contradições implícitas no critério (ou falta dele) associado ao processo de implantação do Campo. *Se orientado a Nascente Poente, o terreno de jogo, torna-se, não poucas vezes, um adversário à altura das partidas. Especialmente quando estas se arrastam pela tarde ficando o sol diante dos olhos*

¹ ANEXO 2. *Estádios de Futebol. Recomendações e requisitos técnicos – Área de jogo*, p. 138-139.

² MAPA I. Das dimensões e orientações, p. 71.

³ MORRIS, Desmond. op.cit., p. 33.

⁴ MAPA I. Das dimensões e orientações, p. 73.

⁵ Tabuadelo vs Arcos de Baulhe. disponível em: youtu.be/pf_Eribam3U

*dos pontas de lança ou dos centrais, se do outro lado.*⁶ Por isso, e atendendo ao facto de quase todos os jogos serem disputados em horário coincidente com o final de tarde, a orientação norte-sul seria *frequentemente considerada a ideal.*⁷ Contudo, nem assim se verifica uma orientação predominante que reduza a influência desta componente no jogo. O Campo dispara em todos os sentidos, inclusive nos mais desaconselháveis.

Por sua vez, as dimensões e disposições dos vários programas de apoio ao Campo não têm as normas pelas quais se rege o espaço entre as quatro linhas. Se já no que respeita ao retângulo de jogo o conjunto de condicionantes não é, de todo, seguido, no programa, “sem regras”, as variações formais e funcionais são inesgotáveis.⁸

Divisível em duas categorias – desportiva e social – estes servem necessidades específicas do Campo que implicam uma relação de complementaridade e suporte não só à atividade desportiva dos clubes mas também à vida social dos lugares.⁹

O *programa desportivo* está quase exclusivamente vinculado à prática futebolística, dos treinos às competições. Os balneários, bancadas, bilheteiras, gabinetes vários (administrativo, médico, técnico), secretaria, rouparia, massagista, ginásio, sala de troféus/museu, etc. são os espaços que participam no jogo. Os espectadores assistem ao jogo da bancada, os jogadores equipam-se para o jogo no balneário, os diretores e treinadores preparam-no nos gabinetes. A partir dos usuários percebe-se o funcionamento deste programa, alicerçado na comunicação e contiguidade entre a *superfície bidimensional* do território de jogo e a *estrutura tridimensional* do programa de apoio.

O *programa social* introduz ao Campo outras práticas complementares ao futebol. Não estabelece por isso uma relação direta com este jogo mas sim com outros como são exemplo a sueca, a malha¹⁰, o bilhar ou os matraquilhos.

⁶ SILVA, João Rosmaninho. op.cit., p. 30.

⁷ ANEXO 2. *Estádios de Futebol. Recomendações e requisitos técnicos – Decisões na fase de pré-construção*, p. 134-137.

⁸ MAPA III. Das instalações de apoio, p. 81-85.

⁹ CARVALHO, A. Melo. *Desporto Popular*, p. 88.

¹⁰ Polvoreira vs Celoricense. disponível em: youtu.be/KBHbRrC3Pxo

O bar emerge aqui como programa central na dinâmica social do Campo entre um conjunto mais alargado que pode ou não incluir uma sede do clube (também designada sede social), sala de jogos, salão de festas, palco, entre outros. À falta desse programa adicional, é o bar que absorve as funções a que os outros se propõem.

Os seus usuários não se limitam, como no programa desportivo, aos intervenientes do jogo. Este programa atrai desde a família dos jogadores até pessoas a quem o futebol nada interessa que vivem à sua volta e o frequentam. Afinal de contas, como diz o “Engenheiro” Magalhães (adepto do bar): *“O que interessa é comer bem e beber. O futebol não enche a barriga.”*¹

¹ No futebol, ver a bola é o que menos interessa?. disponível em: videos.sapo.pt/ZETvKKzVvKVJHzZmQ5fk (00'29")

DO QUINTAL DO SR. SILVA

Por ter como usuário exclusivo o adepto ou espectador do jogo, a bancada é o programa que melhor traduz a relação de proximidade e dependência ao retângulo principal. Atrás das balizas ou a determinada extensão das linhas laterais, a uma distância nunca superior a 5 metros destas marcas, multiplicam-se as possibilidades não só de disposição, dimensão e fragmentação deste programa, como também a presença ou não de cobertura, cadeiras ou áreas privilegiadas para assistir ao jogo como camarotes, tribunas, salas VIP, etc.

Em Pevidém [JOR]², este programa está separado em três construções autónomas de diferentes dimensões (duas das quais com cobertura e cadeiras)¹ estabelecendo desse modo uma hierarquia que tanto pode impor aos adeptos o pagamento de vários preços de bilhetes em função do lugar, como pode ser a separação da condição de visitante/visitado a ditar o privilégio dos apoiantes da equipa da casa² em detrimento dos outros que ficam normalmente sujeitos às piores condições, neste caso à bancada sem cadeiras nem cobertura.³

² MAPA III. Das instalações de apoio, p. 81.

¹ 398-399.

² 409.

³ 401-403.

Contudo, e como no Campo o contrário é sempre possível, esta norma hierárquica pode até inverter-se: subdividida em dois setores (com e sem cobertura), a única bancada existente⁴ no *Parque Desportivo dos Carvalhos* [P01] destina-se aos adeptos visitantes.

⁴ 543.

Por último, nos Campos de Santiago de Candoso [CAN] ou São Cristóvão [CRI] não existe qualquer bancada, aqui o público dispersa-se livremente em redor do recinto limitado apenas por uma guia que separa o território de ação dos jogadores do dos espectadores.⁵

⁵ 160, 176-181.

A capacidade de lotação do Campo é portanto consequentemente oscilante. Da mais pequena bancada com dois ou três degraus em cimento à maior, disposta a toda extensão lateral do Campo, a capacidade desta estrutura para acolher adeptos varia radicalmente entre os 200 [ABA]⁶ [SEZ] e os 6000 lugares [CA1]⁷. Será ainda assim de todo impossível quantificar com exatidão a capacidade de assistência de um caso particular já que, para além do facto de raramente haverem cadeiras ou marcação individual dos lugares nos degraus das bancadas, pode sempre acrescentar-se a opção de assistir ao jogo fora dela. Seja para não pagar bilhete quando o clube assim o exige para lá se aceder [SEL]³ [AIR]⁴ ou simplesmente por não haver bancada, o jogo é visto da janela do bar ou da varanda de casa; da berma da estrada⁸ ou diretamente do próprio carro [LON]⁵; *do quintal do Sr. Silva* [AIR]⁶, etc...

⁶ 001, 014, 018.

⁷ 125, 135, 137-139.

³ “*Eu? Eu estou aqui neste sítio porque não paguei a quota para entrar. Eu sou sócio do Selho, mas eles não me deixaram entrar para ir ver o futebol porque eu não trouxe dinheiro comigo...*” Ricardo [adepto do Selho]. Selho vs Trandeiros. disponível em: videos.sapo.cv/ZSY2UCy584Yfy5RF39KK (03'15")

⁴ *Lúcia, Dina e Linda justificam-se com a crise mundial: “estamos a atravessar uma crise. Acha que há dinheiro para vir pagar bilhetes para ver o futebol? Não vale a pena.”* Dina [adepta do Airão]. Airão vs Briteiros. disponível em: videos.sapo.cv/ZZTKvinwlnTqeOyOqm9U (06'05")

⁵ Longos vs Emilianos. disponível em: videos.sapo.cv/VL3uHhVnOyJKKlpOQ0kv (06'08")

⁶ Airão vs Briteiros. disponível em: videos.sapo.cv/ZZTKvinwlnTqeOyOqm9U (05'29")

⁸ 299, 300.

Construtivamente, as bancadas podem distinguir-se entre as que recorrem à sobreposição quase direta de um plano inclinado a um talude artificial ou as que – quando construídas em terrenos planos – espacializam estruturas tridimensionais que permitem acrescentar a uma capacidade de lotação predeterminada a possibilidade de agregar nessa mesma construção outros programas tais como o balneário ou o bar aproveitando o espaço inferior das suas cotas mais elevadas.⁹

⁹ 140-142; 807, 808.

Consequência da operação topográfica inicial, a sistemática horizontalidade da superfície de jogo é confrontada com a verticalidade dos planos que a cada lado expõem as sequelas do *conflito entre ocupação e o suporte físico*.¹ Traduzidas nas formas construídas de muros e taludes, estas marcas correspondem no lugar a estruturas de contacto, suporte, transição, relação ou simplesmente restrição – um obstáculo ou um limite² – que admitem diferentes hipóteses em função do seu posicionamento relativamente ao Campo – se estão próximos ou afastados, mas principalmente se acima ou abaixo da cota do plano de jogo, uma vez que, para além do jogo e jogadores, estes lugares são igualmente destinados a quem os vê.

Deste modo, quando situados ao nível superior os muros e taludes acabam por desempenhar um papel fundamental enquanto estruturas de apoio à sobreposição de bancadas ou outras plataformas para acomodação dos espectadores. Veja-se por exemplo os casos do *Campo de Jogos Água das Cabras* [GON]¹ e do *Campo de Jogos do Calvos* [CAL]² onde para além da bancada, também o balneário encaixa no mesmo talude.³

Nos Campos em que não foi construída qualquer bancada, é muitas vezes diretamente dos muros e taludes³ que os adeptos se apropriam. Em São Cristóvão [CRI], um dos espaços mais requisitados pela assistência é justamente o muro de pedra⁴ que acompanha uma das linhas laterais do recinto de jogo⁴ – afluência essa que terá justificado o acrescento/improviso de mais um patamar materializado através de uma sequência de três postes de iluminação dispostos horizontalmente.⁵

O segundo modelo tipológico, de possível designação *edifício-bancada*, ilustra apenas parte de um conjunto muito mais lato de soluções programáticas híbridas onde o espaço reservado à assistência tem implicações preponderantes na arquitetura dos edifícios. Do mais

¹ SILVA, Cidália. *O Difuso no Vale do Ave*, p.141.

² JUAN, Marta Labastida. *El Paisaje Próximo*. Vol. 2, p. 46.

¹ 350, 351.

² 144, 152-153.

³ MAPA IV, Dos taludes, p. 87.

³ 092; 566-568.

⁴ MAPA V, Dos muros, p. 91.

⁴ 205-206.

⁵ S.Cristóvão vs Figueiredo. disponível em: videos.sapo.cv/jwnhyVNHZMImZDqG7F2C (00'50")

simples, que apresenta uma escada de acesso à cobertura plana do edifício onde é garantida a melhor vista sobre o Campo, aos mais sofisticados em que no segundo piso dos edifícios se insere uma varanda [PIN]⁵ ou até uma espécie de montra que à face da estrada facilmente se confundiria com um edifício comercial⁶ mas que no Campo é utilizada como tribuna reservada às mais altas entidades locais, desde empresários industriais e da construção civil patrocinadores do clube a presidentes dos clubes, da junta de freguesia ou de outras associações.

⁵ 520, 527, 534-536.

⁶ DOMINGUES, Álvaro. op.cit., p. 75.

NÃO É FÁCIL... ANTES DO JOGO IR AQUECER, DESCER E DEPOIS REGRESSAR

Um dos denominadores comuns entre os exemplos anteriores está no facto do principal programa do piso rés-do-chão ser o balneário. Ao contrário da bancada, necessariamente um espaço aberto, que exige uma relação visual com o terreno de jogo refletida tanto na forma (plano inclinado) como na distância (próxima) ao centro gravítico, o balneário é um espaço que se define fundamentalmente pela sua interioridade.

É um lugar reservado a outros usuários, os intervenientes do jogo, das três equipas participantes – jogadores e árbitros – e, nesse sentido, tanto pode encontrar uma resposta espacial num edifício que funde programas vários, como também pode funcionar enquanto construção autónoma, à semelhança do que ocorre em Nespereira [NES] onde o balneário é a construção mais distanciada do centro de jogo. Na verdade, até nem está na distância o principal problema: aproximadamente 15 metros abaixo da cota do recinto, só para subir as escadas entre um e outro espaço são cinco minutos.⁷

⁷ MAPA III. Das instalações de apoio, p. 85.

Como refere Hugo Silva, treinador do Nespereira: *“não é fácil... antes do jogo ir aquecer, descer e depois regressar...”*⁸

⁸ Nespereira vs Mosteiro. disponível em: youtu.be/pVUJLbMTKrU (07'39")

O espaço-tempo de cada desafio prolonga-se para além dos 90 minutos entre as linhas brancas. É no balneário onde começa e acaba o duelo entre os adversários, é lá que antes da partida os jogadores de cada lado se preparam e equipam; que no intervalo, tempo de descanso, se discutem e escondem as mudanças e alterações táticas do oponente; e que no final da partida se festeja ou reflete, respetivamente a vitória de uns e derrota dos outros. O sentido de rivalidade, marcado na espacialidade do terreno de jogo (dividido em dois lados simétricos), é aqui transportado para a compartimentação dos balneários onde é a cada equipa – visitado e visitante – atribuído um espaço próprio de cariz vincadamente privado.

Embora atualmente todos os Campos em uso sejam equipados com estas instalações de apoio à prática futebolística, à data da sua construção não era assim. Na sua ausência, a função mais prática e elementar do banho era, no fim dos jogos, concretizada em tanques ou linhas de água próximas¹ que, em particular quando implantado em terrenos agrícolas, tem uma expressiva representação nas imediações do Campo mas que vão sendo recursos sucessivamente desaproveitados, ignorados ou até extintos.¹

¹ MAPA IX, Dos tanques e linhas de água próximas, p. 99.

¹ 736.

O SEGREDO É O ALEATÓRIO

Uma arca frigorífica “Globo”² ou outra retirada a uma carrinha de vendas, uma *roulotte*³ ou contentor, uma barraca, uma garagem, um piso inteiro de um edifício, etc. Dos mais elementares objetos móveis ao edifício imóvel, o bar é o programa que melhor sintetiza aquilo que pode ser o Campo para lá do retângulo de jogo condensando toda a complexidade e variabilidade do conjunto em amostra.

² 349.

³ 300; 801.

Em São Cristóvão [CRI], o contentor adaptado a bar, que serve simultaneamente para guardar material do clube, foi comprado pelo Presidente da Junta de Freguesia por 3250€ mas é o senhor Joaquim e a dona Maria José (respetivamente barman e cozinheira) quem

durante os dias de jogo se encarregam de fazer das cervejas e bifanas negócio.² Nas imediações deste bar-contentor são espontaneamente colocadas mesas e cadeiras numa esplanada com vista para o Campo que desaparece por completo no final do dia quando o material é recolhido para dentro do contentor.⁴

² S.Cristóvão vs Figueiredo. disponível em: [videos.sapo.cv/jwnhyVNHZMImZDqG7F2C\(06'02''\)](https://videos.sapo.cv/jwnhyVNHZMImZDqG7F2C(06'02''))

⁴ 204, 206.

A arca frigorífica removida ao veículo, abrigada por uma cobertura em chapa metálica, e uma mesa em madeira, que mais não serve do que de balcão, é o cenário montado como bar em Nespereira [NES].⁵ Uma estrutura efémera que pode ser facilmente removida ou demolida, uma construção versátil de caráter precário e aspeto improvisado. Desta vez é José António o cozinheiro de serviço, que faz questão de não esconder o segredo da sua receita para as bifanas: *“põe-se as bifanas, o molho de bifanas, põe-se loureiro, sal, piri-piri, uma cerveja, depois deixa-se cozer três quartos de hora, meia hora, depende.”*³ Já para Lázaro, assador do Longos [LON], o segredo é o aleatório: *“isto é um bocadinho à sorte não é... isto é um bocadinho à sorte que normalmente não sou eu que as como... tá bom.”*⁴

⁵ 499-502.

³ Nespereira vs Mosteiro. disponível em: [youtu.be/pVUJLbMTKrU\(02'50''\)](https://youtu.be/pVUJLbMTKrU(02'50''))

⁴ Independentemente da despreocupação, Jorge, adepto do Longos, não hesita em afirmar: *“a febrinha é a qualidade da casa. Toda a gente que vem aqui, vem à conta da febra.”* Longos vs. Emilianos. disponível em: [videos.sapo.cv/VL3uHhVn0yJKKlpOQ0kv\(04'15''\)](https://videos.sapo.cv/VL3uHhVn0yJKKlpOQ0kv(04'15''))

Nos Campos de Abação [ABA] e Matamá [IN2], é o espaço inicialmente construído para guardar as carrinhas dos clubes – a garagem – que é transformado em bar.⁶ Um espaço com capacidade para ser simultaneamente vários, isto é, em que se misturam e coexistem diferentes funções: do bar, a sala de troféus ou sede do clube. Em particular no primeiro exemplo, a proximidade ao terreno de jogo vai aumentar ainda mais a mutabilidade e versatilidade da utilização do bar-garagem que passa assim a servir também de sala para jantares ou outras festividades desportivas, musicais ou religiosas.^{5 7}

⁶ 010, 017; 370, 372.

⁵ ANEXO 8. Programa do 38º Aniversário do Clube Desportivo de Abação, p. 157.

⁷ 019-028.

O prolongamento do compartimento interior para o espaço exterior é feito através de uma estrutura temporária de rápida montagem e desmontagem, que permite adaptar e abrigar uma área acrescentada para aumentar a lotação de mesas e cadeiras, uma vez que as reduzidas dimensões da garagem impedem-na de receber todos os convidados.

Por vezes nem durante o tempo de jogo a atratividade está exclusivamente no que acontece entre as quatro linhas. No bar e sede do Grupo Desportivo de Selho [SEL] realizam-se torneios de sueca¹ ao mesmo tempo que, do outro lado da parede, a equipa de futebol ataca a baliza adversária. Do ponto de vista destes outros jogadores há, aliás, *muitas semelhanças entre dar um pontapé numa bola e lançar uma bisca: “As cartas é como o futebol. Não vê a Seleção? Perde com a Espanha no Mundial e depois dá-lhe com quatro, aquase os mesmos jogadores. É igual, é o elas dar... há dias que ganhamos nós, outros ganham eles.”*²

Ao apito final o centro das atenções desvia-se definitivamente da bola para o prato. Isto é, para o bar (ou será melhor dizer *snack-bar restaurante*³ ?), onde *aos desafios se seguem as jantaras*.⁴ Por exemplo, a Manuel pouco afeta o desenlace do jogo, se a favor ou contra as cores que defende, como enfatiza: *“o melhor é o intervalo e a terceira parte... lá em cima na associação, o prato cheio de carne...”*⁵

O bar é uma das poucas fontes de onde os clubes colhem alguns rendimentos.⁶ Ainda que sejam os dias de jogo a dar mais lucro, o seu horário de funcionamento é muitas vezes extensível aos outros dias da semana. Remunerado ou não, o *barman* é comumente o único funcionário do clube a *full-time*.

¹ ANEXO 8. Torneios de Sueca e Chincalhão – com prémios, p. 159.

² PACHECO [adepto de sueca]. Selho vs Trandeiras. disponível em: videos.sapo.cv/ZSY2UCy584Yfy5RF39KK (01'33")

³ SILVA, João Rosmaninho. op.cit., loc.cit.

⁴ AMADO, Miguel. op.cit., loc.cit.

⁵ O melhor do jogo?. disponível em: videos.sapo.cv/sOqFfhT0szGZ7Wvg57Nz

⁶ Lutar pela subida. *Desportivo de Guimarães*. Guimarães. ano VIII, nº 442 (2000), p. 6.

O desenho de uma mesa vem à mente. Deve ser projetada com potencial. Pode ser uma atração social, uma plataforma para se estar, (...) uma mesa para jantar, escrever, expor, criar, refletir. Deve ter o potencial para usos e significados não necessariamente previstos aquando da sua conceção.¹

¹ BEIGEL, Florian; CHRISTOU, Philip. *Time Architecture: Stadtlandschaft Lichterfelde Süd*, p. 218.

Definido pelo uso específico do jogo futebol, ou melhor, definido a partir das regras aplicadas ao uso, o Campo acolhe, não só dentro como fora desta prática, uma multiplicidade de apropriações e sentidos.

No que ao futebol diz respeito, importa clarificar que normalmente cada clube não tem apenas uma, mas sim várias equipas, distribuídas por distintos escalões e campeonatos. Com quatro no escalão de seniores – equipa principal, secundária (também nomeada equipa b), equipa feminina e possivelmente uma de veteranos – e nove equipas juvenis que vão dos sub7 aos sub19 – petizes, traquinas, benjamins, infantis, iniciados, juvenis e juniores, um só clube pode atingir até 13 equipas. À exceção dos três escalões mais jovens, com regras de jogo próprias e consequentemente menores dimensões para o espaço de jogo, todas elas competem mediante as mesmas leis.

A título de exemplo, entre os clubes com maior representatividade ao nível do número de equipas destaca-se o coletivo das Taipas [CA1]. Com 11 planteis no total, aos *Caçadores* só falta o futebol feminino e equipa b. Na posição inversa da *tabela classificativa* encontra-se, por exemplo, a turma de São Salvador de Souto [SOU] cuja atividade está atualmente circunscrita à sua equipa principal.

Em termos gerais, pode dizer-se que nesta amostra existe todo o tipo de casos: clubes com uma ou com mais de dez equipas, com futebol sénior e futebol juvenil, ou exclusivamente um deles; mas que tem na

maioria apenas um Campo (alguns até partilham o mesmo)² e é nesse Campo que jogam e treinam todas elas, em simultâneo ou encadeadas uma a seguir a outra, num cenário de apropriações fugazes e uso intensivo. O Campo destaca-se assim desde logo pela capacidade de carga e mutação, de servir de suporte à velocidade a que tudo isto acontece.

Entre treinos diários e jogos semanais, cada Campo é ocupado em média cerca de 30 horas por semana³, ficando as restantes 138 horas vazio: *vazio como ausência, mas também como promessa, como encontro, como espaço do possível*,⁴ um *vazio enigmático à espera que algo aconteça*.⁵

MODALIDADES DE VERÃO

O calendário futebolístico contribui para a demarcação dos tempos e dos horizontes da vida quotidiana.⁶ Se durante a temporada assistimos em Campo à rotina dos intervenientes que participam diária e ativamente na preparação do duelo com uma equipa rival e dos que frequentam semanalmente o Campo ao fim-de-semana para apoiar a equipa da terra ou simplesmente para se encontrarem com os amigos; é no Verão, quando não há campeonato (entre Junho e Setembro), que o Campo se torna *lugar de diversos acontecimentos*⁷ organizados por clubes, paróquias, juntas de freguesia ou pela própria comunidade local que vê nele *uma das poucas possibilidades de lazer, encontro e sociabilidade*⁸, mas principalmente por lhe reconhecer uma grande adaptabilidade.

De festas populares ou torneios de chincalhão a missas campais¹ ou pistas de dança zumba², misturando animais, carros³, palcos, público e como não podia deixar de ser “comes e bebes”, tudo tem lugar em Campo.⁹ Os animais – vacas, galos ou coelhos – são prémios em sorteios ou torneios; os carros estacionam-se em frente ao palco e o público espalha-se pelo Campo, *algum até em regime drive-in*.¹⁰

² De referir ainda que, a somar ao leque de clubes catalogado, acrescem outros que, sediados na cidade, estão obrigados a sair dela para exercerem esta prática desportiva. No entanto, nenhum desses clubes joga num Campo fixo, em vez disso, eles vão saltando de Campo em Campo periodicamente. O *Atético* é um exemplo de clube que, partindo desta circunstância, acabou por se enraizar em Souto fundindo-se com o clube local.

³ ANEXO 7. Micro-ciclo semanal do Clube Caçadores das Taipas, p. 154.

⁴ SOLA-MORALES, Ignasi. *Terrain Vague*, p. 181.

⁵ BEIGEL, Florian; CHRISTOU, Philip. *Brikettfabrik Witnitz: specific indeterminacy - designing for uncertainty*, p. 18.

⁶ JESUS, Gilmar Mascarenhas. *São Paulo: a cidade e o futebol*, p. 1.

⁷ SILVA, João Rosmaninho. op.cit., loc.cit.

⁸ SILVA, Alexsander Batista. *A vivacidade e o significado da pelada para a periferia da metrópole Goianiense*, p. 262.

¹ 550, 551.

² 093-094; 639-640.

³ 095-096.

⁹ ANEXO 8 e 9, p. 155-161.

¹⁰ *Liga dos Últimos*, p. 39.

Descodificando um evento em particular, correspondente ao 40º Aniversário da União Desportiva de Polvoreira (2013)¹, em que o espaço do Campo serve durante três dias de base a diferentes atividades, torna-se evidente *a natureza das extensões ou dos ajustes*² a partir da programação e duração de cada acontecimento:

Às 21:00 de sexta-feira são inauguradas as festividades com o grandioso torneio de sueca. No sábado, a animação prossegue com uma *alvorada festiva e música gravada* de manhã, um torneio de chincalhão à tarde e a *atuação do artista "Luizão e a sua banda"* ao fechar a noite. O domingo, e último dia, é preenchido com o programa mais completo do qual se destacam a *missa campal em memória dos sócios falecidos* e o *cortejo tradicional com carros alegóricos* antes de se findarem as comemorações, já pela noite dentro, com a *estrondosa sessão de fogo-de-artifício*.¹

Materializadas em objetos como mesas, palcos, tendas ou toldos facilmente montáveis e desmontáveis, essas próteses vão aparecendo e desaparecendo de um dia para o outro consoante as necessidades de utilização.²

Muitos clubes têm, paradoxalmente nesta época do ano, em que não há futebol, a base da sua subsistência anual. *A única fonte de rendimento que o clube tem é o terreno de jogo, por isso resolveu rentabiliza-lo. Com praia ali ao fundo da rua, optou por apostar no turismo. No verão, o pelado passa a parque de campismo. Onde na época baixa se fazem fintas e marcam golos, no verão montam-se tendas e estacionam-se autocaravanas.*³

Esta *partilha entre futebol e campismo*⁴ é simultaneamente extensível aos balneários que, por sua vez, ano a ano, se transformam em casas de banho do *camping*. *O único sinal disso é que os da casa equipam na casa de banho dos homens e os visitantes na das senhoras.*⁵

Mesmo sendo entre todos os programas aquele em que certamente

¹ ANEXO 8. Programação do 40º Aniversário da União Desportiva de Polvoreira, p. 155.

² HERTZBERGER, Herman. *Lições de Arquitetura*, p. 103.

¹ 546.

² 543-545, 550-551.

³ *Liga dos Últimos*, p. 38.

⁴ idem.

⁵ idem.

se verifica uma superior rigidez funcional e organizativa, até o próprio balneário acaba por incorporar possíveis mudanças de função ao longo do tempo. O Campo funciona assim *como um instrumento*⁶ que permite ao clube inventar e reinventar sucessivamente, a cada ano, novas funções que potenciem ao máximo a receita desejada.

⁶ HERTZBERGER, Herman. op.cit., p. 170.

*Em nenhum destes casos a estrutura concreta muda sob a influência da sua nova função – e aí está um ponto crucial: a forma é capaz de adaptar-se a uma variedade de funções e de assumir numerosas aparências, ao mesmo tempo em que permanece fundamentalmente a mesma.*⁷

⁷ idem.

Por fim, em Setembro, reiniciado o campeonato, o Campo retoma a sua função predefinida. A demarcação da temporada futebolística determina processos cíclicos, sobrepostos, repetidos semanal e anualmente, que vão exigindo ao espaço sucessivas mudanças de uso. A calendarização dos dias e das horas de treinos e jogos estabelece um quadro dos tempos de ocupação semanal do *Campo de Futebol* e o calendário da temporada que separa os meses em que existe competição dos que não existe constrói uma nova narrativa em que utilizações outras vêm reforçar o potencial coletivo deste lugar, transformado em *Campo Social*.

DEPOIS FICA NESTAS CONDIÇÕES QUE SE VIU AGORA

Como determina a regra¹, as superfícies dos Campos de futebol devem ser naturais ou artificiais. Das superfícies naturais fazem parte os tipos de piso em terra batida – vulgarmente designado na linguagem futebolística *pelado* – e o relvado natural. Das artificiais, assinala-se apenas a superfície de relvado sintético. Assim, para além de evidenciarem distintas texturas, cada tipo de superfície reage de forma particular às ações que lhe são sobrepostas.

O pelado é o resultado imediato da transformação topográfica provocada nos estratos preexistentes, que por sua vez definem as categorias próprias de cada piso – enquanto ao estrato agrícola se associa um piso mais macio, o estrato florestal origina um tipo de piso mais duro. Esta divisão tem alguma influência na prática futebolística na medida em que, tendencialmente, neste território, cada um dos estratos está vinculado à cota baixa – estrato agrícola – ou à alta – florestal – sendo, nesse sentido, o primeiro privilegiado em relação ao segundo por ter um solo originalmente menos agressivo.² Mesmo assim, o número de Campos fixados em estrato florestal é paradoxalmente superior aos que ocupam solos agrícolas, respetivamente 30 e 24.³

Nestes Campos, as únicas marcas permanentes e literalmente enraizadas no solo são duas balizas. A marcação das linhas é manualmente desenhada com auxílio a uma espécie de carrinho de mão (especificamente *kitado* para o fim) que vai libertando cal à medida que é movido ao longo desse processo, consecutivamente executado sempre que há jogo para evitar o risco de entretanto desaparecer no decurso do mesmo.⁴ Porém, chovendo, é quase certo que ao final de 90 minutos de jogo essas fronteiras mal se reconheçam.

¹ ANEXO 1. Leis de Jogo FIFA. Lei 1 - O terreno de jogo, p. 126-133.

² JUAN, Marta Labastida. op.cit., p. 23-25.

³ MAPAS X e XI, p. 100-101.

⁴ Função de quem fica geralmente encarregue o roupeiro do clube. Por exemplo, há 20 anos ao serviço do Brito, Zé Manel assume tratar-se de uma missão árdua: “É duro... é marcar campos, é engaiçar as chuteiras, é tratar da roupa das equipas todas.” Trabalho para o qual conta com a indispensável ajuda das três mais recentes aquisições do clube - máquinas de lavar roupa. Brito vs Moreirense. disponível em: [videos.sapo.cv/3ktFWYcalnnZROPdNF5c](https://www.youtube.com/watch?v=3ktFWYcalnnZROPdNF5c) (09'10")

*Campo de batatas, Campo pesado, banheira, piscina, lameiro*¹ ou *lamaçal*² são todos eles termos que popularmente designam o frágil estado da superfície sujeita a estas condições climatéricas. Devido ao excesso de água, o piso de terra é transformado em lama tornando qualquer uso que seja inviável mas não impossível, já que os jogadores nunca desistem de tentar praticar uma modalidade que se pareça com futebol.¹

¹ PEREIRA, Luís Miguel. *Dicionário do Futebol*.

² Tabuadelo vs Arcos de Baúlhe. disponível em: youtu.be/pf_Eribam3U (01'37")

¹ 552-553.

De volta a Tabuadelo [TAB], a fundamentar o mau estado do terreno, acresce à meteorologia desfavorável o histórico de utilizações recentes do Campo para campeonatos de malha. João Pinto, o capitão de equipa, não tem dúvidas: “... *há os torneios de chincalhão, de malha, e depois a terra fica toda levantada e eles para remediar metem mais terra em cima e depois essa terra não é pisada nem passa um cilindro por cima e depois fica nestas condições que se viu agora.*”³

³ idem.

O inverso disto também não augura as melhores notícias. Em prolongados períodos de tempo seco e quente, a bola, que antes parava no meio da lama, passa a esconder-se por entre densas nuvens de pó aos que de mais longe acompanham as jogadas.²

² 554.

Os pelados são, no entanto, os Campos mais baratos, que requerem menor manutenção e aqueles em que é permitido o maior número de apropriações. Reúnem portanto os critérios mais requisitados (que são simultaneamente as condições possíveis e mínimas) pela maioria dos Campos da amostra.⁴

⁴ Informação catalogada no Volume II.

O *Campo relvado natural* é em tudo contrário ao *Campo pelado*. É aquele que evidencia as melhores condições para a prática de futebol, é o mais caro, o que exige maiores cuidados de manutenção, e por último, o que necessita de menor intensidade de uso – circunstância que o obriga a ser praticamente restrito a treinos e jogos de um só plantel – havendo, por estas razões, apenas cinco Campos com este tipo de superfície.⁵

⁵ idem.

Enquanto nos pelados é habitual crescer relva ou outro tipo de vegetação, nos relvados a relva desaparece. Resultado da falta de manutenção, estes Campos tornam-se muitas vezes em superfícies híbridas que misturam as mais diversas texturas.³

³ 011-013; 186; 238-240; 387; 656-657.

No pelado, o recinto de jogo é desenhado, apagado e novamente redesenhado em função do uso pretendido, funcionando desse modo quase como um quadro que é constantemente reescrito a cada lição. Aos sábados, no *Campo de Jogos do FC Prazins e Corvite* [EU1] é hábito o terreno de jogo ser, ao início da manhã, marcado para um jogo da equipa de benjamins⁴ e logo de seguida manipulado para, na parte da tarde, jogar a equipa principal.⁶

⁴ 253-254.

⁶ MAPA II. Do desenho e usos, p. 75.

Ainda no futebol, e apesar de quase sempre se verificar jogo a jogo, esta versatilidade da superfície também pode surgir de uma época para outra. Em Donim [DON], o clube local suspendera indeterminadamente a atividade da equipa de seniores, ficando assim a utilização do Campo exclusivamente a cargo dos escalões mais jovens da formação – onde antes se desenhava um retângulo para futebol de 11, agora surgem dois *ringues* de 7.⁷

⁷ MAPA II. Do desenho e usos, p. 77.

O mesmo princípio é aplicado em Gémeos [GEM], mas neste caso substituindo o jogo futebol por outro – o jogo da vaca.⁵ Inspirado nas regras da FIFA, consta no seu regulamento, para além das marcações do terreno em quadriculado, a intervenção de um árbitro que no fim do jogo decide a quem deve ou não ser entregue o prémio.⁸

⁵ 302.

O Grupo Desportivo de Gémeos está a promover um sorteio de angariação de fundos, designado como “A Cagada do Vitelo”. Estão a ser vendidas rifas numeradas, cujo vencedor será ditado pela “descarga fisiológica” de um Vitelo. O Vitelo será largado no campo de jogos de Gémeos, previamente dividido em quadrados numerados, sendo o vencedor do sorteio o que tiver comprado a rifa correspondente ao quadrado onde o animal defecar pela primeira vez. O vencedor ganha o próprio Vitelo ou, em contrapartida, o valor do animal, avaliado em

⁸ “As instruções é vemos no sítio onde a vaca fizer e depois vamos decidir. A única dúvida pode ser se fizer em cima de uma linha - muito próximo um número do outro - de resto acho que não tem grande problema. Nesse caso vamos ver... para o lado que cair mais é o lado que vai ganhar.” LOUREIRO, Fernando [árbitro do encontro]. Sorteio da vaca. disponível em: [videos.sapo.pt/Z1woo1KmmzRzEs7wWq6e](https://www.youtube.com/watch?v=Z1woo1KmmzRzEs7wWq6e) (04/09)

500,00 Euros. Para criar mais «suspense», os números estarão enterrados e o Vitelo vai ser alimentado, nos três dias anteriores, apenas com feno e outros produtos secos, para não se correr o risco de ele defecar logo no início da festa. O sorteio realiza-se no dia 5 de Julho, pelas 15:00 horas por altura do 27.º Aniversário do clube.

Compra já a tua rifa e habilita-te a ganhar!

*Últimos bilhetes*¹

¹ GD GÉMEOS - Sorteio "A Cagada do Vitelo". disponível em: gddegemeos.blogs.sapo.pt/36791.html; ANEXO 8. Bilhete e regulamento do sorteio, p. 160.

O limite que aparece descrito nas regras e inscrito nestas superfícies assume-se, tal como o próprio jogo, um *limite fictício*² – que só existe em resposta a uma atividade precisa. O facto de se representar através de linhas desenhadas no chão, confere-lhe uma condição simultaneamente frágil e volátil – a fragilidade por serem marcas facilmente apagáveis e a volatilidade por serem rapidamente alteráveis.

² CALLOIS, Roger. *Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem*, p. 29.

DOIS *LAYERS*

No caso das *superfícies artificiais* as marcações do Campo deixam de reconhecer as mesmas características, passando a marcas permanentes em que a cada possibilidade corresponde um *layer* pintado de uma cor diferente do outro: de branco, o desenho do campo de futebol de 11; de amarelo, as linhas do recinto mais pequeno, de 7x7 [BRI].^{3 1}

³ MAPA II. Do desenho e usos, p. 79.
¹ 666.

Esta maior rigidez do tapete artificial indicia uma resistência ao uso e às oscilações climatéricas que não se verifica nas superfícies naturais onde o tipo de piso é sempre mais instável qualquer que seja a circunstância. Pelo facto de, como a sua designação revela, se sobrepôr por completo aos processos de transformação natural do solo, o piso artificial ou sintético não sofre praticamente qualquer reação à interação de agentes externos.

Mesmo sendo a longo prazo compensados por uma manutenção quase inexistente, os elevados encargos financeiros que a construção de um piso sintético acarreta são completamente desproporcionais aos meios de que os clubes dispõem. Num investimento que a breve prazo ultrapassará os dois milhões de euros, uma vez estar já previsto o apoio à construção de mais três [AIR] [EU1] [CAN], vai nesta altura em nove⁴ o número de Campos que, apenas desde 2009, tem vindo a receber pisos de relva sintética com verbas patrocinadas pela autarquia local.⁵

No entanto, esta ajuda nunca comporta o custo total da empreitada. O valor que compartilham para a colocação de cada tapete sintético ronda os 200 mil euros. Cabe depois aos clubes reunirem os fundos necessários a completar uma quantia que pode ascender aos 300.⁶

⁴ Informação catalogada no Volume II.

⁵ Airão e Candoso vão receber subsídios para construir relvados sintéticos. *Guimarães Digital* (2016). disponível em: guimaraesdigital.com/noticias/62792/airao-e-candoso-voao-receber-subsidios-para-construir-relvados-sinteticos

⁶ idem.

***O RELVADO FOI TRANSFORMADO EM
PELADO E A RELVA TRANSFERIDA PARA DECORAR
ROTUNDAS***

*O NOSSO SONHO É ACABAR O COMPLEXO DESPORTIVO, MAS POR ENQUANTO APENAS INAUGURAMOS A SECRETARIA*¹

Neste futebol, raras são as circunstâncias em que permanência e estabilidade² sejam palavras de ordem. Sempre que são chamadas a jogo, é já em situações limite, de crise desportiva [TOR] ou financeira [URG].

Intitulada *“Torcatense em busca de estabilidade”*³, uma notícia publicada a 14 de Agosto de 2009 no *Desportivo de Guimarães* dá conta das intenções do clube em *travar a queda vertiginosa que viveu nos últimos dois anos. No regresso aos Campeonatos Distritais após dois anos de sucessivos insucessos desportivos, a ambição é comedida. Subir de divisão não está no horizonte da Direção – Nuno Lima faz o apelo à estabilidade...*⁴

Para solucionar os problemas económicos de que os Amigos de Urgeses foram alvo, foi preciso encontrar-se uma solução diretiva inovadora onde, em vez de um, foram eleitos sete presidentes.

Germano Silva, um dos membros deste *quase Conselho de Estado*⁵, contextualiza o incidente: *“a coletividade o ano passado passou uma crise muito grande e os sete antigos assumiram a presidência com uma condição – cada um fazia 6 meses durante 3 anos para pormos a coletividade mais ou menos naquele caminho que foi sempre o dela, o bom caminho. Estamos orgulhosos do que estamos a fazer, temos as dívidas praticamente pagas...”*⁶

Sobre a sequência de mandatos, Francisco Miranda (segundo presidente e fundador) confidencia: *“Elegemos, eu sei la bem, elegemos sem estar a escolher A, B, C ou D, quer pelo seu carisma, quer pela sua experiência... foi quase à sorte, agora fica fulano, daqui a meio ano fica beltrano e assim sucessivamente.”*⁷

¹ LAMAS, Francisco [pres. do Urgeses]. Complexo do Urgeses está melhor dotado. *Desportivo de Guimarães*. Guimarães. ano VIII, nº 441 (2000), p. 4; ANEXO 10, p. 162.

² ANEXO 10. Queremos estabilidade, p. 162.

³ Torcatense em busca de estabilidade. *Desportivo de Guimarães*. Guimarães. ano XV, nº 803 (2007), p. 4.

⁴ idem.

⁵ Amigos de Urgeses vs Arcos de Baúlhe. disponível em: [videos.sapo.cv/HcrndTj6V1phAcOcMGqE \(00'37"\)](https://www.youtube.com/watch?v=HcrndTj6V1phAcOcMGqE)

⁶ idem.

⁷ ibid. (01'30")

Em contraponto com estes dois episódios, o discurso futebolístico a que normalmente assistimos vai de encontro a uma estratégia de jogo que privilegia o ataque – marcar golos – em detrimento da segurança defensiva – a não os sofrer; que sobrepõe a vontade de vencer ao medo da derrota; que prioriza o sonho à realidade, isto é, uma ambição desmedida por troféus às possibilidades concretas de um quotidiano fortemente marcado pela dificuldade em subsistir.

Assim, mesmo que até acabem por enfrentar essa luta, poucos clubes se limitam a assumir o objetivo de se manterem na mesma divisão. Como destacam as manchetes de jornal⁸, a cada início de época as aspirações são o mais elevadas possível – o topo da tabela classificativa – nos lugares de promoção ao escalão superior.

⁸ ANEXO 10, p.164-165.

Traduzida espacialmente em Campo, a vontade de subir ou vencer, inerente à competição, dá lugar ao desejo de crescer, evoluir ou de construir. Um dos casos mais paradigmáticos dessa correspondência revela-se através dos clubes que paralelamente à pretensão de ascender ao patamar da profissionalização, sonham ter um *estádio*. Para dar alguns exemplos concretos dessa *utopia*, vejamos os seguintes artigos publicados no mesmo semanário local atrás referido:

Em entrevista divulgada a 16 de Julho de 1996, Luciano Baltar – empresário e, à data, Presidente da Assembleia Geral do GD Pevidém [JOR] – assumira a vontade do clube em construir *um Estádio “à inglesa” com capacidade para 8000 pessoas*.⁹

⁹ Complexo: novo Estádio está dependente de um parecer técnico do Governo. *Desportivo de Guimarães*. Guimarães. ano V, nº 229 (1996), p. 11.

Três anos depois, também numa entrevista ao mesmo jornal, seria a vez de Manuel Pizarro, acabado de regressar à presidência do *seu clube de paixão* (a Juventude de Ronfe)¹⁰, apontar como grande objetivo do seu mandato o projeto para uma nova casa. Citando o próprio, a frase que dá título ao artigo é *“Queremos um Estádio novo”*¹¹.

¹⁰ Queremos um Estádio novo. *Desportivo de Guimarães*. Guimarães. ano VIII, nº 385 (1999), p. 7.

¹¹ idem.; ANEXO 10, p. 163.

Já em 2007, após reeleição à frente dos destinos dos *Operários de Campelos* [NOV], Hernâni Salazar assumia um novo desafio: “*para além de tudo, as infra-estruturas marcam a existência do clube. Os jogadores passam e os clubes ficam. Por isso, queremos ter uma zona desportiva nova, onde possamos ter (...) também uma piscina, um court de ténis e um bar para servir o clube. Temos de rentabilizar tudo para que as coisas funcionem.*”¹

¹ Campelos quer construir um novo parque de jogos. *Desportivo de Guimarães*. Guimarães. ano XV, nº 801 (2007), p. 3.

Sem que qualquer dos projetos (ou doutros similares) tenha avançado do papel¹, da maquete² ou do render³, esta aspiração a ser como o outro – estádio – manifesta-se através da persistência dos clubes em melhorar as condições das infraestruturas de que usufruem.

¹ 255.

² 830.

³ 788.

Partindo das condições diretamente ligadas à prática do jogo, é ao nível das superfícies, nomeadamente através da substituição do pelado original por um piso relvado natural ou sintético, que esta vontade de evoluir mais se faz notar.

Por exemplo em Urgeses [URG], o *sonho do relvado* é personificado na figura de Francisco Teixeira – *diretor com a pasta da jardinagem do Amigos de Urgeses*. *A pasta existe, a relva para tratar é que não. “Não, não temos nem podemos ter porque, repare numa coisa, nós temos 200 e tal atletas, se vamos relvar dura 15 dias.”*²

² Amigos de Urgeses vs Arcos de Baúlhe. disponível em: videos.sapo.cv/HcrndTj6V1phAcOcMGqE (04'55"); O facto de conviverem em simultâneo, no mesmo quadro diretivo, *sete presidentes* preocupados com as economias do clube e um *diretor de jardinagem* cujo principal propósito seria gastar-las só vem adensar a ideia de contradição intrínseca ao objeto.

Sobrepondo a beneficiação do Campo à performance desportiva, em S. Cláudio (Famalicão), *mais importante do que vencer é aumentar as medidas do pelado*.³ Quem o reconhece é Rui Faria – *presidente, jogador, roupeiro, marcador de campo, tudo... tudo aquilo que é preciso fazer... – “o grande objetivo desta época, deste ano, é o alargamento do campo... depois os resultados logo se verão.”*⁴

³ S.Cláudio vs Vitória F.C. disponível em: videos.sapo.cv/wwZbs8cz3zh446Ziy1ZH (00'16")

⁴ idem.

Portanto, para além desta, mais visível, assinalável e dispendiosa transformação, existem outras que podem, ou não, ser catalisadas

por ela. A mudança de superfície pode ser extensível ao aumento das medidas do Campo e consequente redefinição de limites como muros e vedações [TOR], ou pode, ainda, desencadear a construção de novos Campos adjacentes [CA2] [SA2]. Por outro lado, também é possível suceder-se o processo inverso [PO1] ou apenas uma ou outra transformação sem necessariamente implicar a alteração do tipo de superfície [NOV]. Vejamos então, mais detalhadamente, alguns exemplos concretos para cada uma das mudanças aqui enunciadas:

Os Campos de Caldelas [CA1] [CA2] e de São Martinho de Sande [SA1] [SA2] apresentam processos de mutação similares. Em ambos os casos o primeiro passo, de troca do pelado pelo relvado natural, vai implicar que sejam construídos novos Campos, já que a sobrecarga de utilização deste piso por todas as equipas que qualquer um dos clubes dispõe, rapidamente levaria à precária condição do terreno. Assim, nas imediações do Campo principal é então construído um novo pelado complementar à utilização mais restrita do relvado. De seguida é ainda concebido outro espaço, de dimensões mais reduzidas, para ser utilizado pelas equipas dos escalões mais jovens.⁴ Tudo isto somado permite-nos adivinhar que sejam estes os clubes com um número mais elevado de equipas e consequentemente atletas. Por fim, a última transformação verificada consiste já na alteração da superfície dos segundos Campos [CA2] [SA2] para relvado sintético.

⁴ 143.

Os Campos de Brito [BRI] e São Torcato [TOR] constituem exemplos diferentes dos anteriores mas que podem ser igualmente descodificados em paralelo. Muito antes de substituída a superfície, a primeira alteração verificada num dos Campos [TOR] foi a sua rotação e redimensionamento. De orientado (como recomenda a FIFA) no sentido norte/sul mas sem as medidas mínimas regulamentares, passou a cumprir as regras mas, na pior orientação solar possível, de nascente a poente. Nos dois casos, o pelado inicial acaba por dar lugar ao relvado sintético e com ele as dimensões do recinto são

também aumentadas já que o Campeonato em que ambos os clubes proprietários participam assim o exige.¹ Esta mudança vai ainda afetar a própria dinâmica interna dos clubes que, reconhecendo a superior capacidade desta superfície em dar resposta a uma utilização mais intensiva, se propõem a formar novas equipas.²

No *Parque de Jogos do Arnado* [TOR] verifica-se ainda assim uma situação excecional e particularmente caricata já que, entre o pelado e o sintético, foi apressadamente testado o arrelvamento natural do piso. O Torcatense, clube da terra, tinha – numa *meteórica ascensão*³ – subido aos Campeonatos Nacionais em que era exigida aquela superfície, sendo por isso obrigado a jogar em casa emprestada enquanto decorreram as obras de implantação do novo relvado (2006). Contudo, um ano depois, terminadas as obras e o campeonato, o clube acabaria por descer de divisão e regressar aos campeonatos regionais sem nunca ter utilizado o piso dentro das regras que tinham despoletado a sua construção. O tal tapete viria a desaparecer novamente por ser completamente insustentável a sua manutenção e utilização dentro daquele enquadramento competitivo e financeiro.⁴

Este não é, todavia, o único caso conhecido de subversão do processo. No Campo do CAF, mais insólito do que a regressão em si foi o destino da relva. *Por uma questão de coerência, e porque não fazia sentido ter um campo de jogo pelado e um de treinos relvado, a Câmara decidiu tirar a relva do campo de treinos e transferi-la para alindar as rotundas de Felgueiras.*⁵

Em Nespereira [NES] o retângulo de jogo teve como mais significativa alteração o aumento das suas proporções – obra que, não por acaso, antecedeu a subida do clube aos campeonatos regionais. Ao contrário destes, nas competições concelhias onde até então participara não existe no regulamento das provas uma condicionante específica que determine a imposição da principal lei de jogo.⁶

¹ ANEXOS 3 e 4, p. 148-149.

² “O novo relvado sintético ajudará o Torcatense a dar corpo à aposta no futebol de formação.” Obras no Campo do Arnado inauguradas amanhã. *Guimarães Digital* (2012). disponível em: guimaraesdigital.com/noticias/47371/obras-do-campo-do-arnado-inauguradas-amanha

³ Três mil na inauguração do relvado do Arnado. *Guimarães Digital* (2006). disponível em: guimaraesdigital.com/index.php?a=noticias&id=32570

⁴ Com quatro mudanças de escalão consecutivas (duas subidas e duas descidas), esta sucessão de acontecimentos constitui o exemplo mais paradigmático das marcas decorrentes das solicitações e instabilidades inerentes aos ciclos competitivos do futebol.

⁵ *Liga dos Últimos*, p. 70.

⁶ ANEXO 5. Regulamento de Provas Oficiais AFPG. Capítulo III – Dos Jogos, p. 150-151.

No Campo do *Clube Operários de Campelos* [NOV] o ambiente construído envolvente é o principal fator a fixar as regras. Implantado numa densa área habitacional, a pressão do edificado circundante a somar às reduzidas dimensões do Campo resultam no impedimento do clube em ambicionar outros voos a não ser que procure uma nova casa – plano esse que o presidente tem à nove anos em espera. Neste caso, o pelado mantém aproximadamente as mesmas condições de origem e as únicas modificações assinaláveis foram o afastamento do muro atrás de uma das balizas e a subida da vedação limite do terreno de jogo dada a proximidade às janelas dos edifícios vizinhos que foram sendo construídos à sua volta.⁷

⁷ Campo Machado Vaz em obras de beneficiação exigidas pelo Conselho Técnico da AFB. *Desportivo de Guimarães*. Guimarães. ano IV, nº 180 (1995), p. 13.

Ainda assim, nenhuma das intervenções vinculadas à superfície de jogo acontece isoladamente no processo evolutivo a que cada Campo é sujeito. Se por um lado, o aumento das medidas do recinto pode obrigar a remover e possivelmente reconstruir alguma estrutura próxima que o impossibilite de expandir, por outro, a mudança de superfície pode motivar a ampliação ou construção de novas instalações de apoio.

Regressando aos exemplos de Brito e São Torcato é possível perceber que a par do redimensionamento e transformação da superfície, foi necessário remover a pista de atletismo⁸ [BRI] ou a bancada¹ [TOR] que impediavam o crescimento dos respetivos retângulos, ao mesmo tempo que foi também aumentada a capacidade dos balneários, ampliando a construção existente [BRI]² ou acrescentando uma nova [TOR]³, a fim de dar uma resposta mais capaz à superior utilização que o novo piso sintético permite. A evolução do Campo funciona portanto a partir de um processo de ação-reação em que a superfície catalisa uma determinada resposta a nível programático.

⁸ Apesar de nomeada pista de atletismo, os únicos registos de que há relato são de corridas de cavalos.

¹ 805-806.

² 123.

³ 807, 808.

Por último, há ainda os casos, como o *Campo de Jogos do CD Abação* [ABA] ou o *Campo de Jogos de Matamá* [IN2], onde as transformações mais preponderantes surgem fora do espaço entre as quatro linhas – nas estruturas que vão sendo sucessivamente acrescentadas ao domínio do Campo. Um a um, balneário, bar e bancada são por esta ordem acoplados ao pelado. A similitude entre os dois processos, tanto ao nível das permanências na superfície como do crescimento faseado no programa, espelha o idêntico percurso competitivo que ambos os clubes mantêm pelos escalões mais baixos do futebol popular.

Não sendo, por norma, inicialmente prevista ou pensada a sua construção, o programa é, ao longo do tempo (e consoante as possibilidades), adaptado a interstícios, mais ou menos distantes, gerados da colisão desta nova topografia plana com o estrato ou então, alternativamente, negociados com os proprietários dos terrenos vizinhos tal como acontecera em Matamá [IN2] onde a bilheteira é um anexo improvisado de uma habitação privada a 150 metros do centro de gravidade Campo¹, a bancada está colocada num talude artificial separado do Campo por uma estrada² e, para completar o mapa, uma derradeira construção, com bar e balneário, aparece noutra espaço residual isolado dos anteriores.³

¹ 374.

² 360.

³ 370, 372-373

Contudo, nem sempre estes acréscimos redundam em modelos mais ou menos dispersos de (des)organização do programa. Em vez disso, nos projetos para os Campos da Valinha [PO2] e de Gémeos [GEM], a cada fase da construção corresponde a sobreposição de novos pisos às já existentes edificações.

*“Já tenho o projeto pronto para acrescentar um andar às atuais instalações...”*¹ são palavras de José Élio, máximo dirigente do *Grupo Desportivo da Valinha* em 2000. Quase duas décadas mais tarde, tal obra continua em *stand-by*. Na cobertura do balneário, o espaço destinado à sede social vai servindo como terraço a partir de

¹ José Élio, o presidente da Direcção há três anos. *Desportivo de Guimarães*. Guimarães. ano VIII, nº 442 (2000), p. 18.

onde as claques *green boys* e *ultras* dirigem os cânticos de apoio à equipa local.⁴ Ao contrário da Valinha, em Gémeos, um plano idêntico haveria mesmo de se concretizar. Ainda assim, não por completo, uma vez que ao piso do rés-do-chão onde funcionam os balneários e a arrecadação o presidente Eduardo Silva prometera juntar não um, mas dois andares, com sede social e bar respetivamente.² Esta trata-se, portanto, de uma arquitetura de acumulação e sobreposição, objeto a objeto, improvisado sobre improvisado; uma arquitetura sem arquitetos – pensada e executada pelos próprios usuários.⁵

⁴ 573.

² “O bar está a funcionar provisoriamente no piso 0, porque estas obras vão ter mais dois pisos, com sede social e bar. Mas como os nossos recursos financeiros são poucos, teremos de avançar lentamente.” Gémeos regressa ‘às origens’. *Desportivo de Guimarães*. Guimarães. ano VIII, nº 488 (2001), p. 19.

⁵ 158, 159; 265, 266.

No Campo, como no futebol, a incerteza acerca do resultado permanece até ao fim.³ Nem mesmo uma estratégia de jogo prévia e rigorosamente montada impede que sejam os acontecimentos imprevisíveis do seu desenrolar a defini-lo. O próprio planeamento e orçamento das obras funciona quase como um prognóstico futebolístico – palpite que, não só raramente coincide com desfecho do jogo, como pode inclusivamente antever um cenário diametralmente oposto ao que, de facto, acabe por se consumir.⁴

³ CALLOIS, Roger. op.cit., p. 27.

⁴ “Os orçamentos das obras são quase como os do futebol. Só no final das obras feitas é que poderemos fazer contas.” LAMAS, Francisco [pres. do Urgeses]. op.cit., loc.cit.

*RUA DO CAMPO DA BOLA I, RUA DO CAMPO DA BOLA II E
RUA DO CAMPO DA BOLA III*

Independentemente das limitações topográficas ou das recomendações da FIFA, das condições de acessibilidade ou das restrições do PDM – o motivo por detrás da escolha dos terrenos a implantar o Campo deve-se, fundamentalmente, a razões económicas.

Nesse sentido, do progressivo desinvestimento empresarial e paroquial no futebol aliado à incapacidade das entidades administrativas locais e municipal em patrocinar, com o mesmo fôlego, a compra de terrenos e respetiva construção de recintos, resulta uma mudança de paradigma. O Campo que, de início, por força da capacidade polarizadora¹ das funções religiosa e industrial, aparece nos centros de freguesia – nas imediações de igrejas [RO1] [AIR]¹ ou fábricas [JOR] – passa a surgir com maior afluência fora do “*coração das comunidades*”², onde a agricultura e floresta prevalecem sobre uma ocupação urbana até então escassa ou mesmo inexistente. Isto é, *onde estão os terrenos mais baratos*.³

Este critério torna-se de tal forma determinante ao ponto de, em situação extrema, ser admissível como localização do equipamento um terreno já em solo da freguesia rival – à semelhança do que ocorre com o Campo do FC Prazins e Corvite [EU1], clube que antecipou em quase 30 anos a União das Freguesias de Santo Tirso de Prazins e Corvite mas que nem assim viu as suas instalações serem contruídas numa ou noutra. Quem, aos domingos, quiser apoiar a equipa da terra terá obrigatoriamente de se deslocar a Santa Eufémia de Prazins.

Se, por um lado, é nos arrabaldes que se verifica o cumprimento do pré-requisito financeiro, por outro, é também aí onde, não raras vezes, a implantação do Campo se depara com todo o tipo de infortúnios – que vão desde o incumprimento das regras e recomendações da FIFA à transgressão dos regulamentos do PDM.⁴

¹ SILVA, Cidália. op.cit., p.105.

¹ 043; 637.

² MORRIS, Desmond. op.cit., p. 41.

³ *Liga dos Últimos*, p. 32.

⁴ Sendo 20 dos 54 exemplares que constituem a amostra clandestinamente construídos em áreas protegidas de Reserva Agrícola (RAN) ou Reserva Ecológica (REN); informação catalogada no Volume II; MAPA XIII, p. 103.

Assim, no processo de implantação destes Campos de futebol as mudanças são, em primeiro lugar, morfológicas. A extensão de terreno plano que requerem, obriga a mudanças que fazem *tábua-rasa dos estratos preexistentes*.¹

¹ SILVA, Cidália. op.cit., p.141.

Em estrato agrícola, a condição da *geometria do solo*², caracterizada por declives reduzidos, parece oferecer um panorama favorável à sobreposição da superfície plana do Campo. Porém, outros fatores associados à sua especificidade – em particular um solo húmido e fértil potenciado por linhas de água próximas a juntar às próprias condicionantes impostas nas políticas de ordenamento e gestão do território – constituem o grande obstáculo a contornar. Intervenções como o desvio e canalização de linhas de água ou até a manipulação das margens dos rios espelham algumas das implicações da ação inicial introduzida pelo Campo no funcionamento da estrutura parcelar existente.³

² JUAN, Marta Labastida. op.cit., p. 48.

O estrato florestal reflete ainda melhor os paradoxos implícitos nesta operação. Estes são os terrenos mais baratos, mas ao mesmo tempo aqueles cuja modificação exige uma intervenção mais radical já que é praticamente necessário esculpir um retângulo plano para se jogar futebol num solo de pendentes muito acentuadas. Calcula-se que tenha resultado da rutura introduzida neste estrato o movimento de aproximadamente 500 mil toneladas de terra apenas na área circunscrita ao terreno de jogo.⁴

³ MAPA IX. Dos tanques e linhas de água próximas, p. 99.

Contudo, é, justamente, no seio deste quadro de condicionantes e adversidades, que o Campo dará origem a uma nova dinâmica de polarização do povoamento no território do Ave difuso. A atratividade que cria à sua volta vai desencadear um processo reativo no qual a base agrícola e florestal é *ao longo do tempo substituída por ocupação urbana*.⁵

⁴ Calculo efetuado a partir das secções apresentadas no MAPA XII. Da transformação topográfica, p. 102.

⁵ SILVA, Cidália. op.cit., p. 107.

Por exemplo, na freguesia de Aldão [ALD], é o *Parque de Jogos Artur Silva* (assim nomeado em homenagem ao patrono que cedeu o terreno) que, em 1989, inaugura a metamorfose do estrato florestal em estrato disperso.⁶ Outro caso ilustrativo deste fenómeno pode ser a Urbanização das Cruzadas, nascida a partir da infraestrutura viária inicialmente traçada para garantir o acesso ao *Campo Água das Cabras* [GON] e onde no decurso do tempo é possível identificar uma crescente concentração das habitações junto do recinto de jogo.¹

⁶ JUAN, Marta Labastida. op.cit., p. 33-40.

¹ 336-340, 346-347, 351.

Rua do Campo da Bola I, Rua do Campo da Bola II e Rua do Campo da Bola III são os topónimos que melhor sintetizam esta reação, mas não os únicos. *Travessa do Campo de Futebol, Avenida do Parque Desportivo* [BRI]² ou *Largo do SC Gondomar* [GOD]³ são também elas designações sintomáticas do processo de urbanização impulsionado pelo surgimento do Campo. Mesmo assim, nem só destes elementos se caracteriza esta operação urbanística – em torno do Campo vão também aparecer novos serviços e equipamentos coletivos.⁷

² 118-119.

³ 316.

⁷ MAPAS VI, VII e VIII, p. 93-97.

Ao passo que nos primórdios do futebol (em meados do século XIX, na Grã-Bretanha) os desafios começaram por ser jogados *numa secção delimitada de parques públicos* ou em recreios de escolas, onde, por sua vez, eram os muros que automaticamente demarcavam a área de jogo.⁸ No Vale do Ave contemporâneo invertem-se os papéis, sendo neste caso o Campo de futebol a anteceder a criação de parques de lazer [AT2] [CAN] ou pré-escolas [MES] [SER].

Em Santa Maria de Souto [MAR], a acompanhar a transformação do lugar está também a denominação do equipamento que muda de *Campo de Jogos do Sport Clube Estrelas Vermelhas* para *Parque Desportivo e de Lazer de Souto Santa Maria*. Sem nenhuma ordem em particular, aglutinam-se agora ao Campo, interconectados por percursos pedestres, um pavilhão polidesportivo, um parque de merendas, um parque infantil e um lago. Noutra latitude, decorria

⁸ “Conhecido tecnicamente por «Campo de Jogo» é também denominado por jogadores e treinadores «o relvado». (...) Como tantas palavras e frases de futebol, esta possui uma qualidade antiga, datando da época em que a maior parte dos desafios se jogavam numa secção delimitada de parques públicos, antes de grandes multidões se reunirem para assistirem às partidas.” MORRIS, Desmond. op.cit., p. 38.

o ano de 2009 quando, por iniciativa do próprio clube local, foi acrescentada uma creche¹ às instalações do *Complexo Desportivo Amigos de Urgeses* [URG]. Não há, portanto, uma separação nitida entre aquilo que ao domínio do Campo pertence e o que, respetivamente, ao parque e creche diz respeito. Antes pelo contrário, o que em vez disso parece acontecer é mais uma fusão ou mistura entre um e outro dispositivos, tal como ainda sucede em São João de Airão [JOA] onde, desde 2010, o Campo de Jogos e Piscina Municipal partilham os balneários ou em Pombeiro de Ribavizela (Felgueiras) onde as instalações do clube e junta de freguesia coexistem no mesmo edifício.

Deste modo, o Campo não se assume como produto acabado ou objeto de limites definidos e programa predeterminado, mas sim como um processo em aberto que incorpora *relações ambíguas e sobrepostas nas formas e nos tempos*.²

*UMA PARCERIA SAUDAVEL*³

A somar à condição promiscua que caracteriza as estruturas precedentes, outro tipo de relações começam a construir-se alicerçadas na proximidade entre o Campo e toda uma rede complementar de comércio, serviços e equipamentos coletivos existente à sua volta. Sistema esse cujo funcionamento assume um papel crucial no enraizamento dos clubes na comunidade e decorrente preponderância dos Campos no tecido difuso.

Quanto aos meios pelos quais esta teia de ligações territoriais se desmonta sobressaem essencialmente dois tipos de movimento centrípetos: um, a partir de fluxos quotidianos dos usuários (por exemplo, das escolas ou fábricas para o Campo); o outro, através de colaborações entre clubes e instituições locais ou outras entidades.

¹ Creche inaugurada. disponível em: [videos.sapo.cv/MciAFZ9UGgKvDOEDwHf](https://www.videos.sapo.cv/MciAFZ9UGgKvDOEDwHf)

² JUAN, Marta Labastida. op.cit.. Vol. 1, p. 77.

³ ANEXO 11. Clínica do Infante + Grupo Desportivo de Selho, p. 169.

Em Ronfe, para os mais devotos aficionados, o domingo é tradicionalmente dia de missa e futebol. A poucos metros da igreja [R01], para não importunar os santos nem dividir as audiências, só após o padre dar por terminada a eucaristia é que o árbitro apita para o pontapé de saída. Alternativamente, todos os fins-de-semana, os seguidores da *União Desportiva de Airão* [AIR] cumprem outro ritual. Antes de ver rolar a bola, *é tempo de visitar os amigos e familiares falecidos*.⁴ Apesar de a igreja também estar próxima, apenas o atravessamento de uma estrada separa a bilheteira do Campo do portão de entrada no cemitério local.

⁴ Airão vs Briteiros. disponível em: [videos.sapo.cv/ZZTKvinwlnTqe0yOqm9U](https://www.youtube.com/watch?v=ZZTKvinwlnTqe0yOqm9U)

Entre o GD Serzedelo [SER] e a escola profissional Didáxis foi recentemente firmado um protocolo de cooperação desportiva que, para lá de promover o intercâmbio de alunos/atletas, prevê a partilha de carrinhas, camionetas e infraestruturas.⁵ Acordo esse, em parte, idêntico ao que em 1999 a Juventude [R01] assinara com a Casa do Povo.

⁵ ANEXO 10. Notícias acerca do protocolo entre Didáxis e o Grupo Desportivo de Serzedelo, p. 166.

*Vai haver um intercâmbio extremamente importante ao nível social, desportivo e financeiro. Dou um exemplo. A Casa do Povo vai comprar uma carrinha, o Ronfe vai comprar uma outra carrinha com o apoio de amigos, e é uma coisa que tenho de dizer às pessoas. (...) Por outro lado, o clube cederá à Casa do Povo o seu autocarro, uma vez por mês, para que os idosos possam passear. Em contrapartida, a carrinha da Casa do Povo será cedida ao Futebol Juvenil do clube, colmatando uma lacuna que tínhamos. (...) Para terminar, ao lado da Casa do Povo será montado um belíssimo snack-bar e as receitas reverterão a favor das camadas jovens. São iniciativas que pretendemos que venham a redundar num desafogo financeiro porque os mecenas acabaram.*⁶

⁶ PIZARRO, Manuel [pres. do Ronfe]. Queremos um Estádio novo. *Desportivo de Guimarães*. Guimarães. ano VIII, nº 385 (1999), p. 7.

O CAMPO JÁ TEM DESTINO: PODERÁ SERVIR PARA AMPLIAR O CEMITÉRIO LOCAL

Definir o Campo como catalisador constitui, no entanto, um retrato incompleto. O Campo é simultaneamente *catalisador* e o seu inverso, *agente* e *reagente*. Um dispositivo que, ao potencial catalítico (atrás conferido), acresce a apetência de ele próprio responder a estímulos externos – do lugar.

Partindo desta dualidade, o Campo funciona quase como uma espécie de sensor – *dispositivo que permite adquirir, ler ou transmitir*¹ determinada informação acerca do meio com o qual interage. Esta capacidade de absorver ou refletir aquilo que acontece numa escala cujo alcance ultrapassa o seu domínio físico pode explicar-se por intermédio de dois processos que – a partir das transformações, estados e usos da superfície – contam histórias em sentidos antagónicos: de um lado, o processo de artificialização; do outro, um processo de abandono.

Esquemáticamente, no primeiro, enquanto o retângulo cresce em dimensão e passa de uma superfície em terra batida para um relvado artificial/sintético [BRI], ao mesmo tempo, fora do Campo acompanhamos outro processo de artificialização – urbanizar.²

Inversamente, o processo de abandono faz o retrato de um território expectante; dentro do Campo [GOD] cresce uma vegetação infestante que esconde progressivamente as marcas do lugar.

A ação do catalisador – Campo – no processo de artificialização contrasta com a sua contaminação no processo de abandono. No que ao recinto de jogo diz respeito, as causas ligadas ao abandono estão maioritariamente associadas ao encerramento ou suspensão de atividade dos clubes, mas também à mudança de infraestruturas por parte dos mesmos [R02] ou ainda ao facto de nenhum clube o ter utilizado. Sendo um dos mais recentes Campos construídos

¹ PRIBERAM. disponível em: priberam.pt/dlpo/sensor

² “Eu acho que esta vila é a vila mais bonita do concelho de Guimarães. É a vila que mais desenvolveu a todos os níveis. Basta dizer, por exemplo: nós temos pavilhão gimnodesportivo, nós temos piscinas cobertas, temos piscinas descobertas, temos um parque de lazer que, para mim, é o melhor do concelho.” DIAS, José [pres. do Brito]. Brito vs Moreirense. disponível em: videos.sapo.cv/3ktFWYcalnnZROPdNF5c (08’15”)

paradigmático desta situação – em Gominhães [GOM] este processo foi praticamente de imediato desencadeado após o Campo aparecer no ano de 2007.

Sem o futebol e respetivos intervenientes para garantir o seu uso e manutenção, nalguns dos, até agora, 15 Campos desativados¹ são os funcionários das juntas de freguesia quem ocasionalmente limpa a vegetação que, após cada operação, persiste em nascer [MAR] [SEZ].

A tempo inteiro encarregues de uma tarefa equivalente estão as ovelhas do Sr. Costa [GOD].¹ Longe vão épocas em que os clubes das freguesias de Gondomar e Donim (apenas separadas pelo rio Ave) disputavam os mais talentosos futebolistas da região. Hoje em dia, as estrelas da companhia são de um lado as ovelhas [GOD] e do outro as cabras [DON].²

Seis anos após deixar de funcionar para o propósito sob o qual haveria sido pensado, foi descoberto um novo uso para o *Campo de Jogos de Castro Sabroso* [LOU] – designação que, na verdade, já não faz o mesmo sentido visto que ao jogo de futebol deu lugar o treino canino, ou mais especificamente, a *Dog Force*.³

O PROBLEMA É DEMOGRÁFICO

De âmbito mais lato, as razões afetas à inatividade ou inexistência destas coletividades são sobretudo demográficas, económicas e sociais. Deste modo, um indicador que possibilita medir ou reconhecer a amplitude de cada processo é, por exemplo, a comparação entre o desenvolvimento de clube e correspondente freguesia relacionando o percurso competitivo da equipa de futebol com a evolução do número de habitantes locais.

Recorrendo aos casos a partir dos quais se apresentam os respetivos processos verifica-se que a acompanhar o sustentado crescimento demográfico de Brito [BRI], o clube local compete (com exceção de um

¹ MAPA XIV. Cronologia das relações entre Clubes e Campos, p. 104.

¹ 303, 312-315.

² 222,223.

³ 431.

ou outro percalço) nos mais elevados patamares do futebol regional, ao passo que, no polo oposto, se constata uma sucessiva diminuição de residentes a partir do pico máximo atingido aquando da esporádica participação do SC Gondomar [GOD] nos quadros federados datada da temporada desportiva de 1995/1996.²

Aliás, mais do que estabelecer esta correspondência, o próprio Campo permite-nos ir diretamente ao cerne da questão. Isto é, aos sinais ou sintomas por detrás dos números que traduzem uma determinada realidade demográfica. Por exemplo, nos jogos do GD Longos [LON], fora das quatro linhas o público é pouco; dentro há cada vez mais atletas recrutados noutras freguesias tal é a escassez de *matéria-prima local, futebolisticamente falando*.³ Neste lugar, mais preocupante do que a eminente saída do presidente David Silva é o recente aumento da emigração.⁴

*“Estamos a perder 5-0, não vamos voltar a entrar em Campo para voltar a levar outros cinco...”*⁵ foi a mensagem de incentivo do treinador e vice-presidente do Aباças, Fernando Almeida, durante o tempo de intervalo do jogo contra o São Tomé. Enquanto isso, fora do balneário, dos 21 espectadores presentes (*incluindo o presidente e mais sete familiares, entre os quais a matriarca da família que veio ver os netos a jogar*)⁶ já ninguém contesta as opções táticas da equipa técnica nem sequer, como costume, se protestam faltas ao árbitro. Resignados com o resultado e com o futuro destino do Campo, que poderá servir para ampliar o cemitério local, *já há adeptos que se imaginam a ter o descanso final ali onde os jogos se iniciam*.⁷

Sem jogadores, sem sócios, nem dinheiro, o Aباças têm os dias contados.⁸ *O problema, explica a matriarca Dona Livração, é demográfico: “agora já não há meninos... não fazem meninos nenhuns... ora pois os jogadores da bola acabam; e depois os que há também só comem pito de frango do aviário...”*⁹

² Gondomar, o desconhecido. *Desportivo de Guimarães*. Guimarães. ano IV, nº 180 (1995), p. 12.

³ Longos vs Emilianos. disponível em: videos.sapo.cv/VL3uHhVnOyJKKlpOQ0kv (01'52")

⁴ *idem*.

⁵ Aباças vs S.Tomé. disponível em: videos.sapo.cv/sOzn0Te9fGPdRliSBWY (03'55")

⁶ *ibid.* (01'20")

⁷ *Liga dos Últimos*, p. 33.

⁸ *“Tive momentos muito bons. Momentos tristes. Maus... e agora está saindo aos poucos. Estamos em últimos e é para sair mesmo. É para acabar.”* COELHO, José Luís [pres. do Aباças]. Aباças vs S.Tomé. (00'40")

⁹ *“... deviam comer uns ovos bons e uma vaca velha e essas coisas assim. Como antigamente, comia-se aquela ovelha velha. Dava muita força... era rija mas dava força”* acrescenta ainda. *ibid.* (05'16")

*NÃO TEMOS CONDIÇÕES, OS JOGADORES SENTEM-SE
ABANDONADOS*

A conjuntura de que depende a subsistência dos clubes e, por conseguinte, o funcionamento das suas instalações é, portanto, mais complexa e dispersa do que aquilo que este indicador demográfico por si só transmite. No futebol amador, as receitas nunca chegam para cobrir as despesas – tal como o adepto Joaquim Sousa exemplifica a propósito do *Grupo Desportivo de Selho* [SEL]: “*nós tivemos agora uma receita de 112 euros e pagamos à GNR 125...*”¹ – daí que, para viabilizar a sobrevivência de qualquer clube, seja imperioso reunir outros apoios financeiros provenientes de fora que, no essencial, se resumem ora à participação de um ativo corpo de associados, ora, principalmente, ao contributo de uma rede de patrocinadores locais, a quem Armando Salazar, presidente do Campelos [NOV], *pede pouco mas muitas vezes*.²

Entretanto, foi precisamente com a falta destas garantias que se deparou a supracitada equipa [SEL], no ano seguinte ao testemunho de Joaquim, quando já o Campo estava sem luz, os balneários sem água e o piso sem manutenção. Nas palavras do diretor Silva ao blog Futebol Popular: “*não temos condições, os jogadores sentem-se abandonados, da última vez que tínhamos jogo nem comparecemos por falta de jogadores que se sentem desmotivados e abandonados (...) sem sócios que não pagam quotas, os patrocinadores do ano passado não querem ajudar, é impossível sobreviver...*”³

Tal como sucedera à equipa de Brito [BRI] entre 2007 e 2009⁴, desta desistência [SEL] resultaria, somente, uma interrupção temporária e não a extinção definitiva da sua atividade – situação que, aliás, raramente se verifica a não ser para dar lugar a novos clubes, acompanhando, dessa forma, as transformações que na sua área de afetação se fariam sentir, nomeadamente a questão da reorganização administrativa das freguesias concretizada em 2013, resolução a partir da qual nasceram as equipas do *Atlético Clube de Soutos e Gondomar*

¹ Selho vs Trandearas. disponível em: videos.sapo.cv/ZSY2UCy584Yfy5RF39KK (06'55")

² “*O nosso precisar de apoio, não precisamos de cinco mil euros nem dez mil euros nem coisa parecida. Nós precisamos é de 50 euros, 10 euros, 15 euros, 20 euros muitas vezes.*” Campelos vs Fontelos. disponível em: videos.sapo.cv/IQHUVJqiNMyLMY972aEw (00'52")

³ FUTEBOL POPULAR - Acabou o S.Lourenço de Selho. disponível em: futepopularguimaraes.blogs.sapo.pt/108753.html

⁴ Na verdade, o futebol em Brito nunca parou. Para dar a volta à suspensão, o *Brito SC* ficou em espera e deu lugar ao *Vitória de Brito*, nome que, segundo José Carlos, foi uma opção *de última hora*. Aliás, o próprio presidente faz desde o primeiro instante questão de esclarecer: “*O Vitória de Brito é para acabar... isto é só um nome fictício para contornar o castigo que nos foi aplicado pela Federação...*” DIAS, José [pres. do Brito]. Brito vs Moreirense. disponível em: videos.sapo.cv/3ktFWYcalnnZROPdNF5c

[SOU] e do *Santiago Mascotelos Futebol Clube* [CAN], respetivamente, em substituição do *Atlético Clube de Souto* e do *Grupo Recreativo Cultural e Desportivo Santiago de Candoso*, estendendo assim ao futebol a união das freguesias de Santa Maria de Souto com São Salvador de Souto mais Gondomar e, no outro caso, de Santiago de Candoso com a freguesia de Mascotelos.

Como algumas destas denominações fazem transparecer⁵, nem só por futebol se caracterizam estes agrupamentos.⁶ Recorrentemente apropriados para lhes dar nome, termos tais como *cultural*, *desportivo* e *recreativo* têm, por sua vez, correspondência em práticas que ultrapassam aquele que, por norma, é o seu propósito fundador e que, inclusivamente, persistem mesmo quando a bola pára de rolar em Campo por períodos de tempo mais prolongados. A título de exemplo, com a atividade futebolística suspensa desde 2006, o *Centro Recreativo e Cultural de Briteiros* [SAL] continua ativo por força da sua secção de petanca¹, prática que iniciara numa estrutura inacabada primitivamente pensada para funcionar como pavilhão de relva sintética.⁷ Em situação idêntica, o *Sport Clube Estrelas Vermelhas* [MAR], clube que no mesmo ano abandonara o futebol amador e que viria mais tarde a criar uma equipa de futsal feminino⁸ dando assim uso ao pavilhão que pouco antes construira ao lado do Campo. Outro caso a merecer referência é o *Centro Cultural e Desportivo Coelima* [JOR], um histórico não só do futebol como também do ciclismo local, mas que hoje em dia tem num grupo de teatro a sua única atividade.⁹

⁵ Informação catalogada no Volume II.

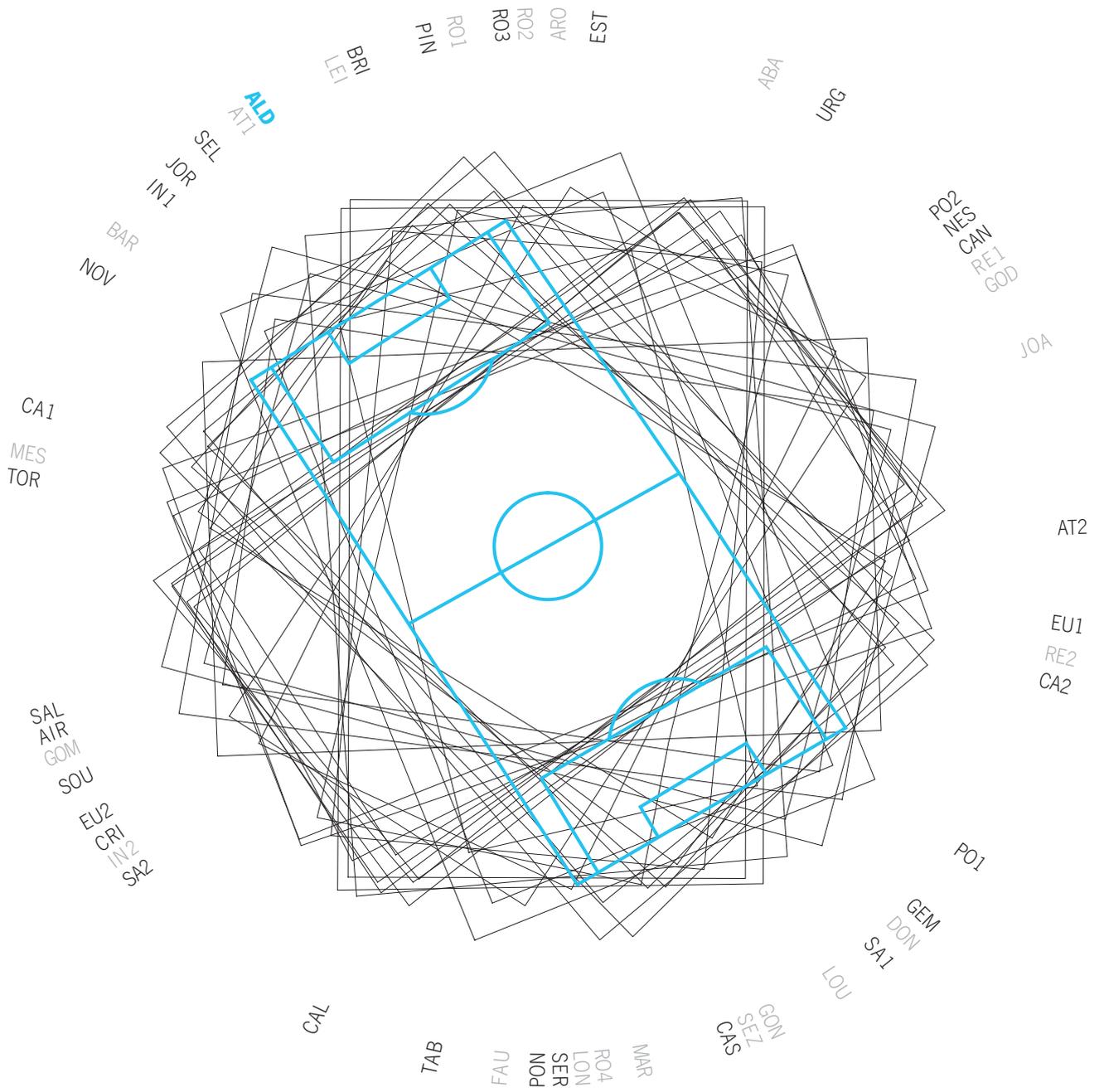
⁶ ANEXO 10. “Conseguimos trazer o futebol popular de volta, mas somos mais que desporto”, p. 168.

¹ 693-696.

⁷ “O Briteiros pretende criar uma escola de desporto e para tal aposta na construção de um pavilhão de relva sintética. Uma infra-estrutura que já está em fase de execução e que apenas deverá ser concluída se o clube receber os fundos a que se candidatou.” Pavilhão e novo projecto. *Desportivo de Guimarães*. Guimarães. ano XV, nº 799 (2007), p. 4.

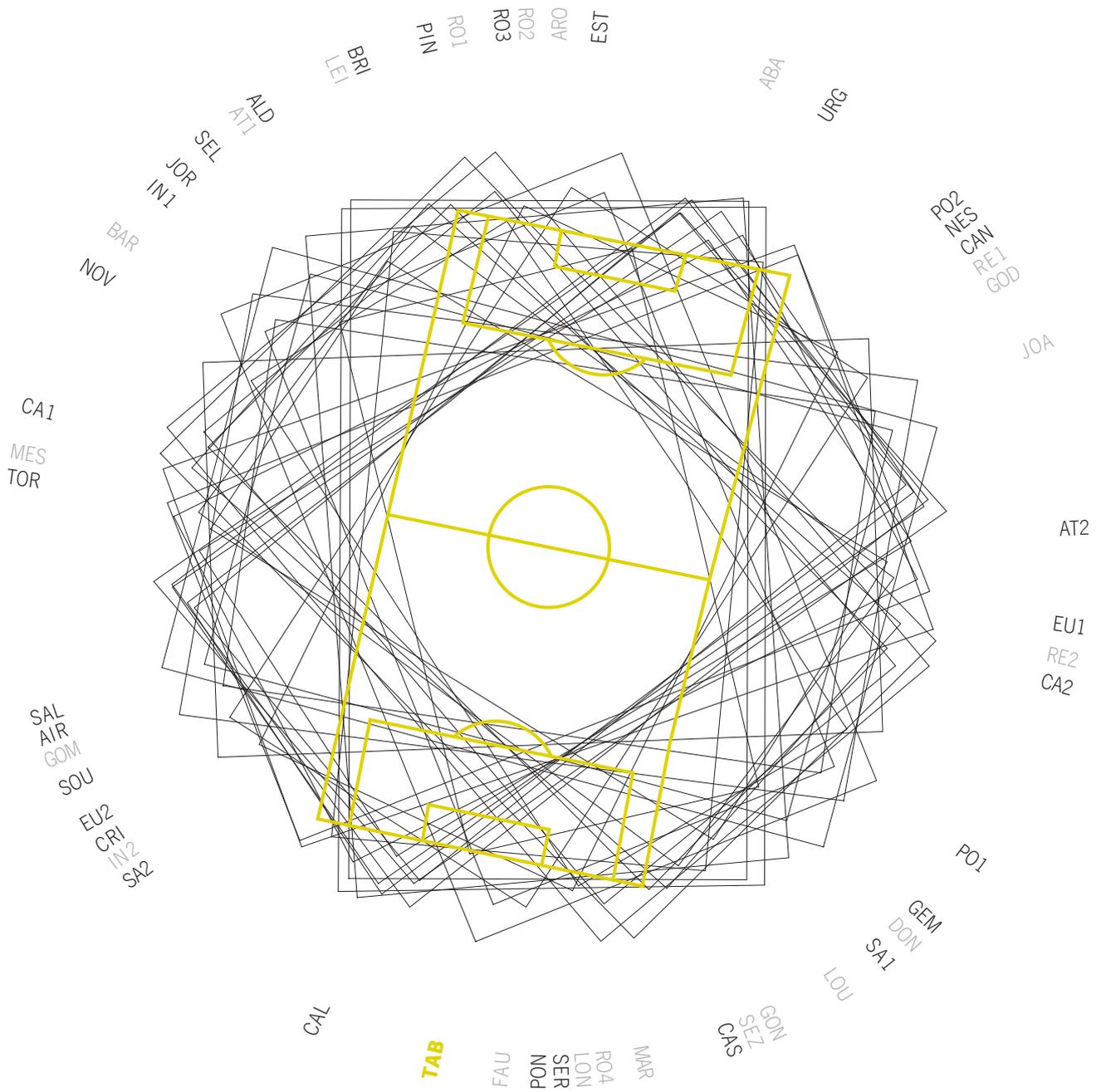
⁸ FACEBOOK - Estrelas Vermelhas. disponível em: [facebook.com/profile.php?id=100009408876028](https://www.facebook.com/profile.php?id=100009408876028)

⁹ FACEBOOK - Teatro da Coelima. disponível em: [facebook.com/teatrocoelima.teatrocoelima](https://www.facebook.com/teatrocoelima.teatrocoelima)

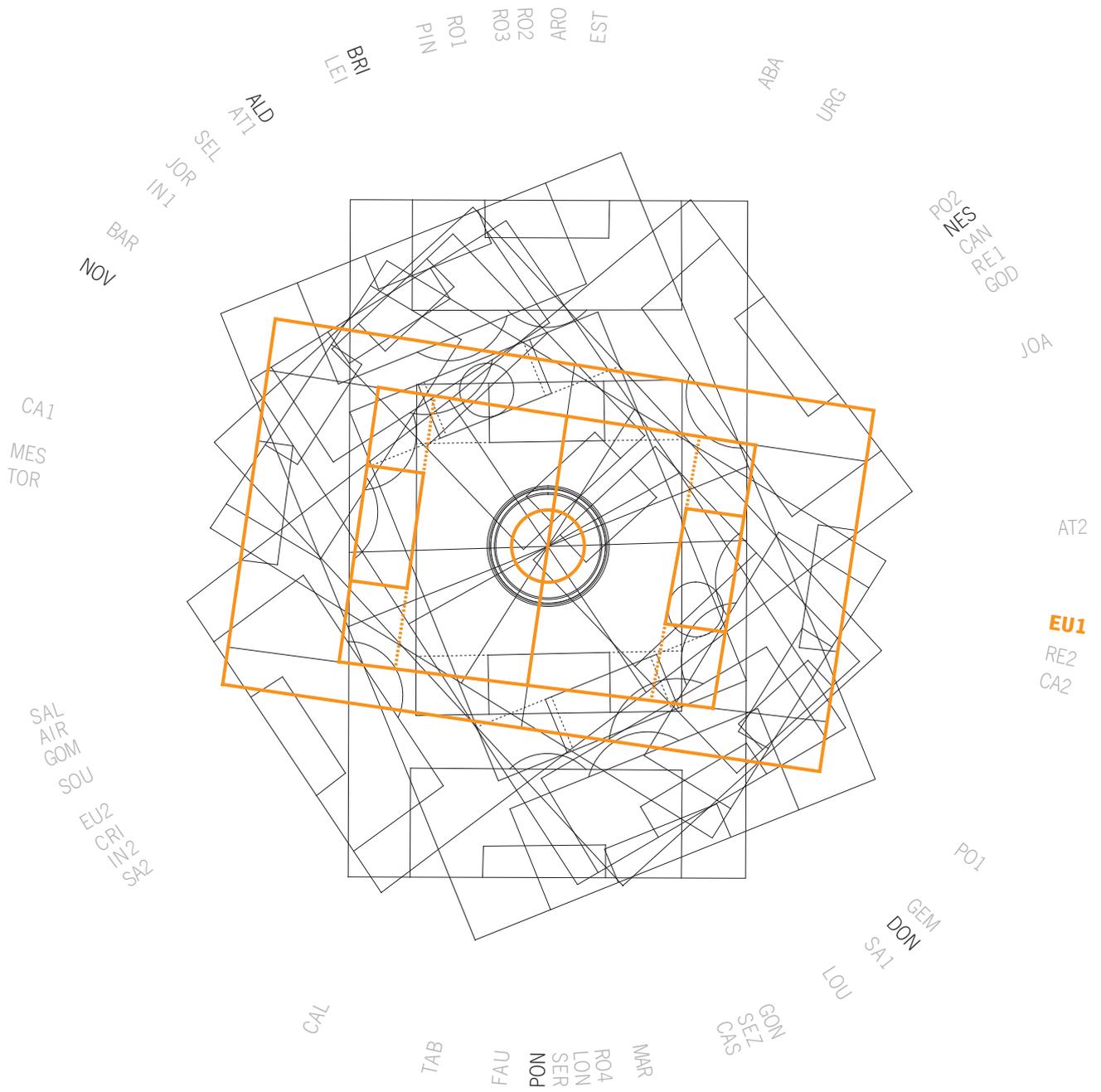


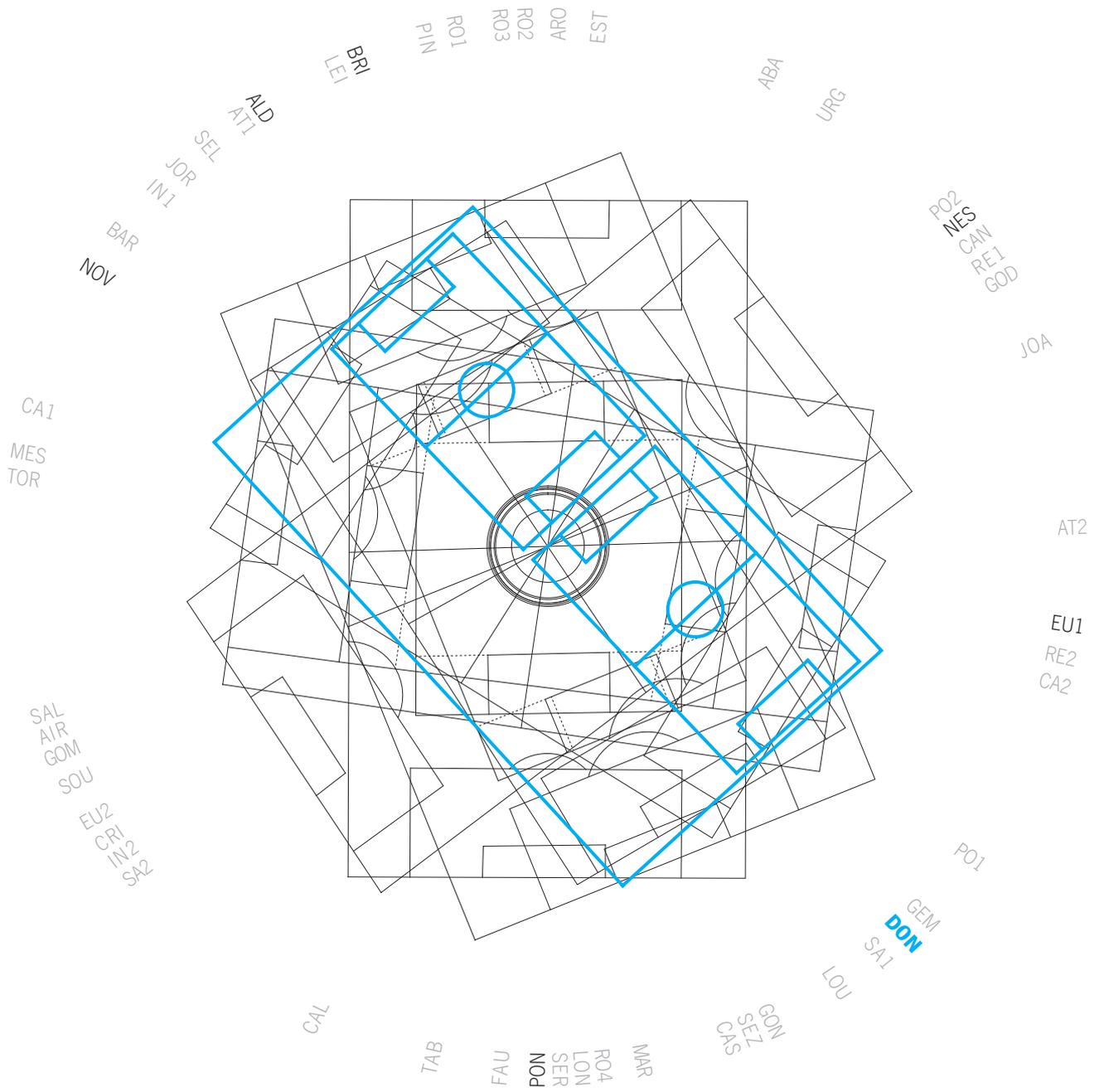
MAPA I. Das dimensões e orientações.

150m



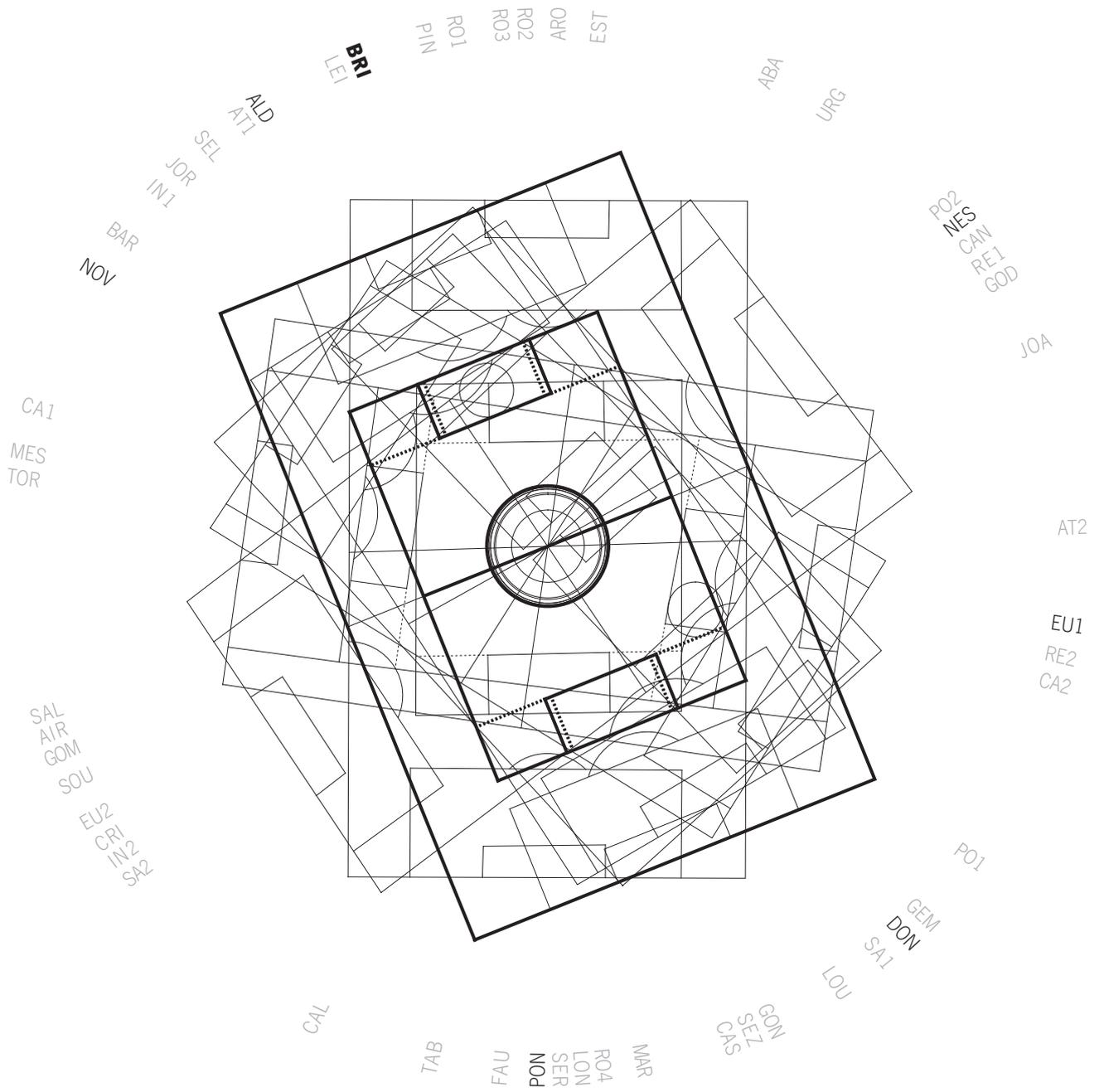
MAPA I. Das dimensões e orientações.





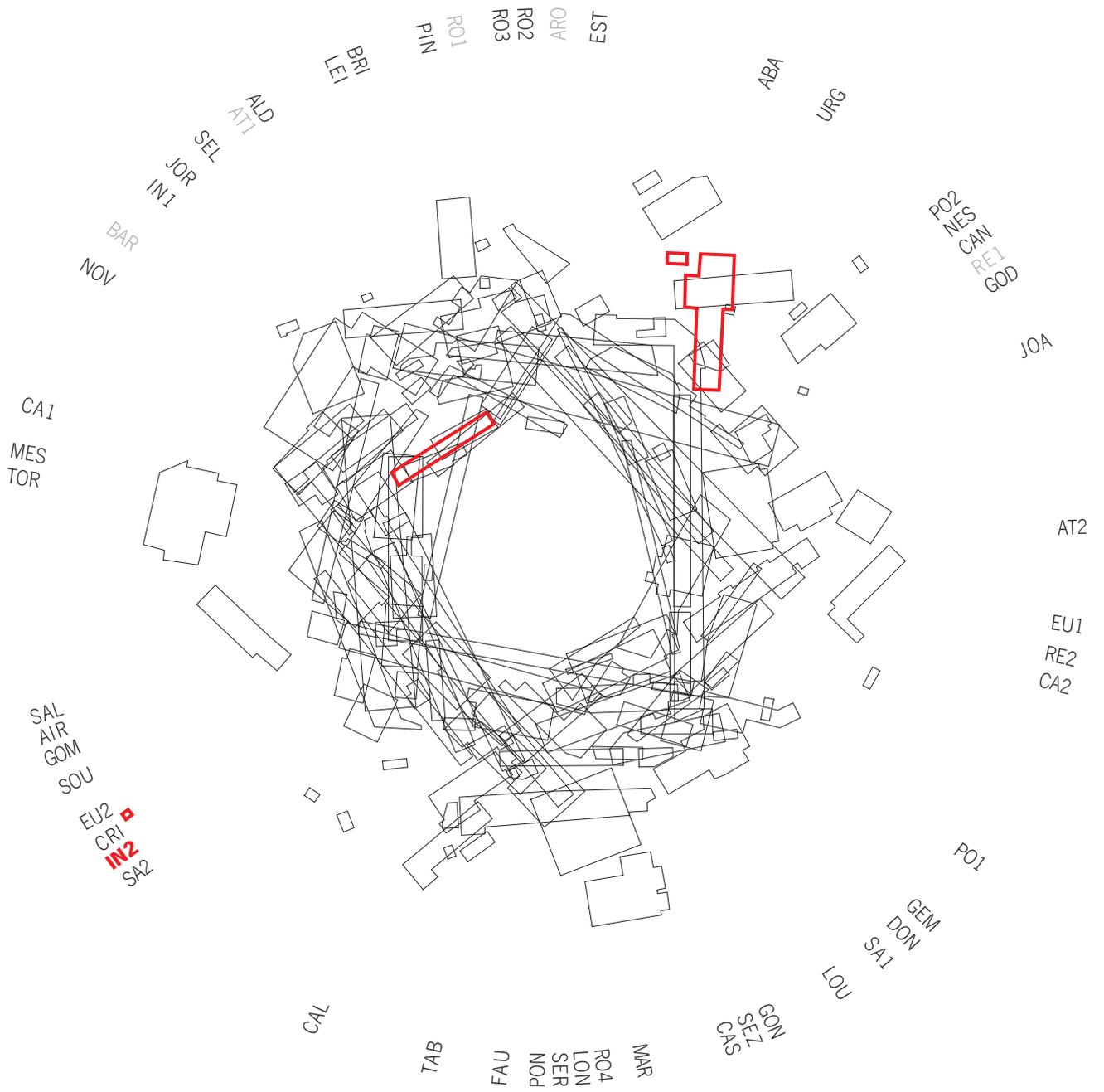
MAPA II. Do desenho e usos.

150m



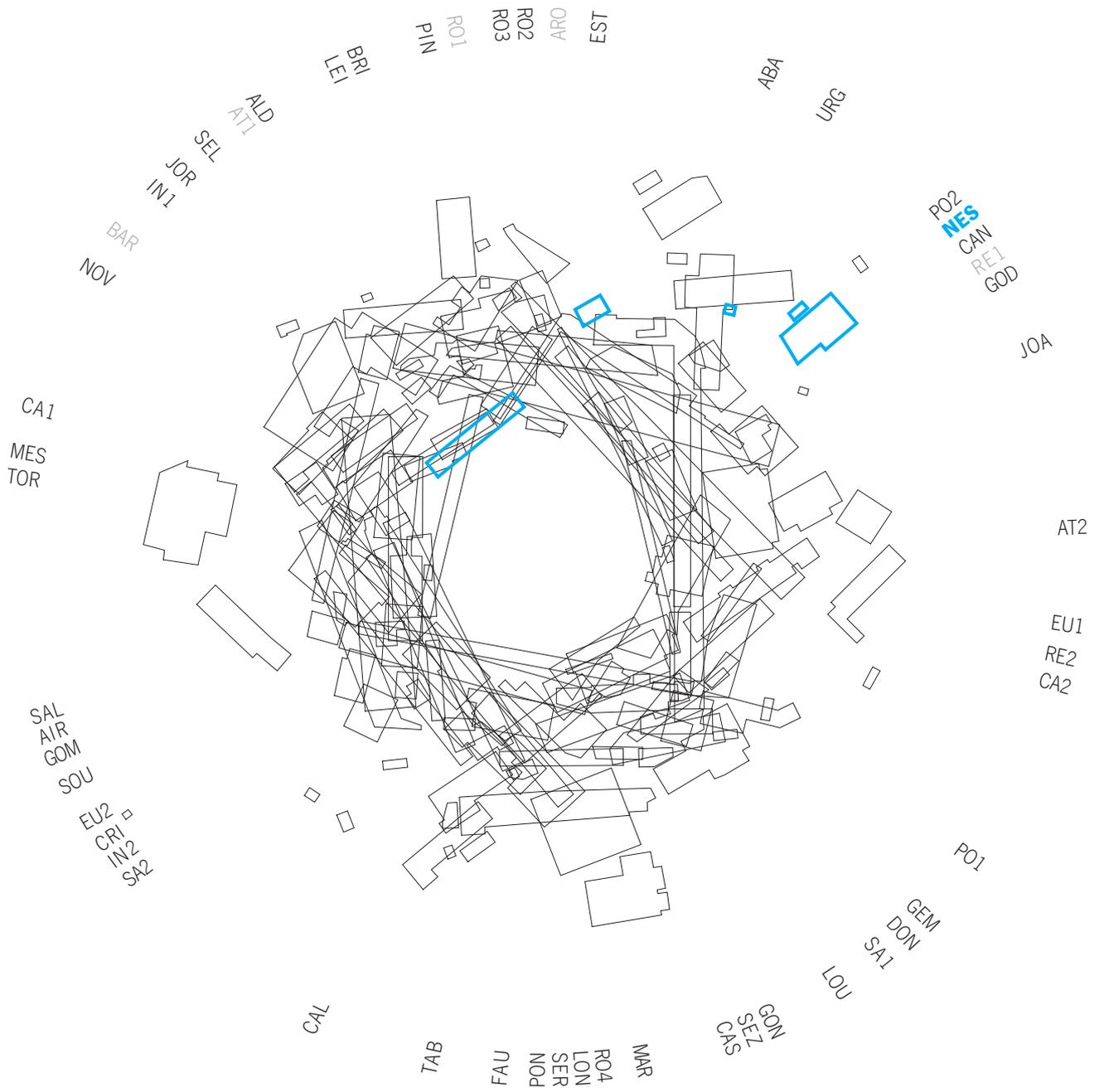
MAPA II. Do desenho e usos.

150m



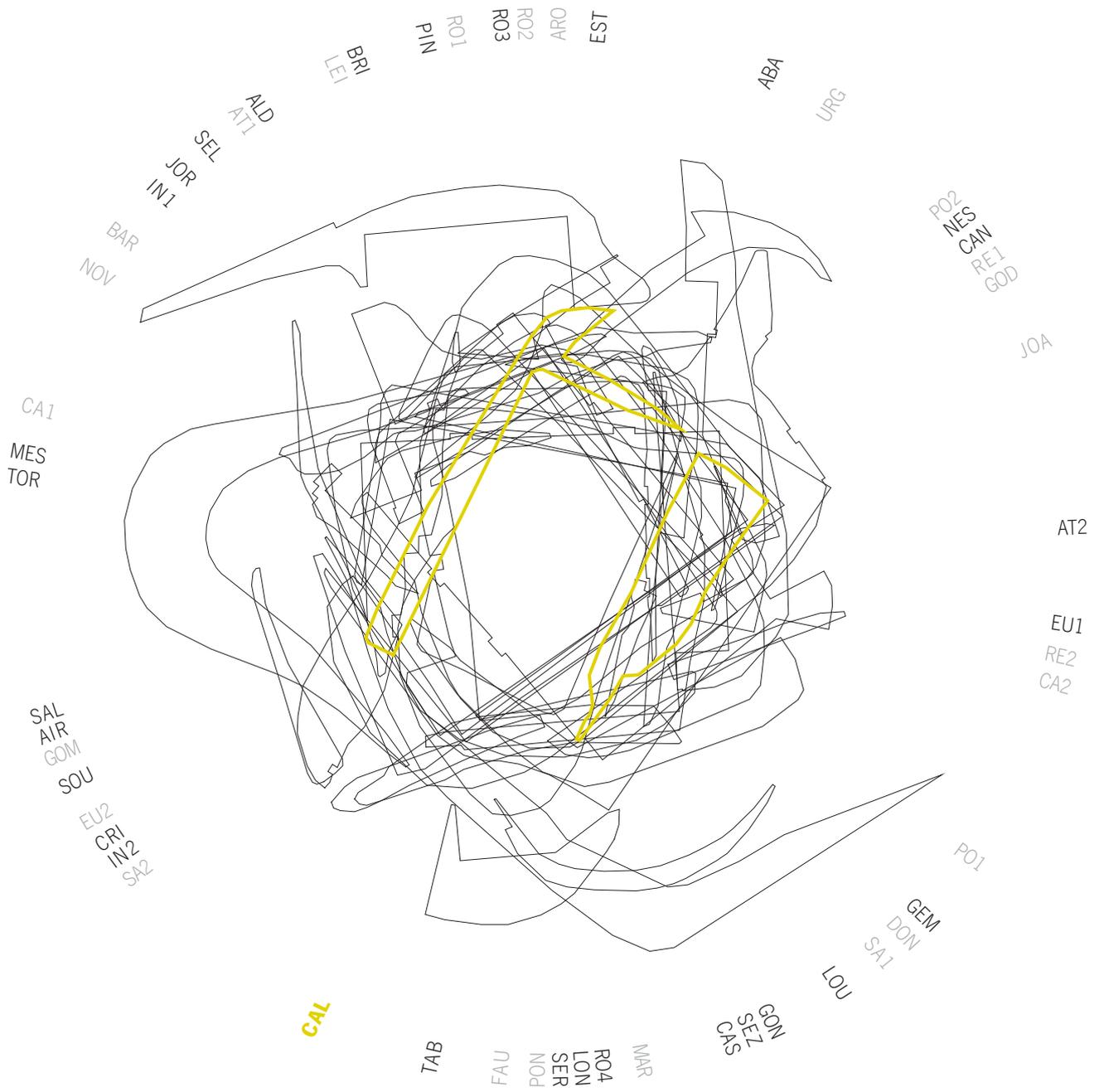
MAPA III. Das instalações de apoio.

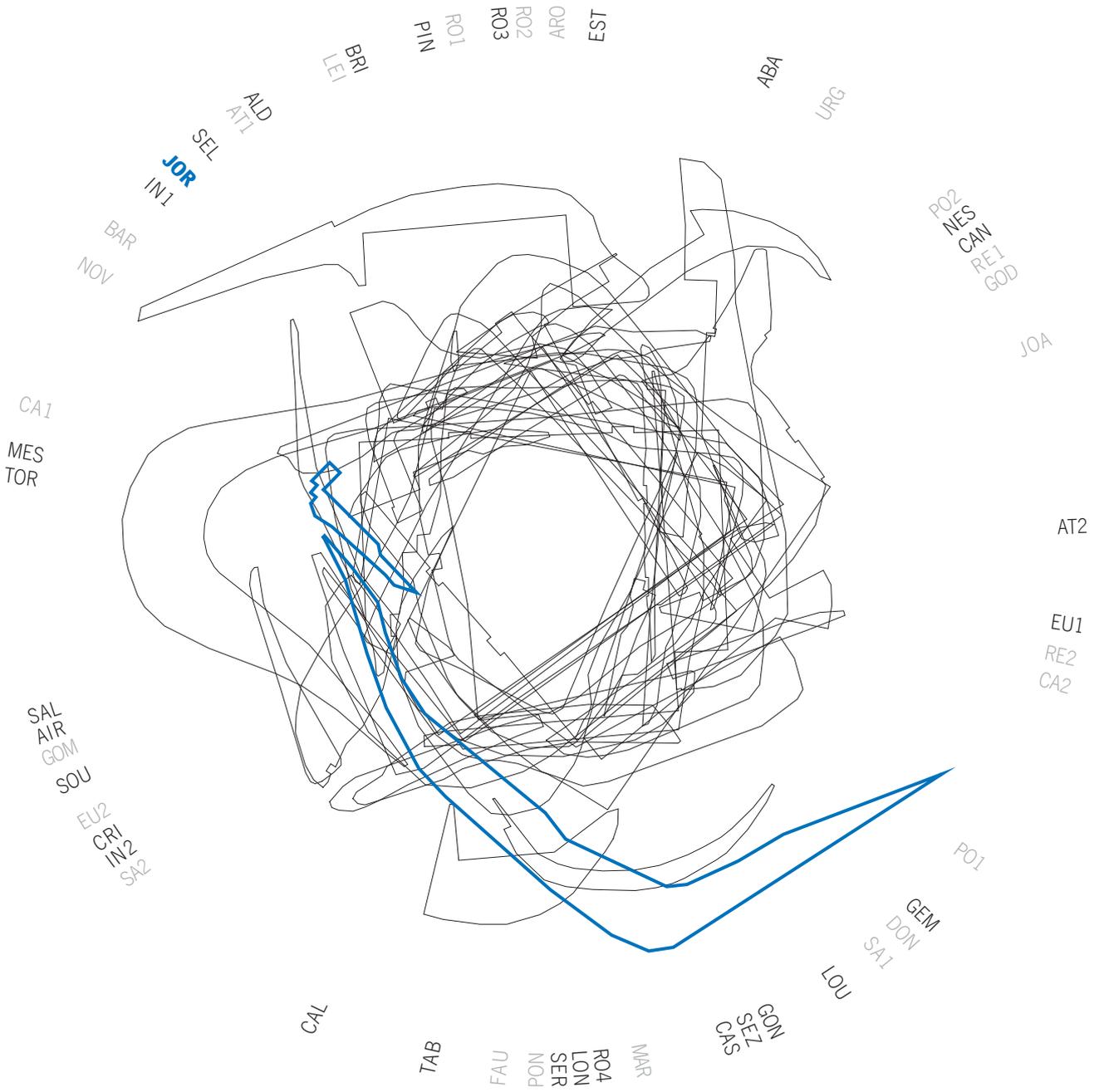
300m



MAPA III. Das instalações de apoio.

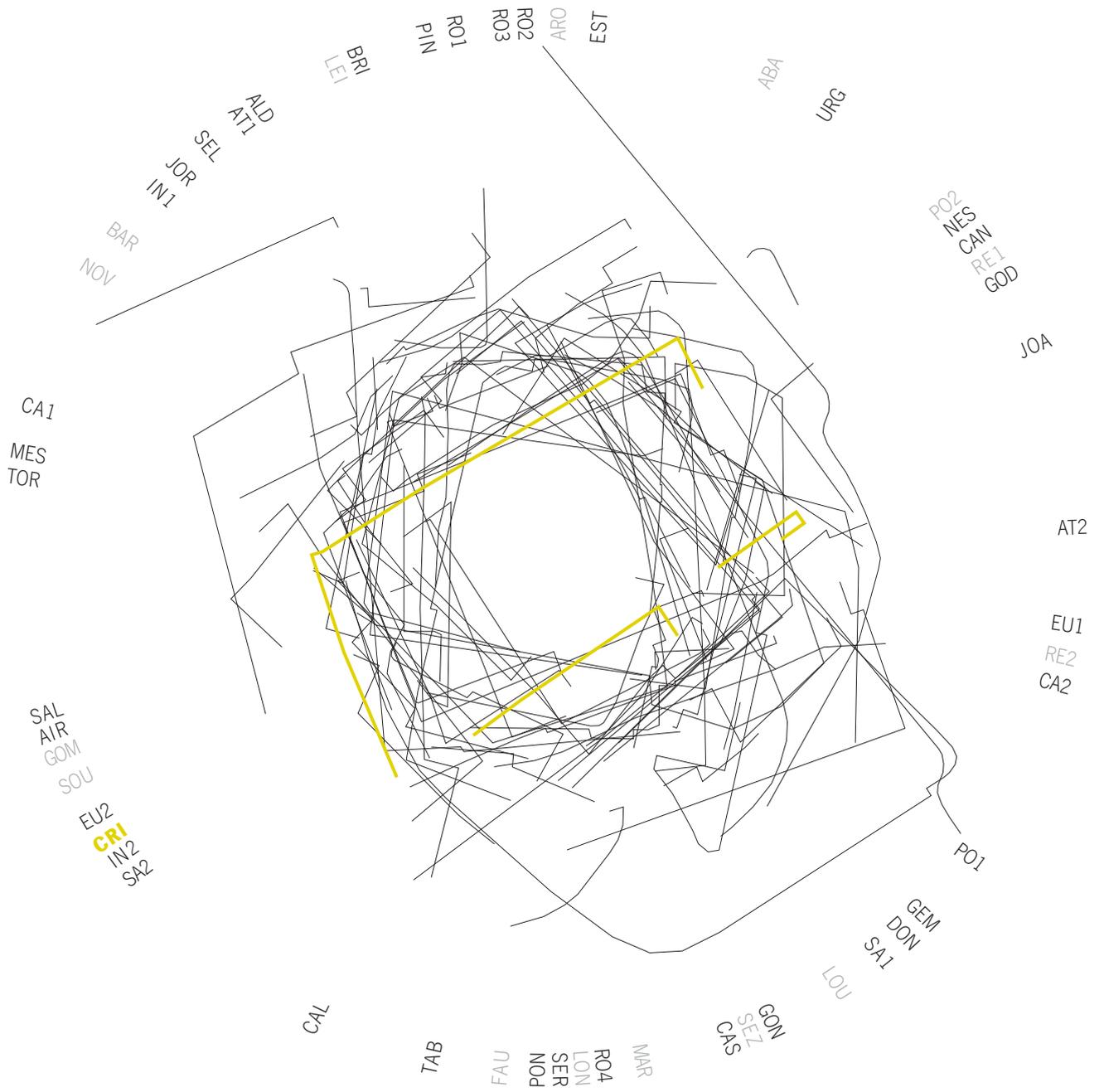
300m

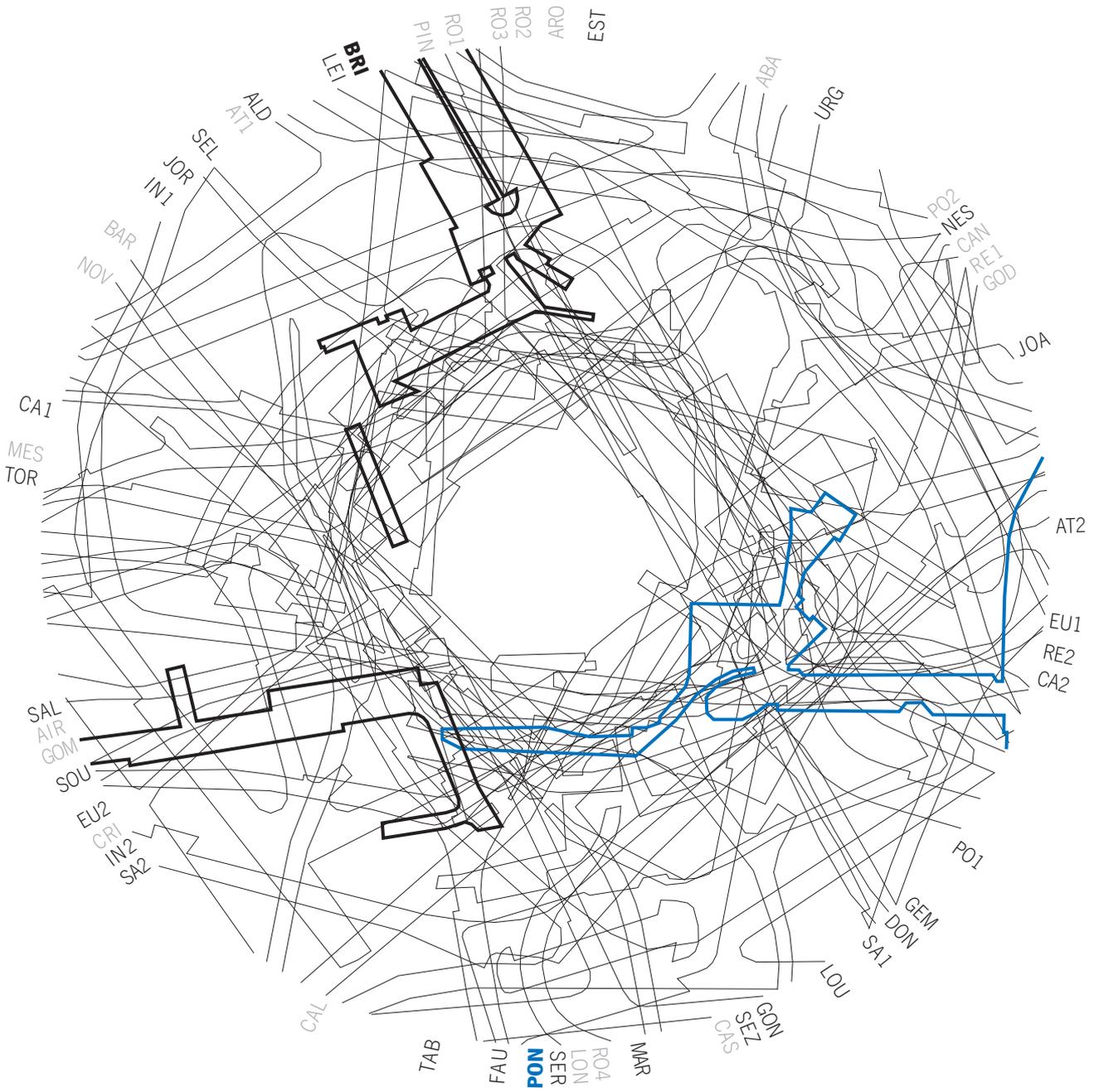




MAPA IV. Dos taludes.

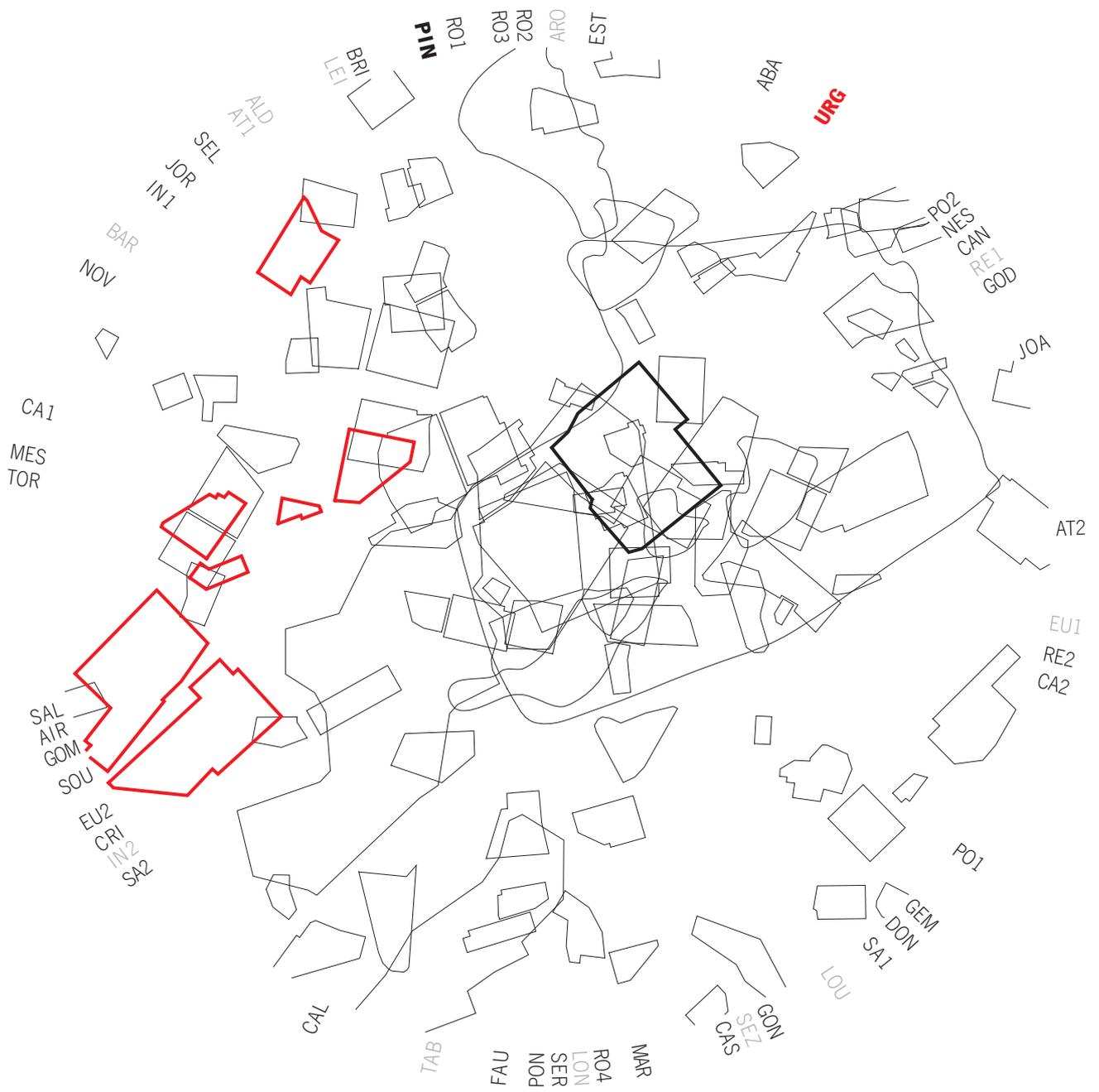
300m





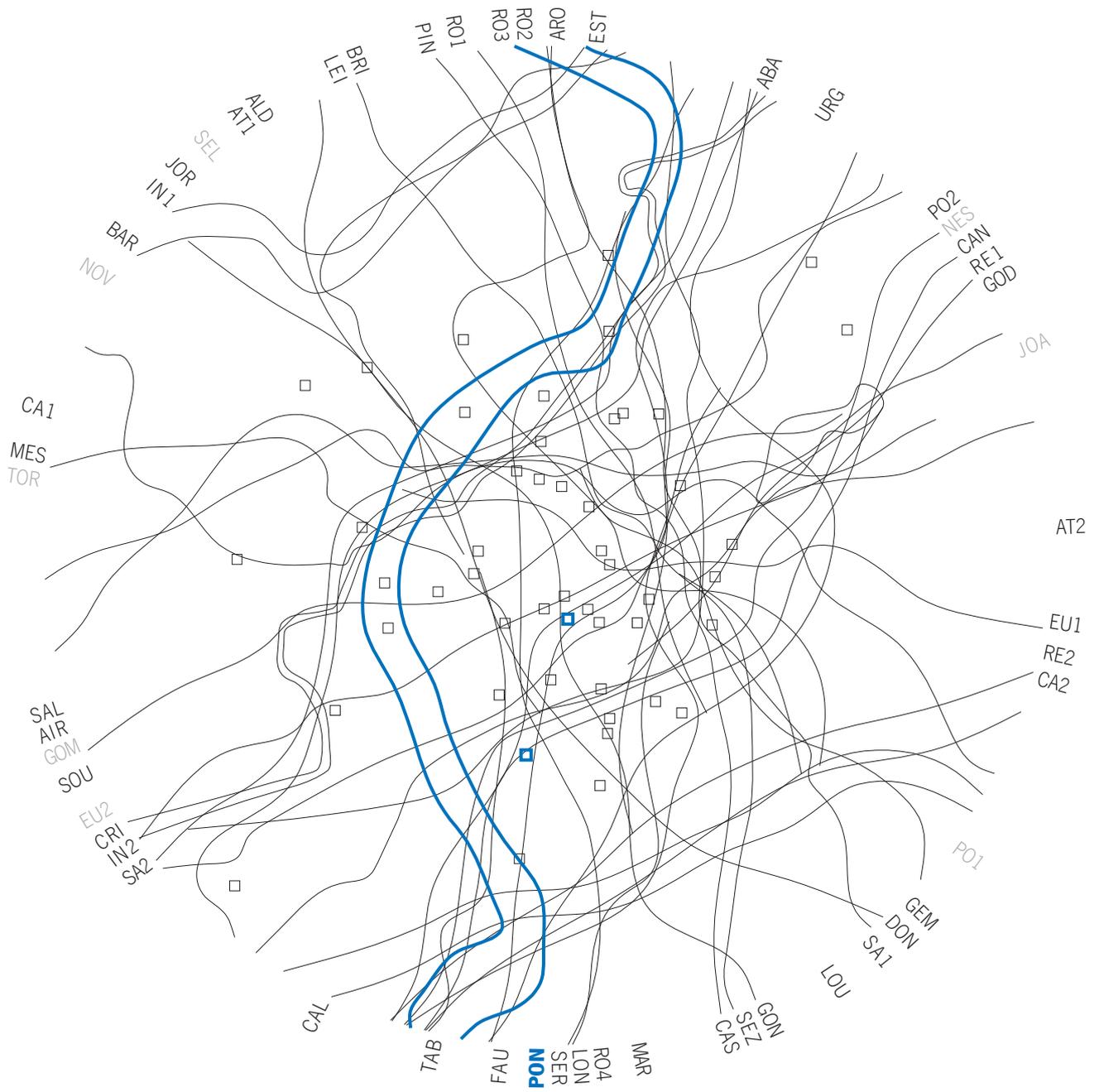
MAPA VI. Dos processos urbanísticos i. infraestrutur viária.

300m



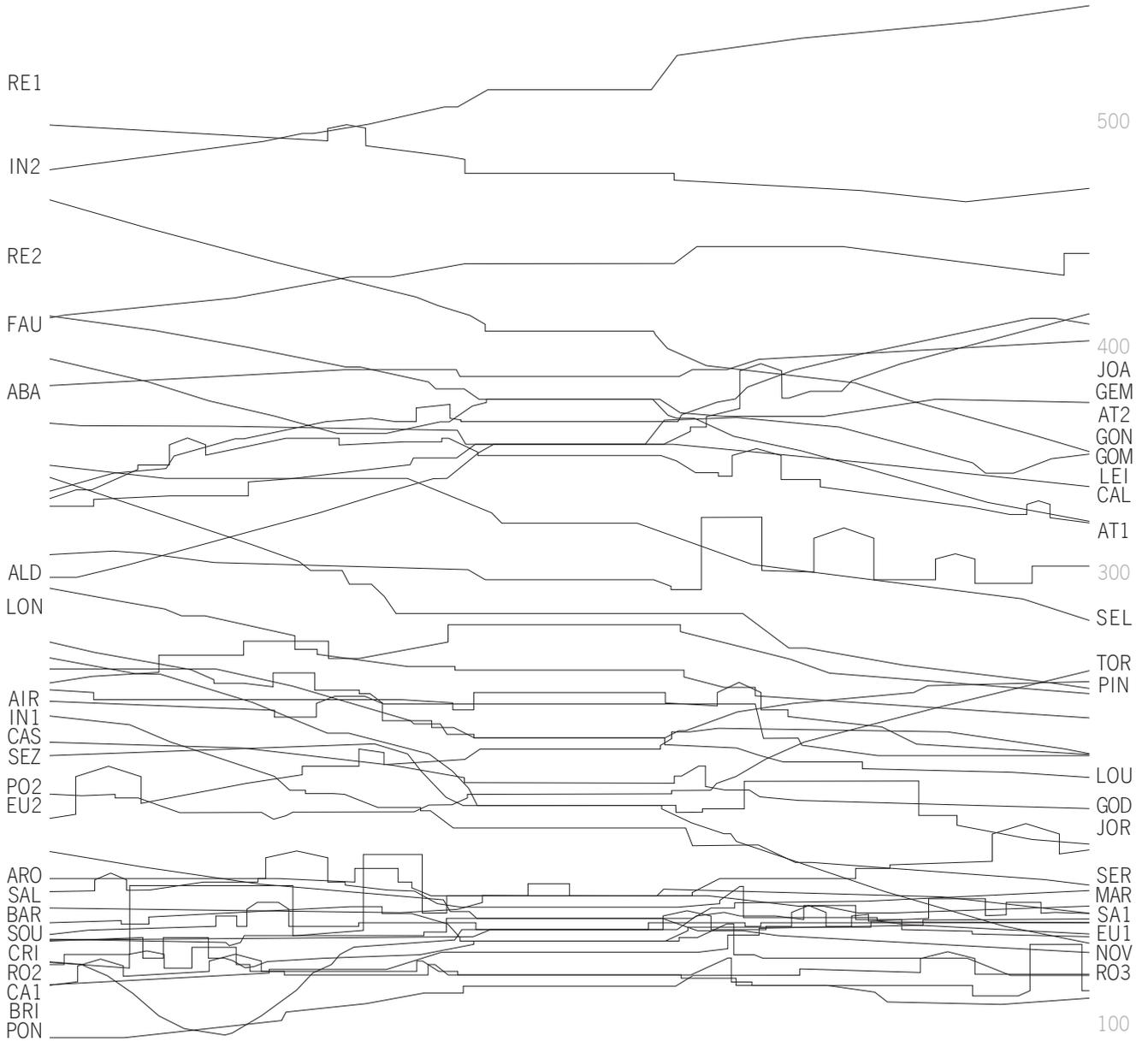
MAPA VIII. Dos equipamentos e serviços coletivos na envolvente.

1km



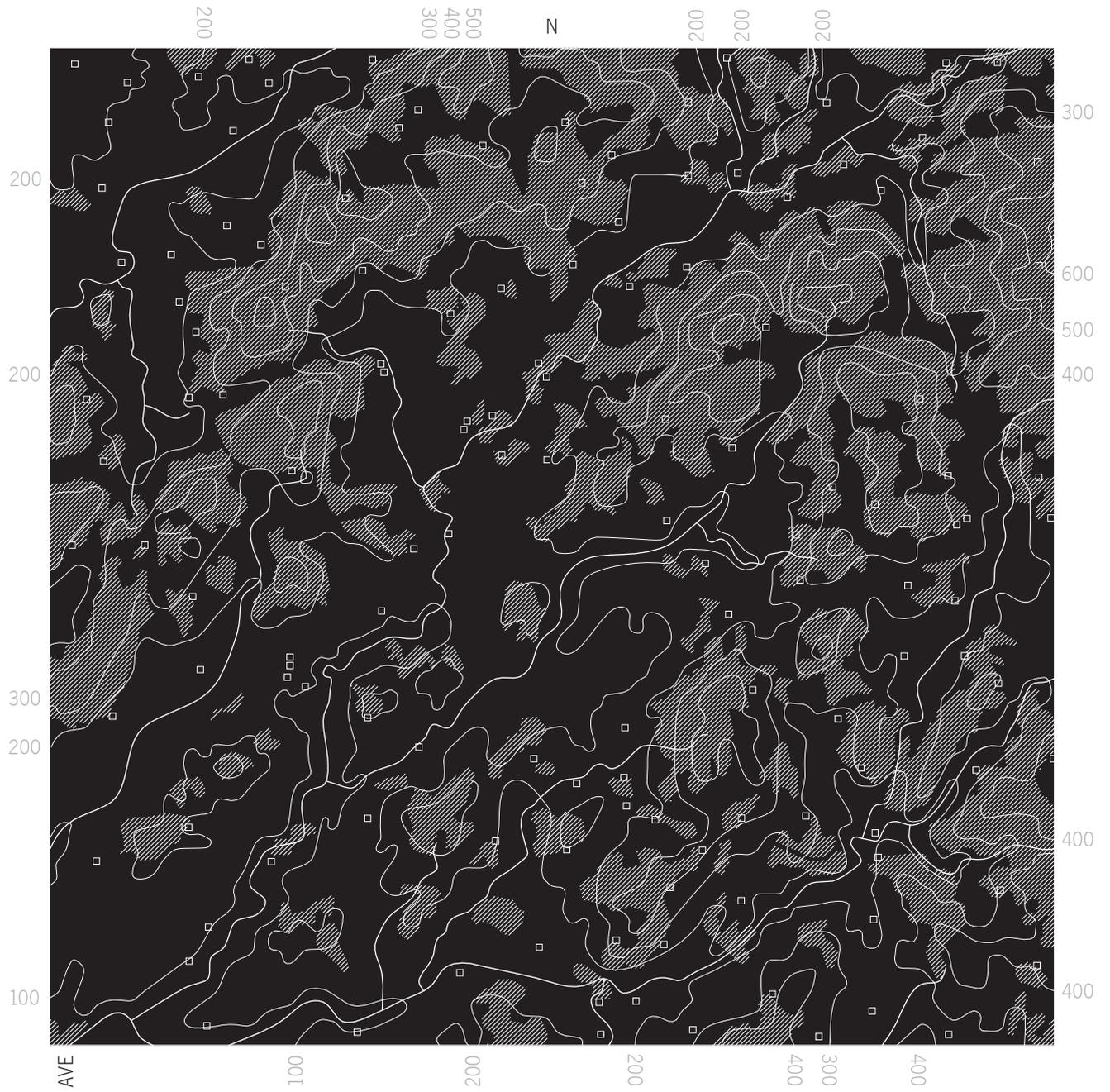
MAPA IX. Dos tanques e linhas de água próximas.

1km



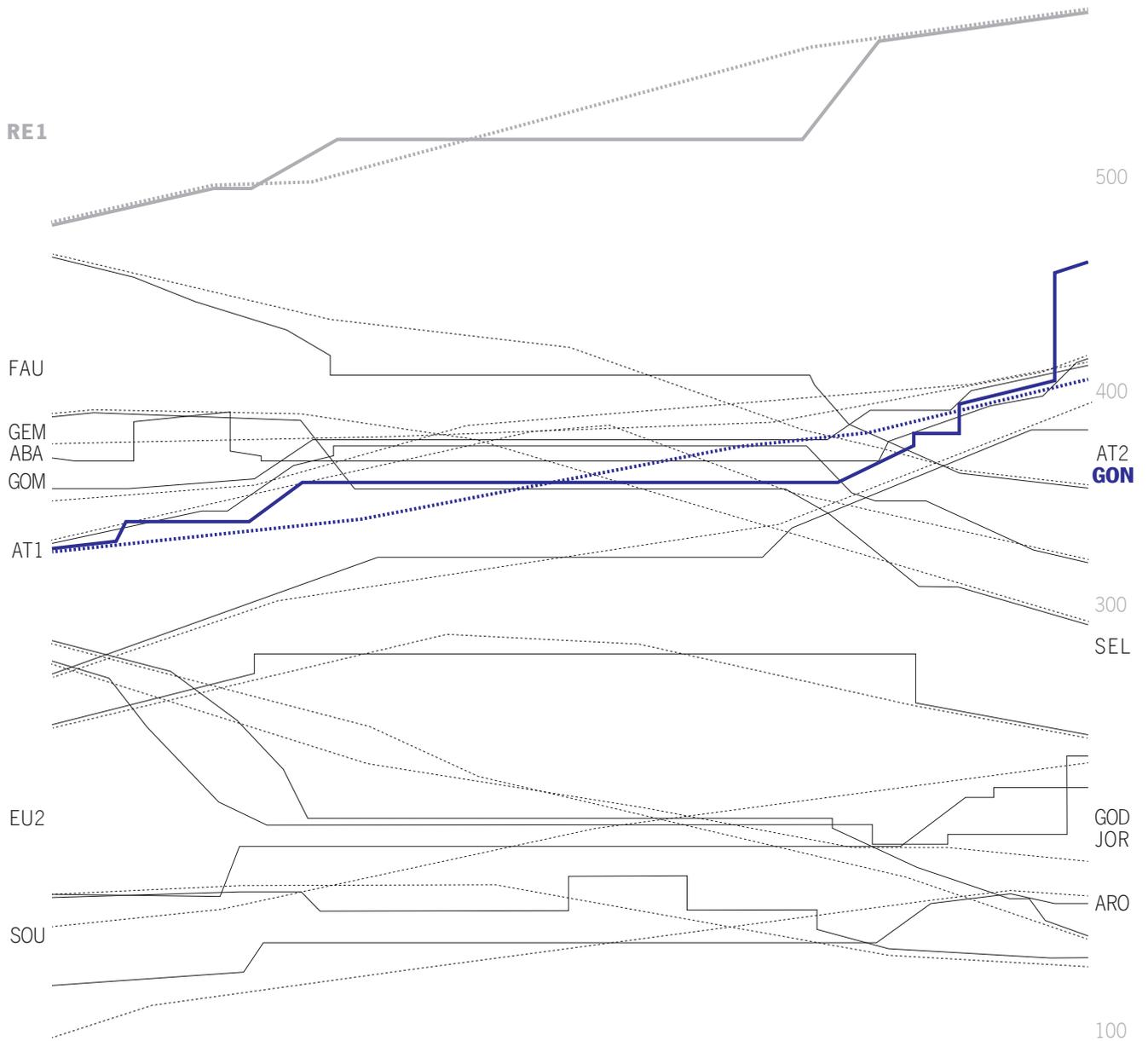
MAPA X. Das cotas de implantação. perfis transversais.

300m



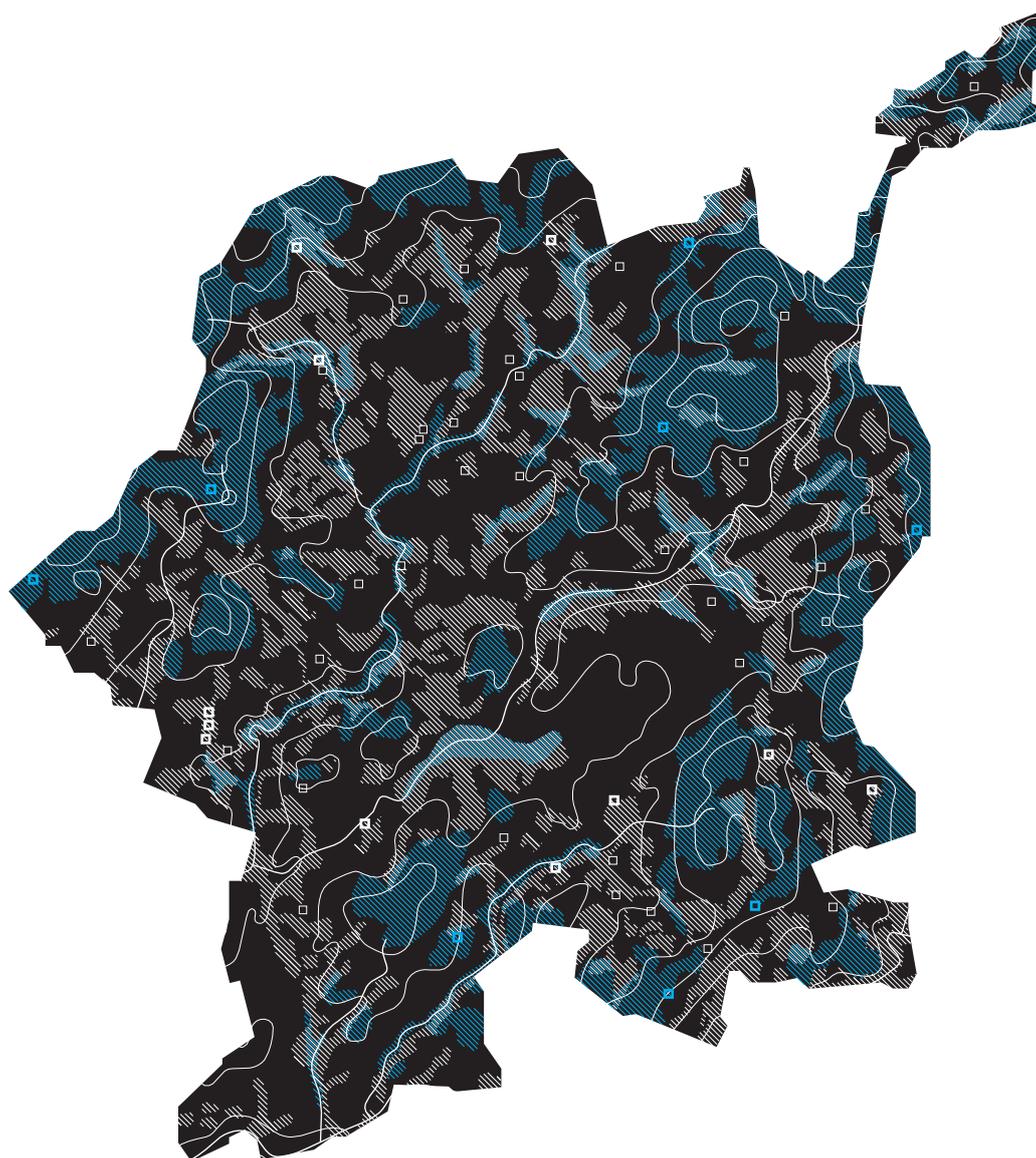
MAPA XI. Dos estratos preexistentes.

24km



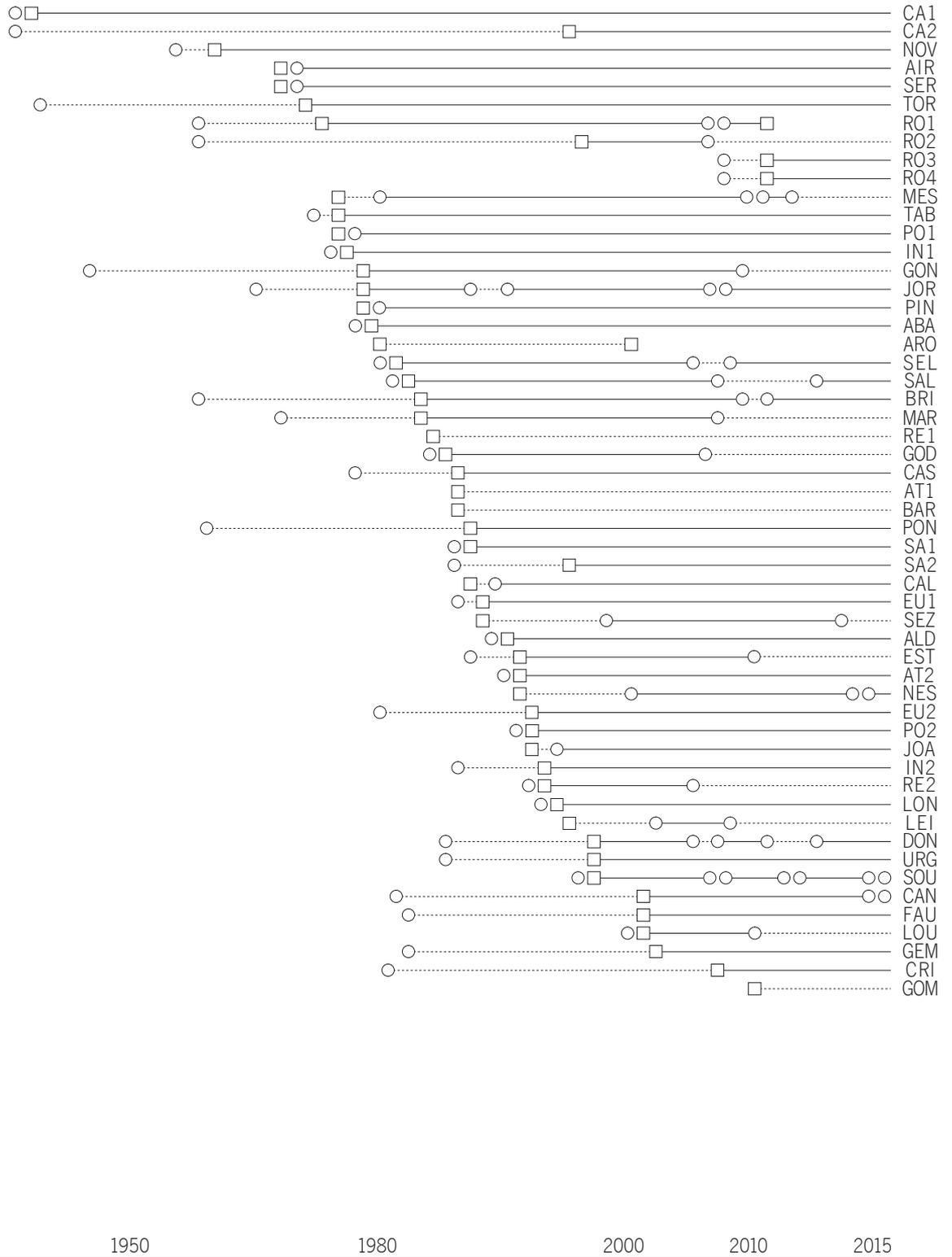
MAPA XII. Da transformação topográfica. secção transversal.

100m

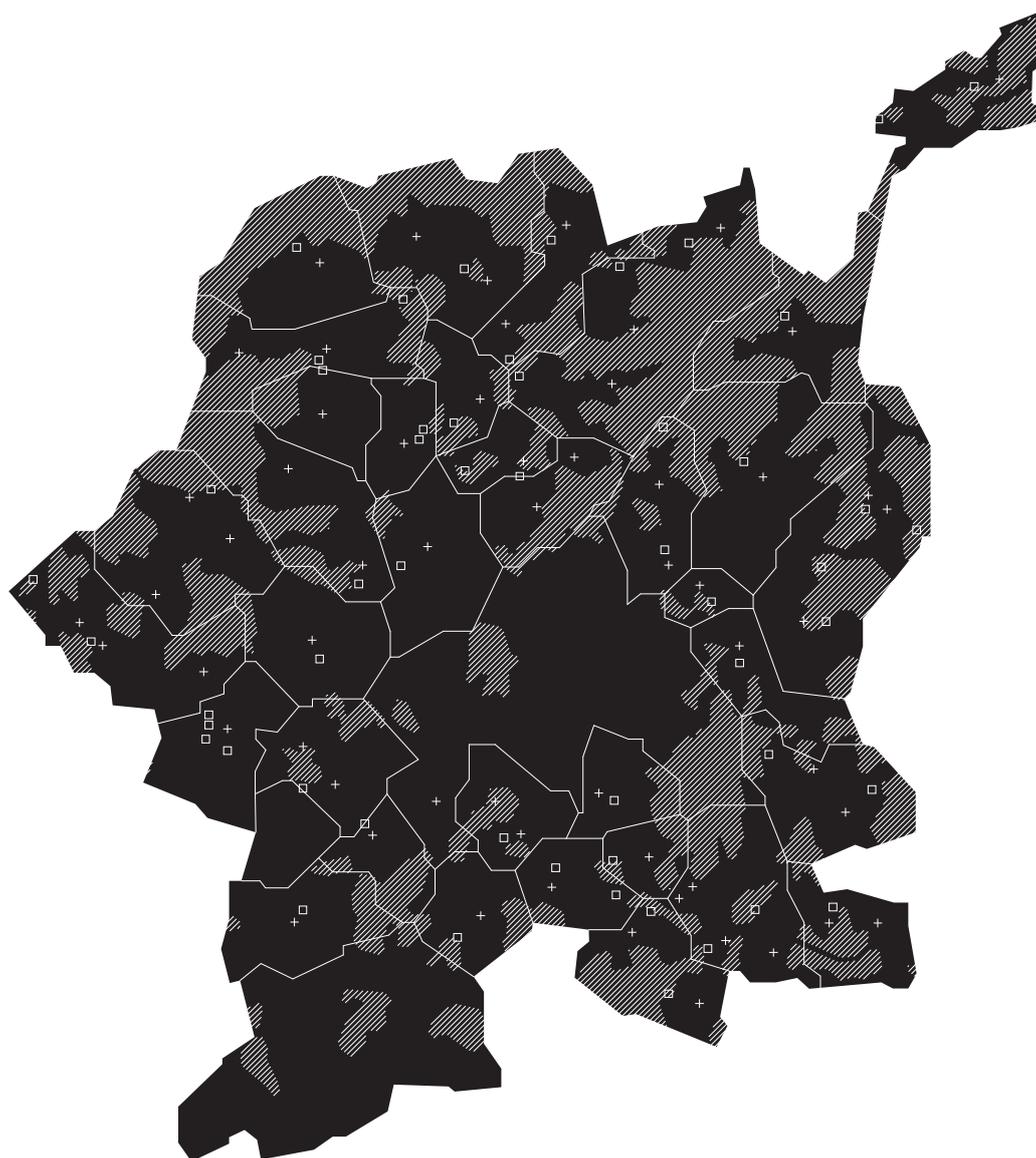


MAPA XIII. Da implantação em áreas protegidas de Reserva Agrícola e Ecológica

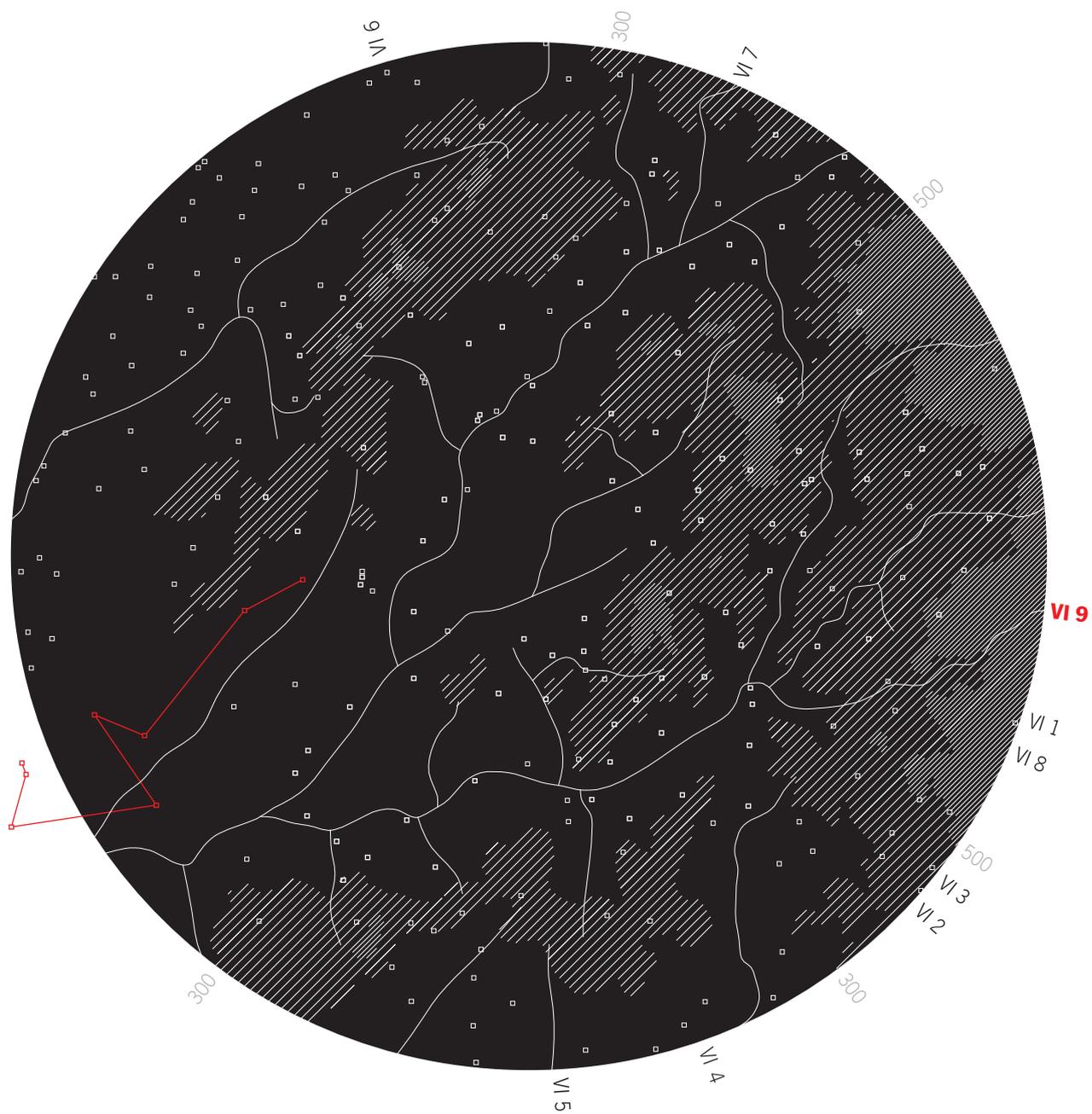
24km



MAPA XIV. Cronologia das relações entre Clubes e Campos.



MAPA XV. Da subdivisão administrativa e paroquial concelhia.



MAPA XVI. Das viagens.

37km

- AA.VV. - Uma Cidade de Futebol. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004
- AA.VV. - Arquitectura em Lugares Comuns. 1ªed. Porto: Dafne Editora, 2008.
- AA.VV. - Liga dos Últimos. 2ªed. [S.l.]: Prime Books, 2009.
- AA.VV. - O Ser Urbano, nos Caminhos de Nuno Portas. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2012.
- AA.VV - Desporto em Guimarães: dos primórdios à atualidade. Guimarães: Tempo Livre, 2013.
- AMADO, Miguel - *Em torno das fotografias de «Uma cidade de futebol»*. In “Uma Cidade de Futebol”. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004. p. 151-163.
- BARTHES, Roland - *Mitologias*. São Paulo: Edições70, 2012.
- BEIGEL, Florian; CHRISTOU, Philip - Brikettfabrik Witnitz: specific indeterminacy - designing for uncertainty. *Architectural Research Quarterly*. Cambridge. Vol. 2, nº 2 (1996), p. 18-37.
- BEIGEL, Florian; CHRISTOU, Philip - Time Architecture: Stadtlandschaft Lichterfelde Süd, Berlin. *Architectural Research Quarterly*. Cambridge. Vol. 3, nº 3 (1999), p. 202-218.
- BEIGEL, Florian - Time Architecture: Selected Architectural Works by Florian Beigel & Architecture Research Unit, London Metropolitan University. 2ªed. London: Architecture Research Unit, 2003.
- BRAGUETO, Claudio Roberto; HÖFIG, Pedro - Considerações sobre geografia e futebol: produção do espaço urbano e apropriação do território. *Terr@Plural*. Ponta Grossa. Vol. 7, nº 1 (2013), p. 79-92.
- CALLOIS, Roger - *Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem*. Lisboa: Cotovia, 1990.
- CARVALHO, A. Melo - *Desporto Popular*. Porto: Campo das Letras, 1998.
- CATRICA, Paulo - O futebol joga-se no campo. In “Uma Cidade de Futebol”. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004. p. 17-19.
- CATRICA, Paulo - Campos e Estádiums. Laura: Revista de Cultura Arquitectónica do DAAUM. Guimarães. número especial Laura vai ao Futebol (2004), p. 52-55.

CHRISTOU, Philip - Architecture is like a road. a+t. Vitoria-Gasteiz. n° 13 (1999), p. 14-17.

COELHO, João Nuno - O verdadeiro futebol. In "Liga dos Últimos". 2ªed. [S.l.]: Prime Books, 2009. p. 7-8.

COELHO, João Nuno - Para uma sociologia dos últimos. In "Liga dos Últimos". 2ªed. [S.l.]: Prime Books, 2009. p. 21-22.

COSTA, A. Silva - Portugal, país de futebol. Con(m)textos de Sociologia. n° 4 (2007), p. 25-37.

DEUSDADO, Daniel - O princípio. In "Liga dos Últimos". 2ªed. [S.l.]: Prime Books, 2009. p. 9-16.

DOMINGUES, Álvaro; MARQUES, Teresa - Breve caracterização do "Vale do Médio Ave". Revista da Faculdade de Letras: Geografia. Porto. série I, Vol. 3 (1987), p. 268-271.

DOMINGUES, Álvaro - Formas e escalas da urbanização difusa: interpretação e intervenção no NO de Portugal. Inforgeo. Lisboa. n° 14 (1999), p. 43-64.

DOMINGUES, Álvaro - A rua da Estrada. 1ªed. Porto: Dafne Editora, 2009.

DOMINGUES, Álvaro - Vida no Campo. 1ªed. Porto: Dafne Editora, 2011.

GASPAR, Jorge [et. al.] - Transformações recentes na Geografia do Futebol em Portugal. Finisterra. Lisboa. Vol. 17, n° 34 (1982), p. 301-324.

HABRAKEN, John - Cultivating the Field: About an Attitude When Making Architecture. Places [em linha]. Vol. 9, n° 1 (1994), p. 8-21. disponível em: placesjournal.org/assets/legacy/pdfs/cultivating-the-field-about-an-attitude-when-making-architecture.pdf

HABRAKEN, John - The Structure of the Ordinary, Form and Control in the Built Environment. Cambridge: MIT Press, 1998.

HERTZBERGER, Herman - Architecture for People. A+U Architecture and Urbanism. Tokyo. n° 75 (1977), p. 124-146.

HERTZBERGER, Herman - Lições de Arquitetura. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

JESUS, Gilmar Mascarenhas - À Geografia dos Esportes: Uma Introdução. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales [em linha]. Barcelona. n° 35 (1999). disponível em: ub.edu/geocrit/sn-35.htm

JESUS, Gilmar Mascarenhas - São Paulo: a cidade e o futebol. Revista Digital [em linha]. Buenos Aires. ano VIII, n° 46 (2002). disponível em: ufv.br/des/futebol/artigos/São%20Paulo.pdf

JUAN, Marta Labastida - El Paisaje Próximo. Fragmentos del Vale do Ave. Guimarães: Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, 2013. Tese de Doutoramento.

MACHADO, Fabiano - Futebol: Uma nova perspectiva no ensino da Geografia. Artigo apresentado no 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia, 2009 [em linha]. disponível em: [agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4%20\(60\).pdf](http://agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4%20(60).pdf)

MORRIS, Desmond - A tribo do futebol. Mem Martins: Europa-América, 1981.

MUNTADAS, Antoni - Stadium. Quaderns. Barcelona. n° 236 (2003), p. 63-80.

NOLASCO, Carlos - Futebol: Desporto e Emoção. Con(m)textos de Sociologia. n° 3 (2004), p. 16-20.

PEREIRA, Luís Miguel - Dicionário do Futebol. 1ªed. Lisboa: Booktree, 2002.

PORTAS, Nuno - Retratos Vimaraneses. In "Os Tempos das Formas". 1ªed. Guimarães: edições EARQ, 2005. p. 303-309

SÁ, Manuel Fernandes - O Médio Ave. Porto: Escola Superior de Belas Artes do Porto, 1986.

SCIFONI, Simone - Parque do Povo: um patrimônio do futebol de várzea em São Paulo. Anais do Museu Paulista. São Paulo. Vol. 21, n° 2 (2013), p. 125-151.

SILVA, Alexander Batista - A vivacidade e o significado da pelada para a periferia da metrópole Goianiense. Ateliê Geográfico. Goiânia. Vol. 4, n° 2 (2010), p. 262-273.

SILVA, Cidália - O Difuso no Vale do Ave. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005. Dissertação de Mestrado.

SILVA, Cidália - Saber ver o Difuso no Vale do Ave. Artigo apresentado na 1st International Conference of Young Urban Researchers, 2007 [em linha]. disponível em: academia.edu/905640/Saber_ver_o_Difuso_no_Vale_do_Ave

SILVA, Cidália - Dissipar equívocos: saber ver o território contemporâneo. In "Arquitectura em Lugares Comuns". 1ª ed. Porto: Dafne Editora, 2008. p. 35-42.

SILVA, João Rosmaninho - O pequeno Futebol. Laura: Revista de Cultura Arquitectónica do DAAUM. Guimarães. número especial Laura vai ao Futebol (2004), p. 28-33.

SIMÕES, J. Santos - Futebol Vimaranesense: das origens aos estádios. Guimarães: Gráfica Covense, 1995.

SOLA-MORALES, Ignasi - Arquitectura Liquida. dc, Revista de Crítica Arquitectónica. Barcelona. nº 5 (2001), p. 24-33.

SOLA-MORALES, Ignasi - Terrain Vague. In "Territorios". Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002. p. 181-193.

SOLÀ-MORALES, Manuel - De Cosas Urbanas. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2008.

TAVARES, André; OLIVEIRA, Ivo - Missão impossível no meio do difuso. In "Arquitectura em Lugares Comuns". 1ª ed. Porto: Dafne Editora, 2008. p. 123-133.

SÍTIOS DA INTERNET

ACADEMIA [em linha]. disponível em: academia.edu/

ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL POPULAR DE GUIMARÃES [em linha].
disponível em: afpguimaraes.pt/

ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE BRAGA [em linha]. disponível em:
afbrega.fpf.pt/

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE GEÓGRAFOS [em linha]. disponível
em: apeo.pt/

BING MAPS [em linha]. disponível em: bing.com/maps/

CÂMARA MUNICIPAL DE GUIMARÃES [em linha]. disponível em: cm-guimaraes.pt/

FACEBOOK [em linha]. disponível em: facebook.com/

FEDERAÇÃO DE FUTEBOL POPULAR DO NORTE [em linha]. disponível
em: ffpn.pt/

FIFA [em linha]. disponível em: fifa.com/

GMR TV [em linha]. disponível em: gmrtv.pt/

GOOGLE MAPS [em linha]. disponível em: google.com/

GUIMARÃES DIGITAL [em linha]. disponível em: guimaraesdigital.com/

INSTAGRAM [em linha]. disponível em: instagram.com/

INSTITUTO GEOGRÁFICO PORTUGUÊS [em linha]. disponível em: igeo.pt/

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA [em linha]. disponível em: ine.pt/

LIGA PORTUGAL [em linha]. disponível em: ligaportugal.pt/

RTP PLAY [em linha]. disponível em: rtp.pt/play/

SAPO VIDEOS [em linha]. disponível em: videos.sapo.pt/

TWITTER [em linha]. disponível em: twitter.com/

YOUTUBE [em linha]. disponível em: youtube.com/

Leis de Jogo FIFA. Lei 1 - O terreno de jogo

(fonte: cri.pt/wp-content/uploads/2016/08/leis.do_jogo_.2016.17.pdf)

6 LEI 1 – O TERRENO DE JOGO

Superfície de jogo

Os jogos podem jogar-se em superfícies naturais ou artificiais, de acordo com o regulamento da competição.

A cor das superfícies artificiais deve ser verde.

Quando se utilizem superfícies artificiais em jogos de competição entre equipas representativas de Federações filiadas na FIFA, ou em jogos internacionais de competições de clubes, a superfície deverá cumprir os requisitos do conceito de qualidade da FIFA para relva de futebol ou do International Artificial Turf Standard, salvo se a FIFA autorizar uma dispensa especial.

Marcação do terreno

O terreno de jogo deve ser retangular e marcado com linhas. Estas linhas fazem parte integrante das áreas que delimitam.

As duas linhas de marcação mais compridas denominam-se linhas laterais. As duas mais curtas chamam-se linhas de baliza.

O terreno de jogo será dividido em dois meios campos por uma linha de meio campo que unirá os pontos médios das linhas laterais.

O centro do campo é marcado com um ponto a meio da linha de meio campo, à volta do qual será traçado um círculo com um raio de 9,15 metros.

Poderá ser feita uma marcação fora do terreno de jogo, a 9,15 metros do quarto de círculo de canto e perpendicular à linha de baliza e à linha lateral, para assinalar a distância que deverá ser observada na execução de um pontapé de canto.

Dimensões

O comprimento das linhas laterais deve ser superior ao das linhas de baliza.

Comprimento (linha lateral):	mínimo	90 m
	máximo	120 m
Largura (linha de baliza):	mínimo	45 m
	máximo	90 m

Todas as linhas deverão ter a mesma espessura, como máximo de 12 centímetros.

Jogos internacionais

Comprimento (linha lateral):	mínimo	100 m
	máximo	110 m
Largura (linha de baliza):	mínimo	64 m
	máximo	75 m

Área de baliza

São traçadas duas linhas perpendiculares à linha de baliza, a 5,50 m do interior de cada poste da baliza. Essas duas linhas prolongam-se para dentro do terreno de jogo numa distância de 5,50 m e são unidas por uma linha paralela à linha de baliza. O espaço delimitado por essas linhas e pela linha de baliza chama-se área de baliza.

8 LEI 1 – O TERRENO DE JOGO

Área de grande penalidade

São traçadas duas linhas perpendiculares à linha de baliza, a 16,5 m do interior de cada poste da baliza. Essas duas linhas prolongam-se para dentro do terreno de jogo numa distância de 16,5 m e são unidas por uma linha traçada paralelamente à linha de baliza. O espaço delimitado por essas linhas e pela linha de baliza chama-se área de grande penalidade.

Em cada área de grande penalidade é feita uma marca para o pontapé de grande penalidade a 11 m do meio da linha que une os dois postes da baliza e equidistante desses postes.

No exterior de cada área de grande penalidade é traçado um arco de círculo de 9,15 m de raio, tendo por centro a marca de grande penalidade.

Bandeiras

Em cada canto do terreno deve ser colocada uma bandeira, numa haste não pontiaguda com uma altura mínima de 1,50 m.

Também poderão ser colocadas bandeiras em cada extremo da linha de meio campo, a uma distância mínima de 1 metro para o exterior da linha lateral.

Área de canto

De cada bandeira de canto é traçado, no interior do terreno de jogo, um quarto de círculo com um raio de 1 metro.

LEI 1 – O TERRENO DE JOGO

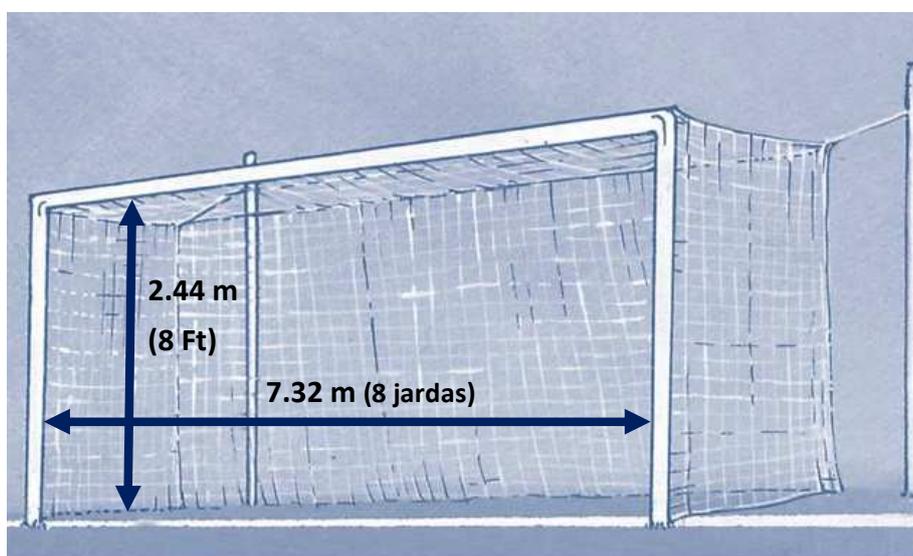
9

Balizas

As balizas são colocadas no centro de cada linha de baliza.

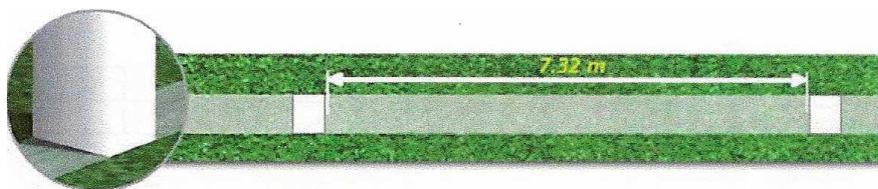
Elas são constituídas por dois postes verticais equidistantes das bandeiras de canto e unidos na parte superior por uma barra transversal horizontal. Os postes e a barra deverão ser de madeira, metal ou outro material aprovado. Deverão ter forma quadrada, retangular, redonda ou elíptica e não deverão constituir nenhum perigo para os jogadores.

A distância entre os dois postes é de 7,32 m e a distância do bordo inferior da barra transversal ao solo é de 2,44 m.

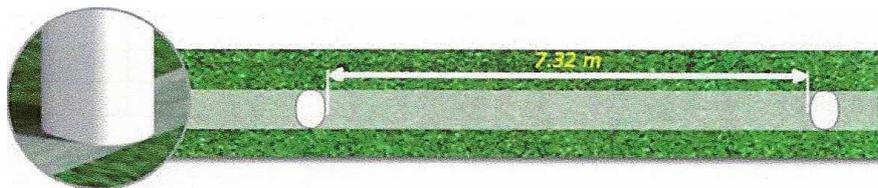


10 LEI 1 – O TERRENO DE JOGO

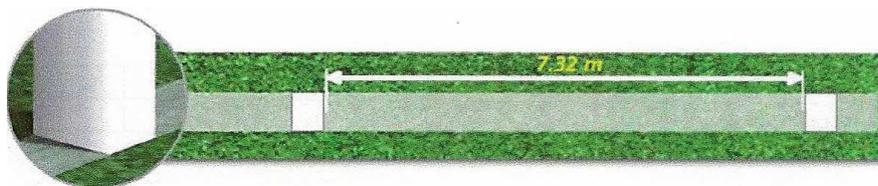
A posição dos postes em relação à linha de baliza deve ser de acordo com os gráficos seguintes



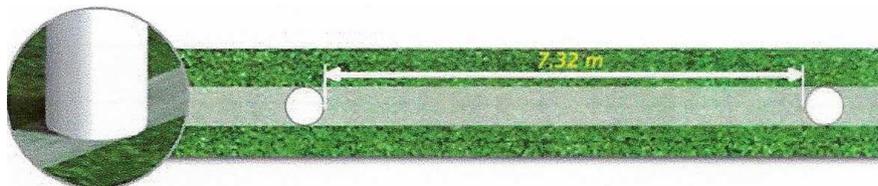
Se a forma dos postes é quadrada (vista de cima), os lados devem ser paralelos ou perpendiculares à linha de baliza. Os lados da barra devem ser paralelos ou perpendiculares ao plano de campo



Se a forma dos postes é elíptica (vista de cima), o maior eixo deve ser perpendicular à linha de baliza. O maior eixo da barra deve ser paralelo ao plano de campo



Se a forma dos postes é retangular (vista de cima), o lado maior deve ser perpendicular à linha de baliza. O lado maior da barra deve ser paralelo ao plano de campo



LEI 1 – O TERRENO DE JOGO

11

Os dois postes e a barra devem ter a mesma largura e espessura, que não devem exceder 12 cm. A linha de baliza deve ter a mesma largura que os postes e a barra transversal. Poderão ser aplicadas redes fixadas às balizas e ao solo por trás da baliza, com a condição de serem convenientemente colocadas de maneira a não estorvar o guarda-redes.

Os postes da baliza e a barra transversal devem ser de cor branca.

Segurança

As balizas devem ser fixadas ao solo de maneira segura. Poderão ser utilizadas balizas móveis desde que satisfaçam esta exigência.

12 LEI 1 – O TERRENO DE JOGO

O terreno de jogo



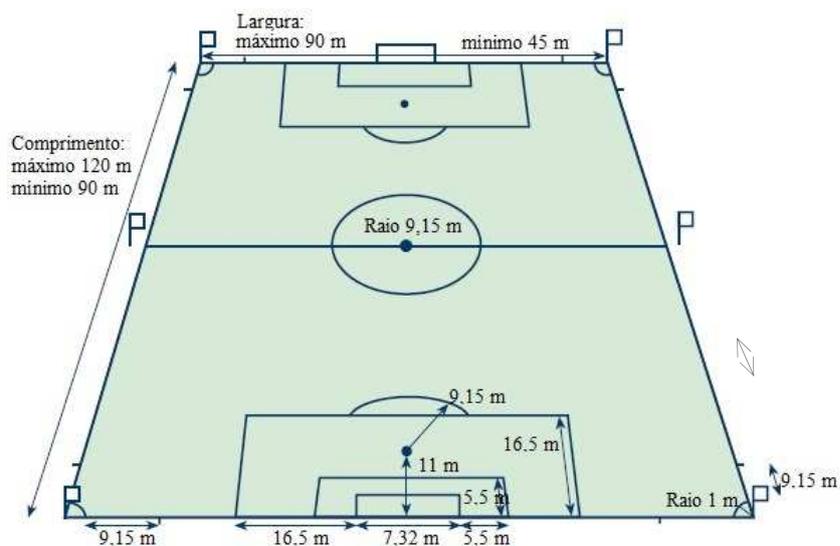
Bandeira de canto



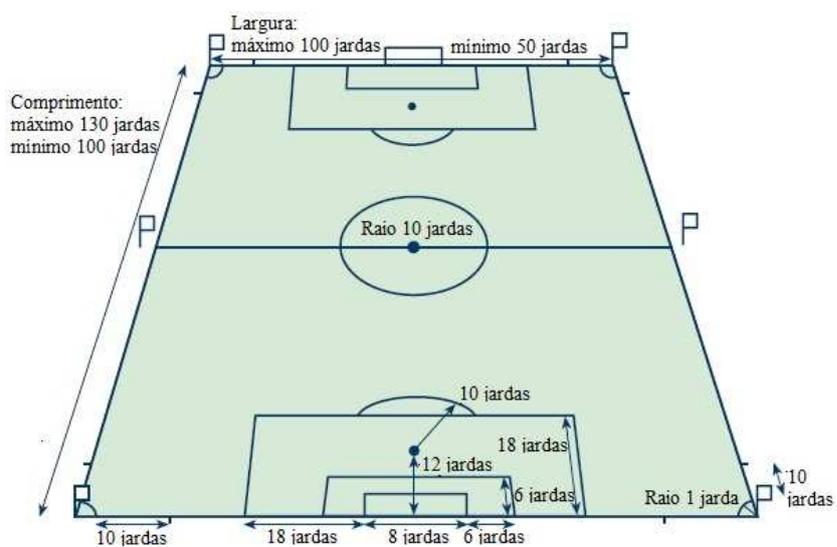
LEI 1 – O TERRENO DE JOGO

13

Medidas em metros



Medidas inglesas



Estádios de Futebol. Recomendações e requisitos técnicos – Decisões na fase de pré-construção

(fonte: img.fifa.com/mm/document/tournament/competition/01/37/17/76/p_sb2010_stadiumbook_ganz.pdf)

01



Decisões na fase de pré-construção

1.1	Decisões estratégicas durante a pré-construção	30
1.2	Localização dos estádios	32
1.3	Orientação do campo	35
1.4	Gol Verde	37
1.5	Compatibilidade ambiental do local do estádio	40
1.6	Relações com a comunidade	43
1.7	Estádios multifuncionais	43

1.2 → Localização dos estádios

O estádio deve ser localizado em um local suficientemente espaçoso e seguro para a circulação e atividades seguras do público externo e ter espaço para manobra de veículos de serviço e operações. Enquanto é normal que os espectadores cheguem ao estádio espaçadamente durante um longo período de tempo para evitar filas desnecessárias nas catracas, a maioria tende a sair do estádio ao mesmo tempo, o que aumenta muito a necessidade de espaço.

A disponibilidade de espaço externo suficiente também permitirá futuras expansões ou novos desenvolvimentos. Muitos dos estádios famosos em todo o mundo estão localizados em áreas intensamente urbanizadas, rodeados por vias de tráfego, edifícios e canais nas imediações. As suas possibilidades de reforma e redensolvolvimento são limitadas pela sua área de localização, o que é indesejável.

Grandes áreas reduzem a probabilidade de necessidade de futura mudança em longo prazo devido à incapacidade de atender à necessidades de desenvolvimento não previstas, ou mesmo em curto prazo. Áreas maiores também aumentam a possibilidade de oferta de áreas de estacionamento – uma exigência que provavelmente continuará a existir no futuro próximo.

Uma maior área melhora as chances de futuro desenvolvimento do estádio.

Quanto mais suburbano e isolado for o local do transporte público, maiores são os requisitos de espaço de estacionamento. Nessa situação, é essencial a existência de acessos múltiplos e convenientes às principais vias e rodovias.

Idealmente, a localização perfeita seria provavelmente um local em um grande centro urbano com bom acesso ao transporte público, ruas largas e rodovias e estacionamento que pudesse ser usado para outros fins quando não houvesse jogos. Isso também reduz a possibilidade de que grandes áreas de estacionamento sejam usadas por períodos inferiores a 100-200 horas por ano. Um estádio que pretenda sediar eventos internacionais é mais interessante para os realizadores dos eventos se houver hotéis e centros comerciais e pelo menos um aeroporto internacional nas proximidades.

Para melhor avaliar as exigências de transporte de uma localização de estádio em potencial, as autoridades devem envolver engenheiros e planejadores de serviços de transporte e fazer uma avaliação detalhada do impacto dos transportes antes da escolha final do local.

O desenvolvimento da infraestrutura de transporte é dispendioso. Sugere-se que a decisão final sobre a localização do estádio considere a proximidade da infraestrutura de transporte público (trem, ônibus, táxi – seja aquático ou terrestre – e aeroporto).

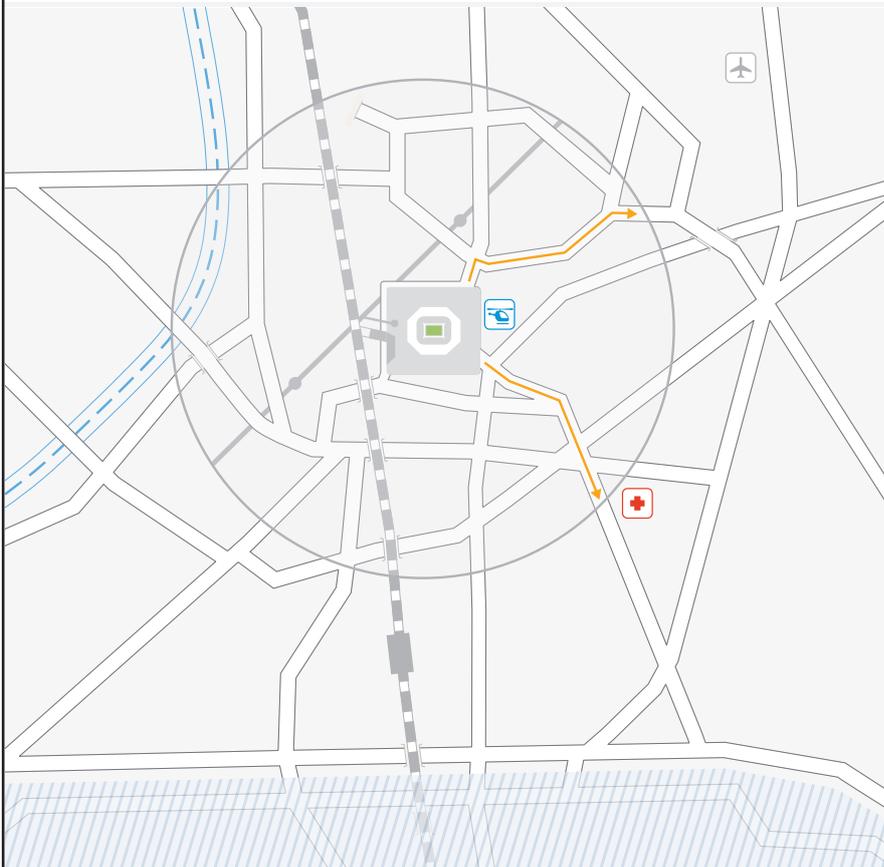


Diagrama 1a:
Localização do estádio

-  Estádio
-  Área em torno do estádio
-  Centro
-  Áreas de estacionamento
-  Trem
-  Estações de trem/metrô
-  Saída de emergência
-  Hospital
-  Aeroporto
-  Heliponto

01

→ Decisões na fase de pré-construção

1.1	Decisões estratégicas durante a pré-construção	30
1.2	Localização dos estádios	32
1.3	Orientação do campo	35
1.4	Gol Verde	37
1.5	Compatibilidade ambiental do local do estádio	40
1.6	Relações com a comunidade	43
1.7	Estádios multifuncionais	43

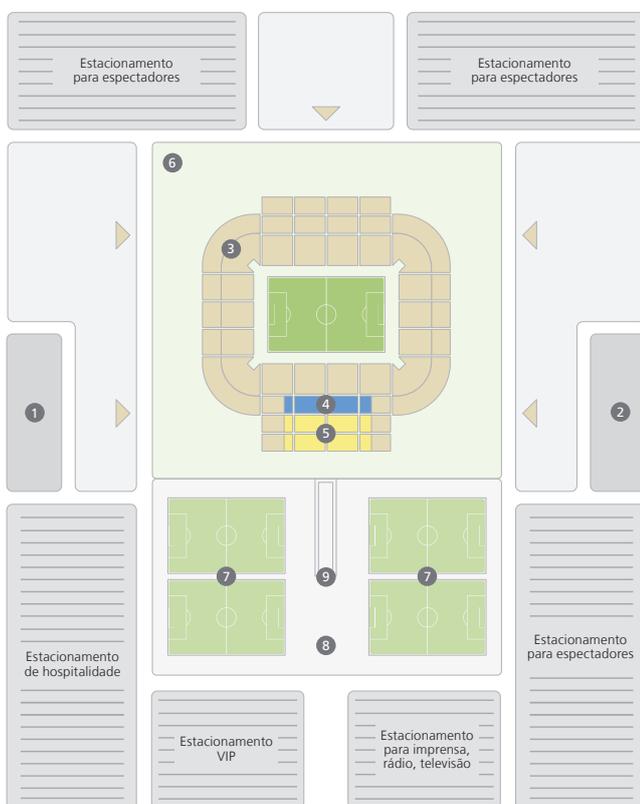


Diagrama 1b:
Local do estádio

- ① Terminal de ônibus
 - ② Estação de metrô
 - ③ Área de assentos de espectadores
 - ④ Área de assentos VIP
 - ⑤ Tribuna de mídia
 - ⑥ Serviços para espectadores
 - ⑦ Campos de treinamento
 - ⑧ Infraestrutura temporária específica para o campeonato
 - ⑨ Ponto de desembarque e estacionamento para jogadores/árbitros/VVIPs sob o saguão
- ▲ Entrada dos espectadores



1.3 → Orientação do campo

Deve-se tomar grande cuidado com o ângulo do campo em relação ao sol e com as condições climáticas predominantes. Os participantes da partida, os torcedores e os representantes da mídia devem ficar abrigados o máximo possível do ofuscamento pelo sol. Contudo, o efeito da cobertura do estádio sobre o campo deve ser também levado em consideração. Quando o campo for de grama natural, luz e fluxo de ar suficientes são essenciais para manter o crescimento saudável da grama. Todos os lados do campo devem receber uma quantidade razoável de luz solar direta.

Para maiores informações sobre o campo, ver Capítulo 4.

A orientação norte-sul do campo é frequentemente considerada ideal, mas uma análise mais elaborada levou os projetistas a escolher um ângulo igual à direção média do sol no meio tempo de jogos no meio da tarde.

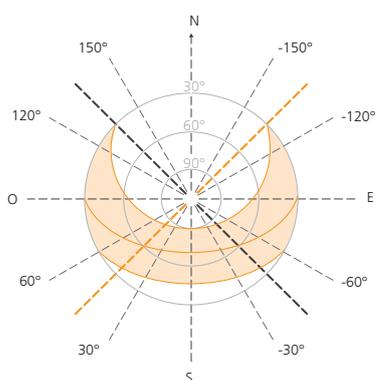
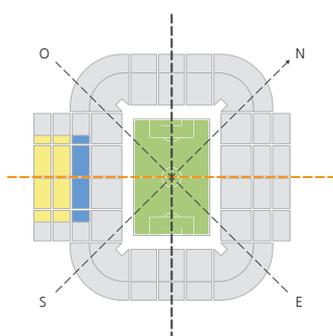


Diagrama 1c:
Orientação do campo

- Assentos VIP
- Tribuna de mídia
- Posição média do sol no meio tempo
- Eixo de orientação do campo
- Trajetória do sol

Estádios de Futebol. Recomendações e requisitos técnicos – Área de jogo

(fonte: img.fifa.com/mm/document/tournament/competition/01/37/17/76/p_sb2010_stadiumbook_ganz.pdf)

04 → Área de jogo

4.1	Dimensões recomendadas	64
4.2	Qualidade do campo	68
4.3	Campos de grama natural	69
4.4	Campos de grama sintética	78
4.5	Banco de reservas	85
4.6	Painéis publicitários ao redor do campo	86
4.7	Acesso ao campo	87
4.8	Exclusão dos espectadores do campo	87

4.1 → Dimensões recomendadas

Campo de jogo: comprimento: 105 m, largura: 68 m

Para todas as partidas de 1.ª divisão profissional e onde forem feitos jogos principais internacionais e nacionais, os campos devem medir 105 m x 68 m. Estas dimensões são obrigatórias para a Copa do Mundo FIFA™ e para as competições finais nos campeonatos de confederações. O campo deve ter as marcações precisas ilustradas.

Para todos os jogos de 1.ª divisão, o campo deve ter 105 m de comprimento por 68 m de largura.

Outros jogos podem ser realizados em campos com dimensões diferentes das estipuladas no Regulamento Oficial, o qual define as dimensões máximas e mínimas. Contudo, é altamente recomendado que o campo de novos estádios meça 105 m x 68 m.

Área auxiliar

São necessárias áreas planas adicionais ao lado do campo, idealmente atrás de cada linha de fundo, onde os jogadores possam fazer o aquecimento. Esta área também deve permitir a circulação dos árbitros auxiliares (bandeirinhas), gandulas, equipe médica e pessoal de segurança e imprensa. Recomenda-se que as laterais tenham no mínimo 8,5 m e 10 m nas extremidades.

Deste modo, as dimensões totais de campo e área auxiliar são as seguintes:

comprimento de 125 m e largura de 85 m.

Área do gramado

Nesta área, a superfície do campo deve-se estender até os painéis publicitários na área auxiliar, que normalmente são montados a 5 m além das linhas laterais e das linhas de fundo. As áreas dos painéis devem ser niveladas e firmes para suportar a carga. O restante da área auxiliar pode ser do mesmo material da superfície do campo ou de concreto, o que facilita a deslocamento de veículos de serviço, segurança e ambulâncias. Qualquer parte da área auxiliar que for utilizada como área de aquecimento deve ter a mesma superfície do campo. Contudo, grama sintética de alta qualidade pode ser usada em campos com gramados naturais.

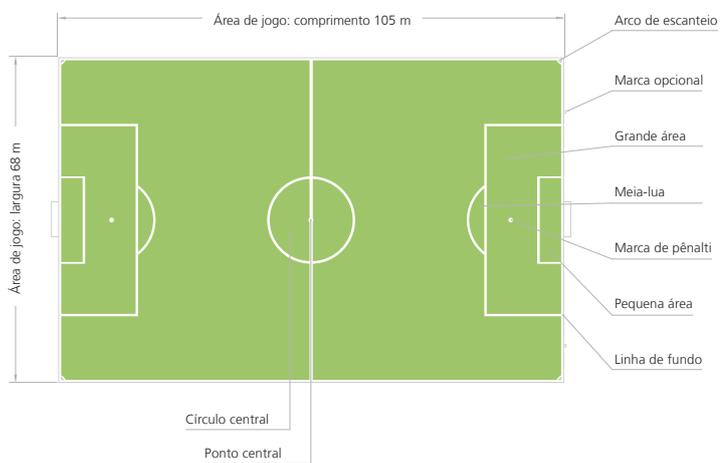


Diagrama 4a:
Dimensões do campo



Diagrama 4b:
Detalhes do campo



FEDERAÇÃO
PORTUGUESA
DE FUTEBOL



- c) As equipas B são despromovidas à divisão imediatamente inferior quando a sua classificação desportiva assim o determine;
- d) Quando uma equipa B obtenha o direito de subida à II Liga, onde a equipa principal do mesmo Clube venha a competir na mesma época desportiva, apura-se, para efeitos de subida de divisão, o Clube classificado no lugar imediatamente abaixo.

Artigo 26.º

Prémios

A FPF institui para o Campeonato Nacional de Seniores os seguintes prémios:

- a) Taça para o Clube vencedor da Competição;
- b) 30 medalhas para o Clube vencedor da Competição;
- c) 30 medalhas para o Clube vencido no jogo final da Competição.

CAPÍTULO III

INSTALAÇÕES DESPORTIVAS

Artigo 27.º

Requisitos dos Estádios

1. Para efeitos do presente Regulamento, designam-se por estádios os recintos que integram um terreno desportivo de grandes dimensões, envolvido pelas construções anexas, destinadas aos praticantes desportivos e técnicos, particularmente vocacionados para a realização de competições de futebol, independentemente de poderem albergar competições de outra modalidade ou espetáculos de outra natureza.
2. Os estádios indicados pelos Clubes devem demonstrar-se adequados ao uso previsto e ao qual se destina, com vista a proporcionar as melhores condições de segurança, de funcionalidade e de conforto na utilização, a limitar o risco de acidentes e a facilitar a evacuação dos ocupantes e a intervenção dos meios de socorro.
3. As disposições do presente regulamento não dispensam o cumprimento de outras normas legais e regulamentares gerais, aplicáveis aos espaços desportivos e aos recintos de espetáculos públicos.



4. Os jogos do Campeonato são realizados nos estádios indicados pelos Clubes e que obedecem às condições fixadas por lei e no presente Regulamento.
5. Caso as infraestruturas não permitam implementar áreas destinadas à prestação de primeiros socorros, devem os Clubes visitados assegurar obrigatoriamente a existência de ambulâncias de serviço de emergência médica nos estádios, devendo encontrar-se, a todo o tempo, pelo menos uma ambulância disponível.
6. É recomendada a existência de um local para os representantes dos órgãos de comunicação social devidamente credenciados.
7. As instalações para o controlo antidopagem devem reunir as condições previstas na Lei e no Regulamento Antidopagem da FPF.
8. Nas zonas reservadas aos balneários deve existir, sendo tal possível, uma sala ou zona destinada à organização do jogo, a ser utilizada pelo Delegado da FPF, pela Equipa de Arbitragem, pelos Delegados dos Clubes, pelo Coordenador de Segurança nos casos em que exista, pelo responsável da força de segurança pública, pelo responsável da proteção civil ou pelo representante dos bombeiros e, se necessário, pelo representante de emergência médica.
9. Os estádios podem ter instalados bancos destinados aos elementos de cada uma das equipas, em locais que ofereçam as mesmas condições de trabalho a uns e outros, equidistantes da linha de meio campo, com acesso direto ao terreno de jogo.
10. Os jogos realizados total ou parcialmente em períodos noturnos, devem ser realizados em estádios com iluminação artificial do terreno desportivo, segundo as normas de qualidade nacionais e internacionais, tendo em consideração os requisitos exigidos para as diversas categorias de estádios, tal como previsto na legislação aplicável.
11. Nos jogos objeto de transmissão televisiva, os estádios devem ainda dispor de condições para a captação e transmissão de imagens e sons e instalação de publicidade nos termos do presente Regulamento.
12. A entidade responsável pelo estádio tem de celebrar, obrigatoriamente, um seguro de responsabilidade civil por danos corporais causados aos utilizadores em virtude de deficiente instalação e manutenção do espaço de jogo, respetivo equipamento e superfícies de impacto.
13. Durante os jogos, os Clubes Visitados são obrigados a prestar Assistência Médica a todos os intervenientes no jogo, que dela careçam;



14. Os Clubes deverão possuir, nas instalações do seu estádio ou o mais próximo possível, um Posto de Socorros dotado de mobiliário e medicamentos habitualmente necessários, incluindo maca para transporte de feridos e doentes.
15. Em caso de gravidade o Clube Visitado deve providenciar um veículo, no mais curto espaço de tempo possível, para transportar o sinistrado para o hospital.
16. Os serviços clínicos do Clube Visitado não podem contrariar a intervenção e decisões clínicas do médico do Clube Visitante e a ação profissional do respetivo enfermeiro, fisioterapeuta e massagista, quanto aos respetivos jogadores.
17. Os balneários devem estar em boas condições de salubridade e ter água quente.

Artigo 28.º

Condições de Segurança

1. Os Clubes promotores dos jogos do Campeonato devem aprovar regulamentos internos em matéria de segurança e de utilização dos espaços de acesso público, nos termos da legislação aplicável, cuja execução será precedida de concertação com as forças de segurança, a Autoridade Nacional de Proteção Civil, os serviços de emergência médica e a FPF.
2. Os regulamentos previstos no número anterior estão sujeitos a registo junto do IPDJ, como condição da sua validade.
3. Nos jogos de risco elevado compete ao promotor designar um Coordenador de Segurança nos termos da lei.

Artigo 29.º

Acreditação

1. A acreditação para os jogos é feita pelos Clubes promotores, a pedido dos interessados, sem prejuízo de orientação da FPF, das forças de segurança e das exceções constantes do número seguinte.
2. A acreditação dos Delegados da FPF e os membros da Seção da área não profissional do Conselho de Arbitragem da FPF é feita diretamente pela FPF.
3. A acreditação dos elementos dos órgãos de comunicação social deve respeitar o protocolo celebrado entre a FPF e a Associação dos Jornalistas de Desporto (CNID), Associação Portuguesa de Radiodifusão (APR) e a Associação Portuguesa de Imprensa (API).



FEDERAÇÃO
PORTUGUESA
DE FUTEBOL



Artigo 30.º

Requisitos do terreno de jogo

1. Os jogos são obrigatoriamente disputados num terreno de jogo relvado, natural ou sintético, não podendo, em caso algum, ser inferior a 100 metros de comprimento e a 64 metros de largura, nem superior a 105 e 68 metros, respetivamente.
2. Os Clubes que não disponham de um terreno de jogo próprio, com as condições indicadas nos números anteriores, devem indicar à FPF qual o estádio que vão utilizar para o efeito.
3. A comunicação referida no número anterior deve ser efetuada até 3 dias antes da realização do sorteio do campeonato, sem prejuízo da informação que deve constar da confirmação de participação feita em cada época.

Artigo 31.º

Zonas Técnicas

Os Clubes definem para cada estádio a Zona Técnica, podendo a FPF emitir parecer, que deve incluir, pelo menos, as seguintes zonas:

- a) Zona situada entre as linhas exteriores do terreno de jogo e a área de ligação entre o terreno de jogo e os balneários;
- b) Zona de corredores de acesso ao terreno de jogo, aos balneários dos Clubes e da equipa de arbitragem;
- c) Balneários dos Clubes e da equipa de arbitragem;
- d) Sala de controlo antidopagem;
- e) Área técnica nos termos das Leis do Jogo.

Artigo 32.º

Acesso e permanência nas zonas técnicas

1. Podem aceder e permanecer na Zona Técnica, em estrita observância da acreditação conferida, os seguintes elementos:
 - a) Delegados da FPF, a Equipa de Arbitragem e o *staff* da FPF;
 - b) Delegados dos Clubes participantes, médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, massagistas, treinadores, jogadores efetivos e suplentes, quando equipados;
 - c) Um treinador de guarda-redes e um técnico de equipamentos;
 - d) Coordenador de Segurança;



- e) Agentes da força de segurança;
 - f) Assistentes de recintos desportivos;
 - g) Apanha-bolas;
 - h) Presidentes dos Clubes participantes;
 - i) Membros da Secção da área não profissional do Conselho de Arbitragem da FPF em exercício de funções;
 - j) Funcionários do operador televisivo titular dos direitos de transmissão televisiva;
 - k) Fotógrafos e outros membros dos órgãos de comunicação social, quando credenciados para o efeito.
 - l) Elementos dos patrocinadores dos Clubes ou da FPF, em exercício de funções, no cumprimento de um contrato de patrocínio;
 - m) Maqueiros e demais elementos dos serviços de urgência médica;
 - n) Técnicos de manutenção do terreno de jogo;
2. Os agentes referidos nas alíneas c), h) e i) do número anterior podem permanecer na Zona Técnica até 15 minutos antes da hora marcada para início do jogo e 15 minutos após o seu termo, sempre que se encontre garantida estrutura de segurança e de controlo adequada e, quando o jogo for o da final, a FPF não se oponha a tal acesso ou permanência.
3. Os fotógrafos apenas podem aceder à área correspondente à alínea b) do artigo anterior, podendo aceder ao terreno de jogo para captação da fotografia oficial das equipas, antes do início do jogo, mas sempre depois de terminado o período de aquecimento dos jogadores e da equipa de arbitragem.
4. Durante o tempo regulamentar e intervalo de jogo, em observância da respetiva credenciação, podem aceder e permanecer na área situada entre as linhas exteriores do terreno de jogo e as bancadas destinadas aos espetadores:
- a) Fotógrafos dos órgãos de comunicação social;
 - b) Funcionários do operador televisivo titular dos direitos de transmissão televisiva;
 - c) Operadores de radiodifusão de âmbito nacional;
 - d) Agentes das forças de segurança pública;
 - e) Coordenador de Segurança;
 - f) Assistentes de recintos desportivos;
 - g) Maqueiros e demais elementos dos serviços de urgência médica;
 - h) Apanha-bolas;
 - i) Técnicos de manutenção do terreno de jogo;



FEDERAÇÃO
PORTUGUESA
DE FUTEBOL



- j) Elementos dos patrocinadores dos Clubes ou da FPF, em exercício de funções, no cumprimento de um contrato de patrocínio.
5. O agente referido na alínea b) do número anterior tem acesso à Zona Técnica, durante o intervalo do jogo e para realização de uma entrevista rápida, desde que antes do início do jogo tenha exibido a sua identificação aos Delegados de jogo e, para efeitos de captação de imagens, tenha fixado a câmara nos locais para o efeito determinados.
6. Compete aos Clubes e à FPF determinar os locais onde podem aceder e permanecer cada um dos elementos referidos no número 4 e onde se devem fixar os instrumentos de trabalho estáticos daqueles.
7. O direito de acesso e permanência dos agentes referidos no número 4 encontra-se condicionado aos interesses da Prova e sujeito ao cumprimento das normas emitidas pela FPF.
8. Sem prejuízo do estabelecido nos números anteriores, os elementos dos órgãos de comunicação social podem ainda aceder aos locais que tenham sido definidos especificamente pelo Clube visitado como destinados ao exercício das suas funções.
9. Aos maqueiros e elementos pertencentes às ambulâncias que devam encontrar-se no estádio, aplica-se o previsto no número anterior, excetuando-se as situações de urgência, nas quais, podem entrar no terreno de jogo através de autorização da Equipa de Arbitragem, e nos balneários através de autorização do Delegado de jogo da FPF ou dos Clubes, consoante estejam ou não presentes aqueles.
10. O acesso à sala de controlo antidopagem é feito nos termos do Regulamento Antidopagem da FPF.
11. Na área técnica apenas o treinador principal pode permanecer e dar instruções táticas.

Artigo 33.º

Acesso aos balneários dos Clubes

1. Apenas os jogadores, dirigentes e delegados dos Clubes, treinadores, médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, massagistas e demais funcionários autorizados, podem entrar e permanecer nos balneários dos respetivos Clubes.
2. A requerimento dos Clubes interessados, a FPF pode autorizar o acesso aos balneários de elementos dos órgãos de comunicação social, excetuando-se os casos em que o acesso a esse balneário seja comum com o da equipa de arbitragem.
3. O acesso dos praticantes desportivos e dos árbitros ao terreno de jogo, a partir dos respetivos balneários, em especial nos estádios vocacionados para a realização de competições de futebol, deve ser efetuado com todas as condições de segurança, nomeadamente através de um túnel subterrâneo ou



através de um vão de saída protegido por manga fixa ou telescópica composta por estrutura resistente a impactes, desembocando junto aos limites do terreno de jogo.

Artigo 34.º

Acesso ao balneário da Equipa de Arbitragem

1. Antes do início do jogo e após o seu termo, têm acesso ao balneário da equipa de arbitragem, para o desempenho das funções respetivas:
 - a) Delegados dos Clubes participantes;
 - b) Delegados de jogo da FPF;
 - c) Membros da Secção da área não profissional do Conselho de Arbitragem;
 - d) Elementos das forças de segurança.
2. Durante o intervalo ou após a conclusão do jogo, podem aceder a esse balneário as pessoas indicadas no número anterior, quando a sua presença seja solicitada pelo árbitro principal designado para o jogo em causa.
3. O acesso por médico para realização de controlo antidopagem é feito nos termos da regulamentação aplicável.
4. Nos casos em que deva existir um coordenador de segurança, tal como se encontra definido na legislação aplicável, aplica-se a este o disposto nos números 1 e 2.

Artigo 35.º

Condições de acesso de espetadores

1. São condições de acesso e permanência dos espetadores nos estádios onde se realizem os jogos do Campeonato o que se encontra previsto na Lei.
2. As condições de acesso dos espetadores aos estádios devem encontrar-se afixadas nas bilheteiras ou ser facilmente disponibilizadas aos interessados e ainda em qualquer outro local onde sejam vendidos bilhetes para os jogos.
3. As zonas para os espetadores devem estar separadas do terreno desportivo, por meio de guarda-corpos, solidamente fixados e resistentes a impactes, constituídos por materiais não combustíveis e construídos de modo a não obstruir a visibilidade, nos termos da Lei e regulamentação da FPF.
4. Os dispositivos previstos no número anterior devem dispor de vãos de passagem para o terreno de jogo, a utilizar em caso de emergência.



FEDERAÇÃO
PORTUGUESA
DE FUTEBOL



5. Cada setor destinado aos espetadores, deve dispor de instalações sanitárias para homens e mulheres, organizados em blocos, separados por sexos e equipadas de acordo com a lotação do setor, nos termos da legislação aplicável.
6. Deve ser reservado pelo menos 1 lugar em cada 900, especialmente previsto para espetadores com mobilidade reduzida, de preferência distribuídos por diferentes locais do estádio, em zona abrigada ou coberta, de modo a garantir fácil acesso em caso de emergência e ainda a permanência de cão-guia, caso exista.

Artigo 36.º

Suportes Publicitários

1. A colocação de faixas e painéis publicitários nos estádios deve respeitar as seguintes distâncias mínimas:
 - a) Entre as linhas exteriores do terreno de jogo e os painéis publicitários - Linha lateral: 4 metros;
 - b) Atrás do centro da linha de golo: 5 metros, sendo esta distância reduzida para 3 metros junto às bandeirolas de canto.
2. Por solicitação devidamente fundamentada dos Clubes, pode a Direção da FPF autorizar a colocação de faixas e painéis publicitários em observância de outras medidas, quando as dimensões dos estádios e ou do terreno de jogo não permitam tais distâncias, nunca podendo, no entanto, tais alterações potenciar o risco de acidentes de qualquer pessoa que se encontre dentro do estádio.
3. De igual forma, as faixas e painéis publicitários a distâncias inferiores às previstas no número anterior não podem ser colocados de forma a obstruir a evacuação dos espetadores para o terreno de jogo, em caso de emergência.
4. Qualquer ação promocional, animação ou espetáculo que o Clube visitado pretenda efetuar no recinto de jogo, antes ou depois da realização deste, ou ainda no seu intervalo, carece de autorização da FPF, que estabelecerá as normas aplicáveis.

Artigo 37.º

Instalação

Nos jogos objeto de transmissão televisiva pela FPF, compete a esta a instalação dos painéis publicitários referentes aos patrocinadores oficiais da prova, nos termos dos artigos 63.º e seguintes.

Regulamento de Provas Oficiais AFB. Capítulo III – Dos Jogos

(fonte: afbraga.fpf.pt/Associacao/Documentacao/Regulamentos)

c) – Mantendo-se o empate após a operação indicada na alínea b), recorrer-se-á à diferença entre o número de golos marcados e o número de golos sofridos pelos Clubes empatados, nos jogos realizados em toda essa fase da competição.

d) – Se ainda subsistir o empate, será melhor classificado o Clube que, em toda a prova, tenha conseguido melhor quociente de vitórias.

e) – Quando se registar igualdade entre dois Clubes, após a aplicação das sucessivas operações indicadas nas quatro alíneas anteriores, realizar-se-á um jogo de desempate entre eles, em campo neutro, no qual em caso de necessidade, recorrer-se-á a prolongamento e, se o empate subsistir, à marcação de pontapés da marca de grande penalidade, para se encontrar um vencedor.

f) – Se, após a aplicação da alínea d), houver mais de dois Clubes ainda empatados, realizar-se-á uma "poule", por pontos a uma volta, em campos neutros, para se encontrar o escalonamento classificativo, procedendo-se aos critérios de desempate atrás mencionados, caso seja necessário.

102.03 – Quando para efeito de subida ou descida de divisão, no final da prova disputada, seja necessário apurar Clubes classificados na mesma posição em séries diferentes, a determinação do(s) clube(s) melhor classificada(s) é efetuada pela aplicação sucessiva dos seguintes critérios:

a) – Maior coeficiente de pontos obtidos na prova/fase.

b) – Maior coeficiente entre a diferença de golos marcados e golos sofridos na prova/fase.

c) – Maior coeficiente de vitórias obtidas na prova/fase.

d) – Maior coeficiente de golos marcados na prova/fase.

§ – O coeficiente é obtido dividindo o valor em causa (pontos, diferença de golos, vitórias ou golos marcados) pelo número de jogos efetuados pelo Clube na prova/fase.

102.04 – Nas provas de Futebol 11, disputadas por eliminatórias, se no final do tempo regulamentar se verificar um empate, recorrer-se-á a um prolongamento de 30 minutos, dividido em duas partes de 15 minutos cada, para se apurar o vencedor. Caso o empate subsista, no final do prolongamento, o vencedor será encontrado, através de desempate por marcação de pontapés da marca de grande penalidade, de acordo com as Leis do Jogo.

102.05 – Nas provas de Futsal, disputadas por eliminatórias, se no final do tempo regulamentar se verificar um empate, recorrer-se-á a um prolongamento de 10 minutos, dividido em duas partes de 5 minutos cada, para se apurar o vencedor. Caso o empate subsista, no final do prolongamento, o vencedor será encontrado, através de desempate por marcação de pontapés da marca de grande penalidade (6 metros), de acordo com as Leis do Jogo.

CAPÍTULO III

103. DOS JOGOS

103.01 – Os jogos realizar-se-ão em campos aprovados pelo Conselho Técnico da A.F. Braga e serão disputados de harmonia com as Leis do Jogo oficialmente adotadas e em vigor.

- 103.02 – No Campeonato Distrital Pró-Nacional, os campos utilizados pelos Clubes participantes nesta Prova Oficial, deverão ser, obrigatoriamente, de relvado natural ou relvado sintético, com as medidas mínimas do terreno de jogo de 100 x 60 metros.
- 103.03 – Os jogos dos Clubes cujos campos se encontram interditados por motivos disciplinares, realizar-se-ão em campo neutro e sob deliberação da A.F. Braga, exceto nas Provas a eliminar, em que o jogo será realizado no Campo do Clube adversário.
- 103.04 – Quando, por más condições de tempo, não for possível efetuar ou concluir um jogo, este realizar-se-á, no mesmo campo, em data a designar pela A.F. Braga, com o acordo dos Clubes intervenientes.
- 103.05 – No caso de acordo entre os Clubes intervenientes, poderá um jogo ser alterado no seu dia, hora ou local, ou até mesmo adiado, após a devida confirmação por parte da A.F. Braga.
- 103.06 – Quando, por qualquer motivo um Clube utilizar um outro Campo para realização de jogo ou jogos, no caso de ser punido com pena de interdição de campo, os jogos desse Clube não poderão ser realizados quer no campo próprio do Clube, quer naquele em que se verificou a infração disciplinar.
- 103.07 – Qualquer jogo que não se realize durante a primeira volta terá de ser realizado antes do início da segunda volta da respetiva Prova, salvo se tal não for possível, por motivo que a A.F. Braga entenda por justificável.
- 103.08 – Os jogos anulados e mandados repetir por motivo de protesto julgado procedente, ou por qualquer outro motivo, serão disputados nos mesmos campos onde se realizaram a primeira vez em data a designar pela A.F. Braga, com o acordo dos Clubes intervenientes.
- 103.09 – A pedido dos Clubes interessados, quando visitados, poderá ser permitida pela A.F. Braga a realização de jogos em horário noturno, desde que as condições de iluminação estejam devidamente aprovadas. Porém a hora para início dos jogos não poderá exceder as 21,30 horas em Futebol de Onze e Sete e as 22,30 horas em Futsal.
- 103.10 – A A.F. Braga comunicará, semanalmente, e com a devida antecedência, nunca inferior a oito dias da data dos respetivos jogos, salvo por razões justificadas, através de Comunicado Oficial a todos os Clubes, indicando os locais, as datas e horas dos jogos.
- 103.11 – As eventuais alterações às marcações dos jogos referidos no ponto anterior, serão comunicadas, através de Comunicado Oficial, a todos os Clubes.
- 103.12 – Nas Provas Oficiais, disputadas por pontos, os jogos das duas últimas jornadas, sempre que seja possível, serão marcados para o mesmo dia com início à mesma hora, sempre que haja implicações classificativas de uma ou das duas Equipas intervenientes nos jogos.



REGULAMENTO DE PROVAS OFICIAIS

2.4 ° Os resultados dos jogos são homologados 30 dias após a sua realização, ficando eventuais infratores, clubes ou atletas sujeitos a suspensão e multas consoante a infração.

CAPÍTULO III

DOS JOGOS

3.1 ° Os jogos realizar-se-ão em campos aprovados pela Comissão de Vistoria da AFGP e serão disputados de harmonia com as regras de jogo oficialmente adotadas e em vigor.

3.2 ° Os campos serão vistoriados anualmente durante a 2ª quinzena de Setembro ou mais cedo se nisso não se verificar qualquer inconveniente, mas sempre em data anterior àquela em que nos campos se irão disputar os jogos oficiais.

3.3 ° O Clube que sofrer qualquer jogo de interdição do seu campo somente começa a cumprir castigo na semana seguinte a data do comunicado do Conselho de Disciplina a informar da penalização.

3.4 ° Os jogos dos clubes cujos campos se encontrem interditos por motivos disciplinares efetuar-se-ão em campo neutro, cabendo a AFGP a indicação do local e hora, nunca sendo a uma distância inferior a 10 km, sendo as custas ao cargo da equipa castigada. Se for jogos da Taça Cidade Berço, o jogo será realizado no campo do clube adversário, sendo as custas ao cargo deste.

3.5 ° O Clube castigado entregará na Associação e na semana seguinte ao jogo, 60 euros para pagamento do aluguer do campo, sendo punida com 20% de agravamento por cada semana de atraso.

3.6 ° Quando por más condições do tempo não for possível efetuar ou concluir um jogo, este realizar-se-á no mesmo campo em data a fixar pela AFGP suportando esta as custas da arbitragem.

3.7 ° Todas as equipas são obrigadas a dispensar os seus recintos de jogos a AFGP quando solicitados.

3.8 ° As equipas só podem jogar em campos inscritos nesta época na AFGP.



REGULAMENTO DE PROVAS OFICIAIS

3.9 ° Os jogos começarão à hora determinada sendo punida com multa a equipa que originar o atraso do início do jogo.

3.10 ° Horário dos jogos:

a) **Sexta-feira** - Só se poderão realizar jogos com o consentimento das duas equipas e da Associação. O horário dos jogos será com início às 21h00.

b) **Sábado** com início às 15h00 horas, hora de inverno, 16h00 hora de verão.*

** Outro horário só com o consentimento da Associação.*

c) **Domingo** com início entre as 9h00 e 10h00.

d) Em caso de adiamento ou antecipação da jornada terá de haver acordo com o clube adversário, nomeadamente, quanto à data da realização do mesmo jogo.

e) Os jogos adiados na 1ª volta terão de ser realizados antes do início da 2ª volta.

f) Os jogos adiados durante a 2ª volta terão de ser realizados antes das 3 últimas jornadas da época.

g) Não é permitido o adiamento nem antecipação de jogos nas três últimas jornadas da época. Nas 2 últimas jornadas do campeonato os jogos em que estejam em jogo títulos, subidas ou descidas de divisão, efetuar-se-ão todos à mesma hora.

h) O clube que faça falta de comparência durante as 3 últimas jornadas será punido com derrota e perderá o direito a totalidade da caução.

3.11 ° Quando por motivo de obras nos seus campos de jogos ou suspensão do mesmo, utilizarem campo alheio, e se nestes vierem a ser punidos com pena de interdição, os futuros jogos terão de ser disputados em campo diferente dos que vinham utilizando, e do seu próprio.

3.12 ° Os jogos terão a duração de 90 minutos divididos em 2 partes de 45 minutos cada.

3.13 ° Ao clube visitado competira sempre fornecer as bolas necessárias para o jogo, mas permite-se que cada um dos clubes apresente uma bola para cada metade do encontro.

Calendário Geral das Provas Oficiais AFPG. Época 2014/2015

(fonte: afpgguimaraes.blogspot.pt)



Associação de Futebol Popular de Guimarães

Calendário Geral das Provas Oficiais

Época 2014/2015

Meses	Ano	Dias		1ª Divisão	2ª Divisão	Observações
Setembro	2014	20	Sábado	Taça João Fernandes		Taça João Fernandes
Setembro	2014	27	Sábado	Pré-eliminatória Taça Cidade Berço		Taça Cidade Berço
Outubro	2014	4	Sábado	1ª Jornada	1ª Jornada	Campeonato
Outubro	2014	11	Sábado	2ª Jornada	2ª Jornada	Campeonato
Outubro	2014	18	Sábado	3ª Jornada	3ª Jornada	Campeonato
Outubro	2014	25	Sábado	Inter Concelhias	4ª Jornada	Inter Concelhias
Novembro	2014	1	Sábado	4ª Jornada	Descanso	Campeonato
Novembro	2014	8	Sábado	5ª Jornada	5ª Jornada	Campeonato
Novembro	2014	15	Sábado	Inter Concelhias	6ª Jornada	Inter Concelhias
Novembro	2014	22	Sábado	6ª Jornada	7ª Jornada	Campeonato
Novembro	2014	29	Sábado	7ª Jornada	8ª Jornada	Campeonato
Dezembro	2014	6	Sábado	Inter Concelhias	9ª Jornada	Inter Concelhias
Dezembro	2014	13	Sábado	8ª Jornada	10ª Jornada	Campeonato
Dezembro	2014	20	Sábado	9ª Jornada	11ª Jornada	Campeonato
Dezembro	2014	27	Sábado	Inter Concelhias	Descanso	Inter Concelhias
Janeiro	2015	3	Sábado	10ª Jornada	12ª Jornada	Campeonato
Janeiro	2015	10	Sábado	11ª Jornada	13ª Jornada	Campeonato
Janeiro	2015	17	Sábado	Inter Concelhias	Descanso	Inter Concelhias
Janeiro	2015	24	Sábado	12ª Jornada	14ª Jornada	Campeonato
Janeiro	2015	31	Sábado	Taça Cidade Berço 1ª Eliminatória		Taça Cidade Berço
Fevereiro	2015	7	Sábado	13ª Jornada	15ª Jornada	Campeonato



Associação de Futebol Popular de Guimarães

Calendário Geral das Provas Oficiais

Época 2014/2015

Meses	Ano	Dias		1ª Divisão	2ª Divisão	Observações
Fevereiro	2015	14	Sábado	Inter Concelhias	16ª Jornada	Inter Concelhias
Fevereiro	2015	21	Sábado	14ª Jornada	17ª Jornada	Campeonato
Fevereiro	2015	28	Sábado	15ª Jornada	18ª Jornada	Campeonato
Março	2015	7	Sábado	Inter Concelhias	Descanso	Inter Concelhias
Março	2015	14	Sábado	16ª Jornada	19ª Jornada	Campeonato
Março	2015	21	Sábado	17ª Jornada	20ª Jornada	Campeonato
Março	2015	28	Sábado	Inter Concelhias	21ª Jornada	Inter Concelhias
Abril	2015	4	Sábado	18ª Jornada	22ª Jornada	Campeonato
Abril	2015	11	Sábado	Taça Cidade Berço 2ª Eliminatória		Taça Cidade Berço
Abril	2015	18	Sábado	19ª Jornada	23ª Jornada	Campeonato
Abril	2015	25	Sábado	Inter Concelhias	24ª Jornada	Inter Concelhias
Maio	2015	2	Sábado	20ª Jornada	25ª Jornada	Campeonato
Maio	2015	9	Sábado	Inter Concelhias	Descanso	Inter Concelhias
Maio	2015	16	Sábado	21ª Jornada	26ª Jornada	Campeonato
Maio	2015	23	Sábado	22ª Jornada	27ª Jornada	Campeonato
Maio	2015	30	Sábado	Taça Cidade Berço Meia-final		Taça Cidade Berço
Junho	2015	6	Sábado	Final Taça Cidade Berço		Taça Cidade Berço
Junho	2015	13	Sábado	Gala encerramento		Gala

Guimarães, 11 de Setembro de 2014

A Direcção

Atilio Costa
Presidente

Programações do 40 e 41º Aniversário da União Desportiva de Polvoreira
(fonte: facebook.com/udpolvoreira)

UNião Desportiva de Polvoreira
40 ANOS
9 a 22 JUNHO ▶ 5, 6 e 7 JULHO

▶ PINTURAS FACIAIS ▶ INSUFLÁVEIS ▶ MUITAS SURPRESAS

SAB 06/07 09H00 ALVORADA FESTIVA E MÚSICA GRAVADA
14H00 TORNEIO DE CHINCALHÃO COM VALIOSOS PRÉMIOS
21H00 ATUAÇÃO DO GRUPO DE DANÇA BLACKANGELS
21H30 ATUAÇÃO DO ARTISTA LUIZÃO E A SUA BANDA

DOM 07/07 09H00 ALVORADA FESTIVA E MÚSICA GRAVADA
10H00 ROMAGEM AO CEMITÉRIO / HOMENAGEM SÓCIOS FALECIDOS
11H00 MISSA CAMPAL EM MEMÓRIA DOS SÓCIOS FALECIDOS
14H00 CORTEJO TRADICIONAL COM CARROS ALEGÓRICOS
21H00 ATUAÇÃO DO GRUPO FOLCLÓRICO ACR CONDE S. MARTINHO
00H00 ESTRONDOSA SESSÃO DE FOGO DE ARTIFÍCIO

**▶ DURANTE A FESTA VISITA O NOSSO BAR ONDE TERÁS BONS PETISCOS
▶ TUDO O QUE PRECISAS DE SABER EM WWW.FACEBOOK.COM/UDPOLVOREIRA**

GRUPO DE DANÇA BLACKANGELS (SABADO 06/07 e DOMINGO 07/07)
GRUPO FOLCLÓRICO ACR CONDE S. MARTINHO (DOMINGO 07/07)
LUIZÃO BANDA E A SUA BANDA (SABADO 06/07)

CORTEJO REGIONAL ALEGÓRICOS (DOMINGO 07/07)

40 ANOS POLVOREIRA

41 anos UNIAO DESPORTIVA POLVOREIRA
FUNDADA EM JULHO DE 1973

4 5 6
JULHO

SEXTA-FEIRA
21H00 TORNEIO DE SUECA COM VALIOSOS PRÉMIOS

SÁBADO
09H00 ALVORADA FESTIVA E MÚSICA GRAVADA
14H00 TORNEIO DE CHINCALHÃO COM VALIOSOS PRÉMIOS
21H00 ACTUAÇÃO DO GRUPO ESTRELAS DA MEIA NOITE
00H00 ESTRONDOSA SESSÃO DE FOGO DE ARTIFÍCIO

DOMINGO
09H00 ALVORADA FESTIVA E MÚSICA GRAVADA
10H00 MISSA EM MEMÓRIA DOS SÓCIOS FALECIDOS NA IGREJA DE POLVOREIRA
14H00 CORTEJO TRADICIONAL COM CARROS ALEGÓRICOS E LEILÃO DE OFERENDAS (SAÍDA DA CERCA)
21H30 ACTUAÇÃO DO GRUPO FOLCLÓRICO DE POLVOREIRA (CANTAR DOS PARABÉNS COM BOLO)
00H00 ESTRONDOSA SESSÃO DE FOGO DE ARTIFÍCIO

GRUPO ESTRELAS DA MEIA NOITE (SÁBADO)
GRUPO FOLCLÓRICO DE POLVOREIRA (DOMINGO)

DOMINGO
CORTEJO DE CARROS ALEGÓRICOS

DURANTE A FESTA VISITE O NOSSO BAR E PROVE OS PETISCOS
ACOMPANHE OS JOGOS DO MUNDIAL NO NOSSO ECRA

www.fisstudio.com

Edições de 2014 e 2015 da *Grande Festa do Clube de Aldão*
(fonte: facebook.com/grc.aldao)

GRUPO RECREATIVO CULTURAL DE ALDÃO

A GRANDE FESTA DO CLUBE DE ALDÃO

18, 19 e 20 Julho

Sexta 18
22:00 OS "APLAUSOS"
VENHA DANÇAR AO SOM DOS ANOS 60, 70 E 80

Sábado 19
09:30 RONDA DOS TAMBORES
14:00 TORNEIO DE SUECA
19:00 ACTUAÇÃO DOS MENINOS DA ESCOLA DO PULO DE ALDÃO
22:00 DUO SHOW-ON E AS SUAS BAILARINAS
00:00 AULA DE ZUMBA
COM MANUELA VIEIRA & FRANCISCO MACHADO
01:00 DJ LENA

Domingo 20
09:00 MISSA EM MEMÓRIA DOS SÓCIOS FALECIDOS
IGREJA PAROQUIAL DE ALDÃO
15:00 TORNEIO DE SUECA
FASE FINAL
18:00 SUPRESSA DA TARDE
20:00 "OS SAÍDA DE EMERGENCIA"
ROCK MADE IN ALDÃO
21:30 GRUPO FOLCLÓRICO DE S. TORCATO

GRUPO RECREATIVO CULTURAL DE ALDÃO

GRANDE FESTA DO CLUBE DE ALDÃO

7, 8 e 9 de Agosto de 2015

Escola do Pulo de Aldão

SEXTA-FEIRA dia 7
SERVIÇO DE JANTAR E TAKE AWAY
22:00h. DUO SHOW ON E SUAS BAILARINAS

SÁBADO dia 8
SERVIÇO DE ALMOÇO, JANTAR E TAKE AWAY
09:00h. RONDA DOS TAMBORES
14:00h. TORNEIO DE SUECA
19:00h. ATUAÇÃO DOS MENINOS DA ESCOLA DO PULO DE ALDÃO
22:00h. CONCERTO MUSICAL DE PAULO JORGE
00:00h. AULA DE ZUMBA
GINÁSIO VILA ATIVA

DOMINGO dia 9
SERVIÇO DE JANTAR E TAKE AWAY
09:00h. MISSA EM MEMÓRIA DOS SÓCIOS FALECIDOS
IGREJA PAROQUIAL DE ALDÃO
14:00h. TORNEIO DE SUECA
18:00h. LELIÃO POPULAR
19:00h. CONCURSO DE KARAOKE

Show-On

PAULO JORGE

PIRA EVENTOS

Programa do 38º Aniversário do Clube Desportivo de Abação (fonte: facebook.com/cdabacao)
 Arraial dos "Amigos de Urgeses" – Festa de Final do Ano (fonte: facebook.com/amigosurgeses)



CLUBE DESPORTIVO DE ABAÇÃO
 FUNDADO EM 10 JUNHO 1977
 38.º ANIVERSÁRIO
 PROGRAMA

06. JUNHO 2015
 20H30 – Jantar Clube Desportivo de Abação - Fim de Época
 O jantar é aberto aos Sócios e Simpatizantes do Clube. Será realizado na Quinta do Pombal, para mais esclarecimentos contactar a Direcção.

10. JUNHO 2015
 11H00 – Eucaristia nas instalações do C. D. de Abação
 Celebrada pelo Sr. Padre José Manuel
 Missa por Intenção de todos os Sócios Falecidos

15H30 – Jogo de Futebol Solteiros vs Casados

CANTAR OS PARABÉNS AO CLUBE PELO SEU 38.º ANIVERSÁRIO

14. JUNHO 2015
 09H30 – Cicloturismo: Traz a tua bicicleta e vem percorrer a nossa Freguesia num agradável passeio convívio.

20. JUNHO 2015
 15H30 – Torneio de Sueca: Troféus para os 1º 2º 3º e 4º Classificados.

27. JUNHO 2015
 15H00 – Torneio de Chincalhão Masculino: Troféus para os 1º 2º 3º e 4º Classificados.
 Final Taça Clube Desportivo de Abação
 22H00 – Actuação do Cantor Carlos Almeida.

28. JUNHO 2015
 15H00 – Torneio de Chincalhão Feminino: Troféus para as 1º 2º 3º e 4º Classificadas.

05. JULHO 2015
 08H00 – Passeio Anual (local por definir).

Arraial dos "Amigos de Urgeses"
 Festa de Final do Ano



16 horas – Festa final do Ano "As Marchas Populares"
 Atuação das crianças da creche e ATL
 Entrega de diplomas aos finalistas



17.30 horas – Entrega de faixas às equipas campeãs

19 horas – Arraial
 (Sardinha assada, fêveras, chouriços, pimentos, caldo verde, bolo com sardinhas/carne, broa, feijoada, rojões)



Participe e traga a sua família!

Magustos do Grupo Desportivo de Gémeos – tardes de convívio com *oferta de castanhas e vinho*
(fonte: gddegemeos.blogs.sapo.pt)

GRUPO DESPORTIVO DE GÉMEOS

MAGUSTO

TARDE DE CONVÍVIO ENTRE
SÓCIOS, AMIGOS E SIMPATIZANTES

CAMPO JOGOS DO G. D. DE GÉMEOS



OFIR SHOW

ANIMAÇÃO

OFIR dueto

SHOW

DOMINGO

OFERTA 15 HORAS

20

CASTANHAS E VINHO NOVEMBRO

Este evento realiza-se com a solidariedade de
Sócios, Amigos e Simpatizantes do G. D. de Gémeos

GRUPO DESPORTIVO DE GÉMEOS

MAGUSTO

Domingo 16 Novembro
15:00 Horas

CAMPO JOGOS DO G. D. DE GÉMEOS

TARDE DE CONVÍVIO ENTRE
SÓCIOS, AMIGOS E SIMPATIZANTES

OFERTA DE CASTANHAS E VINHO



Actuação do
conjunto musical

PAI E FILHO

de tabuadelo

Este evento realiza-se com a solidariedade de
Sócios, Amigos e Simpatizantes do G. D. de Gémeos
e com o apoio da Junta de Freguesia de Gémeos



Torneios de Sueca e Chincalhão – com prémios
 (fontes: facebook.com/acgonca; gddegemeos.blogspot.pt)



TORNEIO DE CHINCALHÃO

CAMPO JOGOS GÉMEOS

SÁBADO 12 SETEMBRO 2009
a partir das **14.30 Horas**

1º Prémio - 2 PORCOS

2º Prémio - 2 PRESUNTOS

3º Prémio - 2 FRANGOS

4º Prémio - 2 PATOS

5º Prémio - 2 COELHOS

6º Prémio - 2 GARRAFAS VINHO PORTO

INSCRIÇÕES:
5 MALHAS

PAU LIMPO:
1º Prémio - 1 FRANGO
2º Prémio - 1 GARRAFA DE WHISKY

NO LOCAL FUNCIONARÁ UM COMPLETO SERVIÇO DE BAR COM BONS PETISCOS E BOM VINHO

A receita reverte a favor do Grupo Desportivo de Gémeos PARTICIPA E TRAZ UM AMIGO !!!





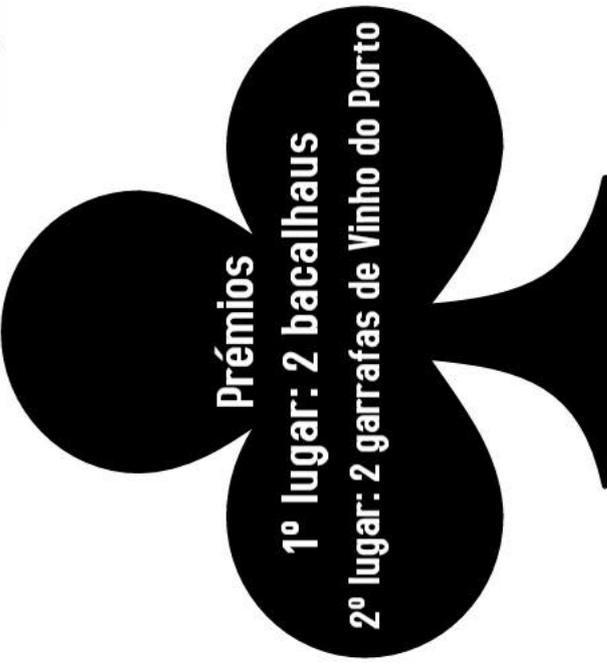






A Torneio de Sueca





Prémios

1º lugar: 2 bacalhaus

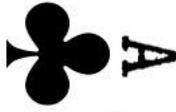
2º lugar: 2 garrafas de Vinho do Porto

SÁBADO Sede do AC GONÇA

10 DEZEMBRO 14 horas

Custo de inscrição: 10 naipes por equipa

Peça uma ficha de inscrição neste estabelecimento e inscreva-se até dia 9 de Dezembro ou então, inscreva-se até ao início do torneio na sede do AC Gonça.



Bilhete e regulamento do sorteio: "a cagada do vitelo"
 (fonte: gdegemeos.blogs.sapo.pt)

<p style="text-align: center; border: 1px solid black; padding: 5px;">N.º 000</p> <p>Nome: _____</p> <p>_____</p> <p>Morada: _____</p> <p>_____</p> <p>Telef.: _____</p> <p>_____</p>	<div style="display: flex; align-items: center;">  <div> <p style="margin: 0;">SORTEIO</p> <p style="margin: 0;">"A CAGADA DO VITELo"</p> <p style="margin: 0;">CADA BILHETE TEM O PREÇO DE 2,50</p> </div> </div> <table border="1" style="width: 100%; text-align: center;"> <tr> <td>57</td><td>23</td><td>7</td><td>14</td><td>78</td><td>34</td><td>13</td> </tr> <tr> <td>17</td><td>31</td><td>103</td><td>1</td><td></td><td>53</td><td>10</td> </tr> <tr> <td>62</td><td>4</td><td>92</td><td>41</td><td>70</td><td>89</td><td>135</td> </tr> <tr> <td>46</td><td>81</td><td>67</td><td>40</td><td>8</td><td>101</td><td>77</td> </tr> </table> <p style="font-size: small;">O SORTEIO REALIZA-SE SÁBADO DIA 5 DE JULHO DE 2008, PELAS 15:00 HORAS PRÊMIO: 1 VITELo (OU O SEU VALOR 500,00)</p> <div style="text-align: right; border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin: 0 auto;"> <p style="margin: 0;">N.º 000</p> </div>	57	23	7	14	78	34	13	17	31	103	1		53	10	62	4	92	41	70	89	135	46	81	67	40	8	101	77
57	23	7	14	78	34	13																							
17	31	103	1		53	10																							
62	4	92	41	70	89	135																							
46	81	67	40	8	101	77																							

REGULAMENTO:

O SORTEIO SERÁ NO CAMPO DE JOGOS DE SÊMEDI, QUE ESTARÁ DIVIDIDO EM QUADRADOS. CADA UM TERÁ UM NÚMERO QUE ESTARÁ ENTERRADO, DE UMA FORMA DESORDENADA.

O QUADRADO VENCEDOR SERÁ ENCONTRADO ATRAVÉS DA PRIMEIRA "CAGADA DO VITELo".

CASO ACONTEÇA O VITELo DEFECAR EM CIMA DE UMA LINHA DIVISÓRIA, O PRÊMIO SERÁ DIVIDIDO POR DOIS. SE ELE ESCOLHER UMA CRUZ, A DIVISÃO SERÁ POR QUATRO.

O VENCEDOR SERÁ CONTACTADO PARA O N.º DE TELEF. DO CANHOTO E TERÁ 30 DIAS PARA RECLAMAR O PRÊMIO, QUE SERÁ PUBLICADO EM WWW.GDEGEMEOS.BLOGS.SAPO.PT

Programas de Inaugurações

(fontes: facebook.com/profile.php?id=100010205857583; facebook.com/udpolvoreira)



05 de OUTUBRO, 10h00

CERIMÓNIA DE INAUGURAÇÃO DO COMPLEXO DESPORTIVO SMFC

PROGRAMA

- 10h00** | Receção aos convidados
- 10h30** | Cerimónia de apresentação de todos os atletas do clube
- 11h00** | Sessão solene com a presença do Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, Doutor Domingos Bragança
- 12h00** | Bênção do complexo desportivo por parte do pároco da freguesia
- 13h00** | Almoço comemorativo do 37º aniversário do clube

MUITA ANIMAÇÃO!!!!!!



Complexo Desportivo SMFC
Rua de Secim, União de Freguesias Candoso Santiago e Mascocelos

UNIÃO DESPORTIVA DE POLVOREIRA

O Presidente da União Desportiva de Polvoreira, Carlos Oliveira, tem a honra de convidar Vossa Ex^{ta}

INAUGURAÇÃO 2 JULHO

PARQUE DESPORTIVO DOS CARVALHOS

RELEVADO SINTÉTICO

MEGA INSUFLÁVEIS

PORCO NO ESPETO & CALDO VERDE

PROGRAMA

- 14H30** | Hasteamento das Bandeiras | Salva de Fogo | Atuação e Animação de Bombos
- 15H30** | **GRUPO DE BOMBOS ESCOLAS DE MODELOS | PAÇOS DE FERREIRA**
| Cortejo de Abertura (Saída dos Prédios)
- 16H00** | **FANFARRA DO CNE DE POLVOREIRA | GRUPO FOLCLÓRICO DE POLVOREIRA**
| ATUAÇÃO DA BANDA THE SQUARE
| Sessão Solene com a presença do Exmº Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, Dr. Domingos Bragança
| CERIMÓNIA E ENTREGA DE LEMBRANÇAS
- 17H00** | ATUAÇÃO DA BANDA THE SQUARE
| Convívio/Lanche
- 18H00** | **OPEN DAY FUTEBOL | TRAQUINHAS - PETIZES - BENJAMINS - INICIADOS**
- 21H30** | **ATUAÇÃO DO GRUPO FOLCLÓRICO DE POLVOREIRA**
- 00H00** | **CONCERTO DA BANDA THE SQUARE**
| Estroada Sessão de Fogo de Artifício
| Abertura das Comemorações do 43º Aniversário



Complexo do Urgeses está melhor dotado. *Desportivo de Guimarães*. Guimarães. ano VIII, nº 441 (2000)
Queremos estabilidade. *Desportivo de Guimarães*. Guimarães. ano VIII, nº 389 (2001)

Obras inauguradas no último sábado Complexo do Urgeses está melhor dotado



O Amigos de Urgeses inaugurou, no último sábado, obras de melhoramento do Complexo Desportivo. A inauguração contou com as presenças do delegado e sub-delegado do Instituto Nacional do Desporto (IND), Francisco Lamas, presidente do Amigos de Urgeses, referiu ao DESPORTIVO o que concretamente foi feito ao nível das infra-estruturas que merecesse ser inaugurado:

«Inauguramos obras de melhoramento não obras definitivas. O nosso sonho é acabar o Complexo Desportivo, mas por enquanto apenas inauguramos a secretaria - que vai funcionar com todos os 'ques' -, já temos quatro degraus de bancada e fizemos um muro de suporte para respirando de águas pluviais. Fizemos ainda obras de limpeza no ser inaugurado:

«Inauguramos obras de melhoramento não obras definitivas. O nosso sonho é acabar o Complexo Desportivo, mas por enquanto apenas inauguramos a secretaria - que vai funcionar com todos os 'ques' -, já temos quatro degraus de bancada e fizemos um muro de suporte para respirando de águas pluviais. Fizemos ainda obras de limpeza no

Complexo Desportivo e a remodelação dos banheiros». Segundo Francisco Lamas, as obras agora inauguradas não têm um orçamento avaliado:

«Os orçamentos das obras são quase como os do futebol. Só no final das obras vamos saber. É impossível fazer uma estimativa da parte dos custos, foram suportados pela Câmara Municipal, mas grande parte do dinheiro gasto saiu das contribuições dos associados e de passivos em particular que fosse possível terminar estes melhoramentos».

As obras no Parque Desportivo de Urgeses não vão parar por aqui. A próxima meta é terminar a construção

«Queremos estabilidade»

Manuel Teixeira espera época sem sobressaltos

REPORTAGEM

«Fazer melhor que no ano passado»

Carvalho, deixado ex-bevêdem

Manuel Teixeira foi o homem escolhido para liderar a nova temporada em substituição de Adão Mendonça. O clube não mudou o clube na época transaccional. Manuel Teixeira não quer ser o substituto de Adão Mendonça, mas quer fazer melhor que no ano passado.

«Fizemos um ano muito bom, mas não quero ser o substituto de Adão Mendonça, quero fazer melhor que no ano passado. Quero fazer um ano muito bom, mas não quero ser o substituto de Adão Mendonça, quero fazer melhor que no ano passado».

«Subir degrau a degrau»

Bezirra, médico ex-Oliveirense

Doutor, mas visita ao serviço da Oliveira e está no degrau para reforçar o sector médico do clube. E mais com vontade de combater um lugar na equipa. E com esta intenção que veio com o que vai no novo clube e com os projetos que lhe foram apresentados.

«Venho para ser titular»

Ferreira é uma das novas caras para a defesa do clube. O jogador, opção por muito tempo, quer mostrar o seu valor. Adora que esteja na altura de mudar de clube. E quer mostrar o seu valor. Adora que esteja na altura de mudar de clube. E quer mostrar o seu valor.

«Venho para ser titular»

Ferreira é uma das novas caras para a defesa do clube. O jogador, opção por muito tempo, quer mostrar o seu valor. Adora que esteja na altura de mudar de clube. E quer mostrar o seu valor.

OCASIÃO DA SEMANA

Redução das Cotas, Part. 2.

Urgeses - Guimarães

181.283.9594

DESPORTIVO DE GUIMARÃES

Queremos um Estádio novo. *Desportivo de Guimarães*. Guimarães. ano VIII, nº 385 (1999)

ACTUALIDADE

ENTREVISTA

7



**MANUEL PIZARRO, EM EXCLUSIVO
DEPOIS DO REGRESSO AO JUVENTUDE DE RONFE**



Queremos um Estádio novo

Vamos tentar dar a volta com projectos que temos, ver se podemos fazer algo diferente que cative as pessoas. Mas para que isso aconteça é necessário que essas mesmas pessoas tenham respeito por quem vai, mais uma vez, trabalhar em prol do bem estar do clube.

De mãos dadas com a Casa do Povo

Objectivamente o que pensa fazer a esse nível?

Nunca prometi nada a ninguém, nunca disse que íamos fazer ou deixar de fazer. No entanto, o Ronfe neste momento têm dois projectos que já foram aprovados na Câmara e que estão à espera de ser aprovados pelo Governo. Queremos renovar a secretária, tornando-a digna, e construir um espaço de venda de artigos desportivos. Por outro lado, o clube vai fazer uma grande viragem assinando um protocolo com a Casa do Povo. Vai haver um intercâmbio extremamente importante ao nível social, desportivo e financeiro. Dou um exemplo. A Casa do Povo vai comprar uma carrinha, o Ronfe vai comprar uma outra carrinha com o apoio de amigos, e é uma coisa que tenho de dizer às pessoas. Elas não têm participado nestas situações e devem passar a fazê-lo. Por outro lado, o clube cederá à Casa do Povo o seu autocarro, uma vez por mês, para que os idosos possam passear. Em contrapartida, a carrinha da Casa do Povo será cedida ao Futebol Juvenil do clube, colmatando uma lacuna que tínhamos.

Outro projecto que pretendemos levar em diante são as escolinhas. Dos 6 aos 12 anos todos os miúdos de Ronfe podem participar, desde que os seus pais sejam associados do clube. Este projecto terá a parceria de uma escola de Guimarães que dará todo o apoio logístico e desportivo. São iniciativas de peso e as pessoas têm de as agarrar, colaborando e dando as mãos. Se isso não acontecer, a gente desanima. Para terminar, ao lado da Casa do Povo será montado um bellissimo snack-bar e as receitas revertirão a favor das camadas jovens. São iniciativas que pretendemos venham a redundar num desafio financeiro porque os mecenases acabaram.

São iniciativas, todas elas, com a mesma clara finalidade. Permitir a junção de forças na vila. A colaboração entre clube e Casa do Povo será extremamente importante nesse sentido porque o passado revela algumas questões cruciais entre estas duas associações. De uma vez por todas parece possível congregar esforços no mesmo sentido.

Exactamente. Isso é que é fundamental. Temos que aproveitar o facto dessas duas associações extremamente dignas estarem de mãos dadas. Numa vila como a de Ronfe, se conseguirmos esta união parece-me que é um trabalho muito válido.

Conclusão. Quem não estiver de corpo e alma com estes projectos é sinal evidente de que não está com a vila e com as instituições que mais a enobrecem e dignificam?

Claramente. Sou dessa opinião. A Casa do Povo está a dar os seus primeiros passos, mas o Juventude de Ronfe têm um passado muito interessante e que foi como o Vitória para Guimarães. O clube têm levado o nome da vila a todos os lados.

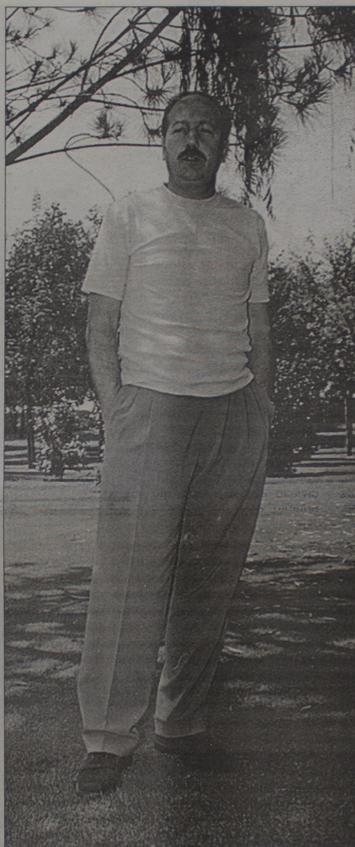
Há pouco falou numa iniciativa que me parece pioneira à dimensão de clubes como o Ronfe. A abertura da loja de venda de artigos desportivos.

O imóvel vai ficar junto da secretária e trata-se exactamente de uma iniciativa pioneira. Vamos aproveitá-la ao máximo porque o Ronfe precisa de receitas fixas. A loja e o snack-bar fazem parte desse projecto que desejamos levar a bom porto.

Por outro lado, e foi outra das razões que me fez regressar, temos em mente o grande projecto de mudança do Parque de Jogos. Já foi submetido à Câmara o projecto com as ideias que pretendo e, em consonância com a Paróquia, desejamos mudar o campo relvado para uma zona desportiva situada junto do actual campo de treinos. Vai haver uma reorganização na própria vila para que a curto prazo se possa construir essa zona desportiva.

O que é objectivamente significativa «curto prazo»?

Não depende de nós. A Câmara vai ter a última palavra. A Paróquia têm uma grande vontade de fazer essa reorganização no sentido de



construir um Lar da 3ª Idade, o clube também concorda com essa reorganização mas, como é evidente, isso não depende só de nós. Não temos verbas disponíveis, elas terão de vir da Câmara e do Governo para que possamos dar o arranque a estas vontades.

Projecto para ter «casa» nova

Este projecto significa a extinção do actual Parque de Jogos?

Claro. Acho que seria uma boa mudança mas, repito, não depende só de nós. Defenderei sempre o clube e o projecto não será por nós entravado, isso é que é certo porque entendo que todos ganharemos com esta re-

mente que ponham a equipa a jogar bem. Tenho esperanças que o vamos conseguir porque a direcção confia nas capacidades desta equipa técnica.

A 2ª divisão B não é uma miragem...

O que é que achou da última época, assinalada por duas fases antagónicas. A primeira com o Jorge Baptista, onde os resultados foram muito interessantes, e a segunda marcadamente negativa?

Acompanhei um pouco a época e há claramente essas duas situações distintas. O Jorge Baptista estava a fazer um bom trabalho mas a situação financeira do clube foi de tal modo perturbadora que ele foi vítima dessa conjuntura e das pessoas que não colaboraram com a direcção. O Ronfe tinha uma boa equipa mas, na hora da verdade, se calhar, as pessoas não ajudaram a direcção. O Jorge é uma bellissima pessoa que têm, na minha perspectiva, um excelente futuro à sua frente na qualidade de treinador. Depois, o Beto teve de terminar a fase mais negra dessa conjuntura. Era um beco quase sem saída e a época é para esquecer. É importante não repetir os erros que foram cometidos.

Encontrou um beco quase sem saída também ao nível financeiro?

Bastante. O Ronfe passou um mau bocado, teve complicações com jogadores mas felizmente conseguiu-se comprá-los com as coisas realizando algumas iniciativas. Vamos continuá-las porque não são os mecenases que vão pôr dinheiro ao fim do mês. Isso é que não. É importante que as pessoas ajudem e trabalhem no sentido de evitar que se repita uma época como a última, seguramente a mais negativa em termos financeiros desde que eu conheço o Juventude de Ronfe.

O elenco directivo formado é, no seu entender, o ideal para «combater» o futuro?

Propus às pessoas não ser eu a escolher a direcção. Por isso é que não admito nem aceite que haja mais diferenças em torno dos directores. Disse às pessoas que arranjassem uma direcção credível e que eu seria o presidente. E se ainda há pessoas que dizem que estou

mal acompanhado, essas pessoas são responsáveis porque não apareceram. Esta é a direcção com quem vou trabalhar de corpo e alma e confio nela porque é constituída pelas pessoas que se prontificaram a trabalhar em prol do clube.

Para a próxima temporada, pretende exactamente que a equipa produza bons espectáculos e que tente sempre vencer ou no seu plano de trabalho pensa em algo mais?

Estamos a dar a volta ao problema financeiro no plano desportivo não podemos embaldeirar em arco. Estipulamos um orçamento mais baixo cinco mil contos do que na época passada. É uma diferença abismal. Agora, isso não significa que o plantel seja pior. Pelo contrário, acho que vamos ter um plantel equilibrado, coisa que não aconteceu no ano passado. Não vamos ter craques, porque não temos dinheiro para eles, e mais uma vez vamos apostar na formação. É paraí que passa o futuro, independentemente de ser importante ter alguma experiência no meio do plantel. Vontade de vencer temos muita, mas há limitações. O importante é passar a uma qualidade razoável do plantel, podemos fazer um campeonato engraçado e produzir, acima de tudo, bons espectáculos.

E esta é, como já disse nesta entrevista, a última oportunidade que dá ao Ronfe. Imaginemos que tudo corre na perfeição, que o cenário no final da temporada é risonho. Nessa altura, Manuel Pizarro equacionará seriamente a possibilidade de continuar?

Sim, se as coisas correrem bem e se as pessoas aderirem, o Ronfe têm pernas para andar e comigo na presidência ou na direcção, o clube poderá ser capaz de criar uma estrutura de auto-financiamento a médio-longo prazo. É esta perspectiva que as pessoas têm de agarrar.

A 2ª divisão B não é uma miragem para o clube, uma vez que até já lá esteve?

Não é uma miragem mas o importante é o clube consolidar-se ao nível das infraestruturas e da 3ª divisão. Depois, se vier alguma coisa por acréscimo logo se verá.

ABEL SOUSA

Objectivo é subir. *Desportivo de Guimarães*. Guimarães. ano VIII, nº 493 (2001)

Sandinenses não é um clube de aldeia. *Desportivo de Guimarães*. Guimarães. ano VI, nº 284 (1997)

PRESIDENTE JOSÉ CARNEIRO REVELA DESAFIO DO S. ROMÃO

“Objectivo é subir”

Miguel Freitas
(mfreitas@guimaraesdigital.com)



Depois de uma época em que o São Romão desceu de divisão, José Carneiro salienta “não” ter feito um investimento forte. “Escolhemos jogadores que tenham boas capacidades, não só a jogar, mas também como homens”.

Além das contratações feitas a outros clubes, uma das grandes novidades para a nova temporada “é a aposta que vamos fazer nos jogadores que vêm dos juniores. Contratamos alguns atletas bem conhecidos e de reconhecido valor e ficamos com os que entendemos que tinham condições para ficar da época transacta”.

Depois de um ano desportivo cheio de infelicidade, o São Romão quer

este ano limpar a má imagem que deixou para trás. Para tal, o objectivo traçado é arrojado. “Normalmente há muitas pessoas que não têm a coragem de dizer com frontalidade, mas o projecto desta direcção é levar a equipa de volta à Divisão de Honra do futebol distrital. Sabemos que não vai ser fácil porque não somos a única equipa a querer subir mas garantimos, desde já, que tudo vamos fazer para atingir os nossos intentos”.

Para o projecto da subida, José Carneiro depositou toda a confiança em Fernando Pinto para ocupar o lugar do timoneiro da equipa. Homem bem conhecedor dos cantos da casa, “é um treinador como muitos outros que passaram pelo clube e que merece o nosso respeito. No entanto, deixou boas recordações da sua passagem por cá e penso que nesta altura é a melhor escolha que poderíamos fazer. Temos toda a confiança nele e creio que tem todas as capacidades para levar esta equipa até onde pretendemos”.

Infra-estruturas remodeladas

À semelhança do treinador, encontram-se no plantel nomes bem sonantes e conhecidos do futebol distrital. É o caso de Cacá que, depois das passagens por S. Paio e Ponte, regressa ao São Romão. Outro nome bem conhecido é Zé Manel (conhecido como Zé Almei-

da, ex-Airão).

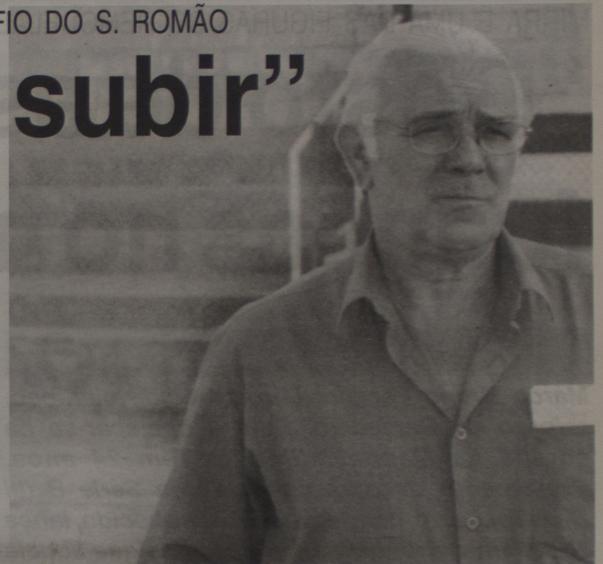
Estes dois jogadores são exemplo de “atletas experientes que temos no plantel. Procuramos contratar jogadores que possam fazer a diferença nos momentos cruciais e, na realidade, ajudar o plantel a ser mais forte. Temos muitos jogadores jovens, com força e vontade de jogar futebol e

com estes mais experientes creio que formamos um bom conjunto para fazer a carreira desejada”.

De referir que “dentro das posses do clube” o treinador foi o principal responsável pela formação do plantel. Por fim, José Carneiro salientou que nem só de novidades a nível desportivo vive o clube. Também a nível de infra-

estruturas o São Romão vai aparecer de cara lavada no decorrer da nova temporada.

O presidente do clube referiu que “as instalações vão ser remodeladas, como por exemplo as vedações e bancos de suplentes. Também o piso do terreno de jogo poderá ser substituído”, complementou José Carneiro.



JOSÉ CARLOS

EM SANDE DE CORPO E ALMA

Já ninguém tem dúvidas. José Carlos encontrou em S. Martinho de Sande o clube ideal para desenvolver um trabalho sem sobressaltos e está para ficar. No começo de mais uma temporada, o “magriço” promete trabalhar com empenho e dedicação por forma a viabilizar e solidificar o projecto do Sandinenses. De regresso ao Campeonato Nacional da 2ª Divisão “B” - Zona Norte, o Sandinenses apostou na maturidade de José Carlos e, acima de tudo, nos seus conhecimentos enquanto técnico da 2ª Divisão. A temporada será, sem surpresa, de dificuldades mas a vontade de protagonizar uma época tranquila pode superar todos os obstáculos.

SANDINENSES NÃO É CLUBE DE ALDEIA O NOSSO LUGAR É NA 2ª DIVISÃO “B”

MARCO AURÉLIO

José Carlos, com que espírito está o Sandinenses a encarar o início de uma temporada em que disputará um campeonato que não é lhe desconhecido?

Aquilo que nesta altura temos no pensamento pren-

dos últimos anos. À semelhança da época passada pretendemos praticar um bom futebol, muito embora saibamos que a época será mais difícil porque os adversários serão mais cotados.

Que garantias dispõe para poder adiantar que está em condições de realizar

de êxito. De qualquer das formas, e não posso deixar de o repetir, temos que procurar ganhar todos os jogos e esse será o espírito que os jogadores vão ter de adquirir para o futuro. Dessa forma acho que o nosso trabalho estará mais facilitado.

Os objectivos da equipa

decisivo para a minha continuidade. No meu conceito, um técnico tanto pode fazer um bom trabalho na 1ª divisão nacional como na distrital. A minha passagem pelo Sandinenses está a enriquecer o meu curriculum.

Treinará mais um clube de aldeia num campeonato cada mais profissional?

tação de mais dois ou três jogadores.

Já sabe se vai ou não poder contar com o concurso do Primo?

A situação do Primo penso que será resolvida dentro em breve e o facto de estar a treinar no Fafe não quer dizer nada. Que eu saiba quem manda no Primo

terão problemas. A espinha dorsal mantém-se e o conhecimento entre todo o grupo de trabalho é agora superior pelo que estou esperançado que esses podem valer muito mais do que aquilo que valeram aquando da primeira passagem por este campeonato.

Não deixou de fazer uma



Notícias acerca do protocolo entre Didáxis e o Grupo Desportivo de Serzedelo
(fonte: facebook.com/gdserzedelo00)

freguesias

Promoção da prática do desporto é a prioridade deste acordo

Didáxis assina protocolo desportivo com GD Serzedelo

Filipe Jesus*



A Didáxis e o Grupo Desportivo (GD) de Serzedelo firmaram, no passado sábado, na escola de Ribad'Ave, um acordo de cooperação desportiva. Este protocolo prevê a inclusão de jovens atletas da equipa de futebol de sete da escola famalicense nas equipas de futebol de onze do clube vilaranense.

Num ano em que a Didáxis festeja 40 primaveras, a aposta no desporto continua a ser vista como algo importante para a cooperativa de ensino. Nessa perspetiva, o acordo celebrado com o GD de Serzedelo pretende que os jovens que praticam futebol de sete na Didáxis prossigam a sua evolução futebolística ao serviço do clube vizinho, do concelho de Guimarães.

Após a assinatura do acordo, o presidente da Direção da Didáxis, José Fernandes, sublinhou que o propósito deste protocolo é "a promoção do desporto com uma instituição da comunidade próxima". José Fernandes garante que os jovens terão "as melhores condições para poder singrar" e admitiu que o GD Serzedelo se revelou "o parceiro mais credível e o que se mostrou mais disponível".

Esta possibilidade de os jovens continuarem a praticar futebol resolve assim a falta de competição para os alunos que não têm idade para competir em provas de futebol de sete. A transição para o GD Serzedelo é, assim, elogiada por José Fernandes, que aproveitou ainda para garantir que a Didáxis não irá assinar mais acordos com outras instituições desportivas.

Por seu turno, o presidente do GD Serzedelo, Jorge Costa, alinhava pelo mesmo diapasão de José Fernandes e reforça que este acordo é fundamental "para promover a prática do desporto". No entanto, Jorge Costa confessa que o objetivo primordial "é formar homens", na medida em que "a competição não pode estar acima de qualquer objetivo". Ainda assim, o líder máximo do clube vilaranense afirmou que o GD Serzedelo irá oferecer todas as condições para que os jovens possam eventualmente singrar no futebol.

Jorge Costa referiu ainda que o clube apostou recentemente nas camadas jovens, uma vez que "não existia tradição de futebol de formação no clube". Nesse sentido, o presidente do GD Serzedelo entende que o acordo assinado com a Didáxis "será muito bom" para o clube e uma forma de os jovens da escola famalicense poderem alimentar o sonho de chegar à alta competição.

*com José Clemente

Primeiros passos no protocolo entre Didáxis e GD Serzedelo



O recente acordo assinado entre a Didáxis e o Grupo Desportivo de Serzedelo já está a ser levado a efeito. O primeiro ato oficial desta parceria foi o arranque da preparação das equipas de futebol de onze para a época 2015/2016, com destaque para a equipa de Juniores. O conjunto de Paulo Ribeiro deslocou-se a Braga para defrontar o GD Figueiredo, num jogo de preparação que culminou com um triunfo por 3-0, com os golos a serem obtidos por Belmiro (2) e Carlitos. Os Juniores têm nova partida agendada para o próximo domingo, às 10 horas, no reduto do S. Cosme.

Relativamente aos escalões de Iniciados e Juvenis, estão a decorrer captações para atletas nascidos nos anos de 1999, 2000, 2001 e 2002. Os treinos realizam-se no relvado sintético da Escola Didáxis, em Riba d'Ave, às segundas, quartas e sextas-feiras, pelas 18 horas. Os interessados devem comparecer no local indicado ou entrar em contacto através do email formacaogds@gmail.com ou do contacto 917393152.

Projeto pioneiro que concilia futebol aos estudos
(fonte: facebook.com/DesportivoDeRonfe)

RONFE // PROJECTO

Empresa investe no Ronfe com projecto pioneiro que concilia futebol aos estudos

Em Janeiro arranca a "Academia Berço do Papel". Um projecto de responsabilidade social de uma empresa que cria uma Academia virada para a formação de atletas ao nível desportivo, escolar e para a cidadania. A Junta é parceira.



LUÍS PEREIRA
luispereira@reporterlocal.com

O Desportivo de Ronfe vai ter uma Academia. A empresa "Berço do Papel" é a criadora e promotora do projecto e empresta o nome. A Junta de Freguesia local é a primeira parceira encontrada para este que é um ambicioso e pioneiro projecto que concilia o desporto ao estudo e acompanhamento psicológico do atleta. A ideia nasce da responsabilidade social da empresa de comércio de papel, sediada em S. Jorge de Selho, mas cujo administrador tem ligação à terra ronfense. "Fechar o circuito" do atleta do Desportivo de Ronfe, não permitindo que este vagueie nos tempos de espera entre as aulas e os treinos; fazer um acompanhamento escolar das crianças e jovens fora do contexto das aulas formais e gerir tecnicamente as expectativas quer pessoais, quer desportivas do atleta, estão na mira dos objectivos da "Academia Berço do Papel" que arranca em Janeiro com o projecto-piloto. "Queríamos inventar algo. Não dar o apoio financeiro ao clube só porque sim. Encomendamos o projecto

a uma empresa de consultadoria e o resultado é uma ideia nunca vista nesta região", frisa Manuel Mendes, administrador da "Berço do Papel".

A "Academia" resulta de uma política estratégica da empresa em desenvolver um projecto de e para a comunidade. A "Berço do Papel" investe financeiramente, desde logo na concepção e acompanhamento do projecto e ganha com o marketing implícito. O Desportivo de Ronfe cede as instalações, cria novos serviços, gerando receita própria, e responde às famílias dos seus atletas.

"Nada melhor que este projecto para um clube que tem na formação a principal concentração dos seus objectivos, como é o caso do Desportivo de Ronfe. O projecto aposta na formação dos atletas enquanto homens. Com a academia passamos a ter um maior controle dos atletas em termos escolares. Nós tentamos sempre inculir-lhes que o mais importante são os estudos. Mas há casos problemáticos que nos fogem ao controlo, embora tentemos, à nossa maneira, repreendê-los quando os resultados escolares não correspondem às expectativas", explica Rui Barros, presidente do Desportivo de Ronfe.

Numa fase inicial, o acesso à "Academia Berço do Papel" está restringida aos cento e oitenta atletas do clube. A expectativa é que, com o projecto cimentado, este evolua e abra-se à comunidade.

A ideia passa por fazer com que o quotidiano dos atletas seja feito entre casa, escola e academia. Assim, as instalações do clube deixam de ser apenas e só o espaço onde se joga futebol, passando a ser também um lugar multifuncional onde se estuda, desenvolvem-se actividades diversas e se tem acompanhamento técnico especializado.

Dar emprego a professores, preferencialmente residentes na vila, é também um dos objectivos da "Academia Berço do Papel. Para já esses lugares só serão possíveis de ser ocupado por um número reduzido de três profissionais. Ter um psicólogo de desporto, é uma das ambições.

Quem também se mostra interessada em que o projecto vingue é Adelaide Silva. A presidente da Junta vê na iniciativa uma forma de mostrar uma Ronfe atractiva. "O papel da Junta é o de incentivadora e, mais tarde, na necessidade, com a cedência de espaços complementares à formação dos jovens", adianta a autarca.

“Conseguimos trazer o futebol popular de volta, mas somos mais que desporto”

(fonte: facebook.com/ACRDNespereira)

ACRD Nespereira

“Conseguimos trazer o futebol popular de volta, mas somos mais que desporto”

Quem o afirma é Idálio Oliveira, da Associação Cultural, Recreativa e Desportiva (ACRD) de Nespereira. “Em pouco tempo conseguimos trazer o futebol popular de volta, fruto também do trabalho da anterior direção que “pegou” no futebol - quando o futebol popular em Nespereira não existia - e colocou o clube na 2ª liga do Campeonato de Futebol Popular de Guimarães. Entretanto, o clube subiu à 1ª divisão e foi aí que nós tomámos posse”, começou por explicar o dirigente, à frente da ACRD de Nespereira há pouco mais de um ano.

O trabalho tem sido grande e um ano depois de tomar posse o clube venceu a Taça Cidade Berço e ficou em quarto lugar no campeonato. “É sempre uma grande satisfação ganhar uma prova, mas não me posso esquecer que a associação não é só futebol popular, é também de formação, é de um grupo de enfermeiros como o PEDAL, uma iniciativa que, todas as quintas-feiras, levamos a cabo e que nada mais é do que uma volta informal de bicicleta”. “Participámos também na



Feira Afonsina e demos apoio ao início de um grupo de teatro que surgiu em Nespereira”, partilhou o responsável. “O objetivo é envolver o máximo de atividades culturais,

recreativas e desportivas”, contudo, reconhece, “o futebol popular requer bastante trabalho”. O mesmo empenho e dedicação é canalizado para a formação: “A

aposta no futebol de formação é a pensar no futuro (...) e foi assumido, logo de início, que é uma aposta diferente da dos outros clubes que temos na vizinhança. Nós preferimos

a parte de formar e educar do que a parte competitiva. Claro que os resultados desportivos são fantásticos (...) só que não é só com vitórias no futebol que se formam crianças, também é preciso saber perder”.

O clube conta com 15 crianças e para o ano há a intenção de abrir outro escalão - o de infantis: “Se quiserem inscrever os miúdos no futebol de formação em futsal, dos anos 2005 a 2008, nós estamos a aceitar inscrições”, afirmou.

Idálio Oliveira confessa que gostaria, no futuro, de ter uma equipa de formação feminina e espera que quando chegar ao fim do seu mandato haja gente que queira assumir as rédeas da associação: “A minha maior vitória seria, no final do mandato, encontrar outra equipa. Se não aparecer podemos tirar duas conclusões, ou o grupo está a ser muito bem liderado ou há aqui um vazio e isso é que me assusta ao nível associativo”. Para o ano a ACRD de Nespereira vai completar 25 anos de existência. ■

Clínica do Infante + Grupo Desportivo de Selho: Uma parceria saudável.
(fonte: facebook.com/GDS-grupo-desportivo-de-Selho-389579414430884)

The advertisement features a central graphic with a white plus sign. The top part of the graphic has a dark grey bar with the text 'Clínica do Infante' in blue. Below this, a blue bar contains the text 'Grupo Desportivo de Selho' in white. To the left of this bar is the logo of G.D. Selho, which is a shield with a soccer ball and the letters 'G. D.' and 'SELHO'. To the right of the plus sign is a stylized logo of a person with arms raised, holding a blue ball. Below the main text, there are two callout boxes: a blue one on the left with white text and a dark grey one on the right with white text. At the bottom left, there is a small block of text in a light blue box. At the bottom of the entire graphic, there is a line of small text providing contact information.

Clínica do Infante + **Grupo Desportivo de Selho**

Uma parceria saudável.

Se és sócio do Selho tens 20% de desconto !!

Na especialidade de Podologia.

Na apresentação do seu cartão de associado do Selho terá um desconto de 20%* na consulta da especialidade de Podologia.
*Desconto válido durante a época desportiva.

Clínica do Infante - Parque do Infante (atrás da PSP) Rua Dr. João Afonso de Almeida, nº 335 4800-035 Azurém | www.clinicadoinfante.com | Info@clinicadoinfante.com | 253 088 929

